



Mundial:

Havelange reeleito presidente da FIFA

João Havelange, o brasileiro presidente da FIFA, foi esta manhã reeleito no seu cargo, durante o Congresso que atrasou, por algumas horas, a nomeação dos árbitros para os jogos de amanhã e depois, em Alicante e Madrid.

Para dirigir a final do Mundial-82, são apontados dois nomes: o do brasileiro Arnaldo Coelho e o do português António Garrido. Como curiosidade aponta-se o facto de a Comissão de Árbitros da FIFA ter «aconselhado» Garrido a não aceitar o convite da CBF para dirigir o recente Brasil-RFA.

Por outro lado, a ausência da selecção «canarinho» da festa de Santiago Bernabeu poderá «obrigar» à nomeação de Arnaldo Coelho.

(Pág. 16 e 17)



Os Stones em Madrid: “Divinos”

A nossa enviada Lourdes Faria escreve de Madrid que os Rolling Stones foram «insuperáveis e divinos» na capital espanhola. Na foto: Mick Jagger líder do conjunto. Pág. 24.

Chefe do Estado-Maior do Exército israelita gravemente ferido nos combates?

Hora de negociar chegou a Beirute

• Exercícios navais dos EUA diante de Trípoli

O general Rafael Eitan, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas israelitas, terá sido gravemente ferido em combate ocorrido no dia 6 nos arredores de Beirute — informa a agência IPS, citando fontes libanesas e de Telavive. Apesar de alguns duelos de artilharia, a luta no Líbano passou, entretanto, do campo militar para o das negociações, que giram em torno dos planos norte-americanos de intervenção directa, para cuja concretização se deslocaram já 1800 fuzileiros e diversos barcos da VI Esquadra, os

quais se encontram junto das costas libanesas. Enquanto o Pentágono afirmava ontem que a intervenção dos militares norte-americanos estava longe de ser decidida, a OLP, os progressistas libaneses, o Amal e os muçulmanos sunitas chegaram, com o primeiro-ministro libanês Wazzan, a uma plataforma de entendimento sobre a criação de uma força internacional de supervisão dum cessar-fogo prévio à retirada palestina de Beirute. Apesar da sua derrota militar, a OLP vai averbando

vitórias diplomáticas: Yasser Arafat foi convidado a deslocar-se ao Parlamento Europeu de Estrasburgo, Faruk Kadumi foi oficialmente recebido em Londres, e a maioria dos deputados italianos pediu ao Governo um reconhecimento pleno da OLP. Por outro lado, a única resposta oficial dos EUA à mensagem que o dirigente soviético enviou ontem a Reagan sobre o Líbano, foi a de que a URSS não apresentava nenhum ultimato. Por fim, a agência líbia JANA anunciava hoje que a VI Esquadra dos

EUA vai iniciar amanhã manobras militares, junto das costas líbias de Trípoli, exercícios que se prolongarão por dois dias. A agência considera que tais manobras são mais uma operação inserida na tentativa de completar a invasão do Líbano, de aniquilar os povos palestino e libanês e a resistência do restante mundo árabe. A agência refere que a conspiração em curso engloba sionistas, norte-americanos e sauditas.

Páginas Centrais

ONU vai discutir o envelhecimento

As Sociedades contemporâneas “deitam fora” os seus idosos



Desenho de Ronald Cobb

Vivemos num mundo que despreza os idosos como se eles fossem vasilhame irreversível. Mas, negando-lhes um lugar na sociedade, as formações sociais que assim procedem estão a desperdiçar uma valiosa fonte de recursos. Além disso, a população mundial está presentemente a envelhecer a um ritmo que nunca conhecera na História... A ONU organiza, sobre o tema do envelhecimento, uma conferência mundial em Viena, que começará no próximo dia 26.

Pág. 10

Enquanto se renovam
críticas a Balsemão

PSD marca Conselho Nacional
para o próximo dia 23 Pág. 4

Autarcas PSD ameaçam
com demissão

Governador Civil da Guarda
põe as Câmaras em polvorosa

Pág. 5

Por decisão do CR

Licença militar
deixa de ser precisa
para sair do País

Desertores devem
apresentar-se para poderem
ser amnistiados Pág. 9

Concurso «DL»/82

Ainda pode
concorrer

CONTINUA A REPETIÇÃO
DOS CUPÕES DA 1.ª SÉRIE

Hoje n.ºs 16 e 17

O preconceito anti-comemorações pombalinas

Maria Helena Carvalho dos Santos

1. Em 1777, após a morte do rei D. José, várias queixas apresentadas à rainha levaram à instauração de um processo judicial de que foi réu José Sebastião de Carvalho e Melo, conde de Oeiras e marquês de Pombal. Tratou-se daquilo a que já chamei o primeiro julgamento. Tudo ficou como estava e de questão pessoal em questão pessoal a História não ganhou nem com o processo a Pombal, nem com o perdão de D. Maria. Não havia ainda a perspectiva histórica que deixasse entender o pombalismo, que tanto tem de requinte de malvezes como de abertura à construção de uma nova ordem.

Se, historicamente, uma classe devia conquistar o lugar tradicionalmente ocupado por outra, certamente não era necessário despedaçar os ossos dos Távoras em frente da duquesa mãe. Se era preciso proteger a qualidade, o preço e os proprietários do chamado vinho do Porto, talvez não houvesse que sentenciar homens e mulheres do povo, no Porto, na organização de uma (ou várias) de vassas monumentais. E para construir Vila Real de Santo António talvez não fosse obrigatório

sacrificar a povoação antiga de Monte Gordo. Estes são apenas alguns dos muitos exemplos que estão na mente de todos (mesmo dos menos sábios) sobre o terrível Marquês que tinha pêsos e pedras no coração e expulsou de Portugal os jesuítas, mandando-os de presente ao papa.

2. Em 1882, os grupos que tinham comemorado dois anos antes o 3.º centenário de Camões, aproveitaram o élan e muitos dos carros alegóricos então usados e reconstruíram um herói. O homem da pátria e da autoridade perante as pressões estrangeiras. O homem que fizera frente à Igreja e tivera a coragem de impor condições à Santa Sé. O homem que laicizara o Estado. O homem que fizera as reformas. Enfim, na dificuldade, inventa-se o herói e fazem-se «procissões cívicas» obrigando (?) a uma reflexão nacional em tempo de crise. A Igreja e os jesuítas, que de novo se haviam instalado no Paço, podiam ser vistos de novo — e eram-no desde a «geração de 70» — como uma das causas «da decadência dos povos peninsulares».

A emigração para o Brasil, de-

pois da abolição ali da escravidão, não trazia soluções para as carências sempre acrescentadas. A continuação da descolonização e o desmembramento do Império faziam aumentar a contestação ao governo. As organizações operárias pareciam sintonizadas com as vozes dos socialistas e dos republicanos, embora estes, como partidos em formação, traçassem percursos diferentes, mas fossem convergentes em relação à crítica ao governo, à monarquia, à Casa de Bragança, à hierarquia da Igreja e à sua actuação na política.

Na proibição de manifestações contestatárias e na proibição expressa de insígnias republicanas nos desfiles, surgem as comemorações pombalinas, isto é, o pretexto que é usado e leva escritores e políticos como Latino Coelho, Machado de Assis, Sílvio Romero, Oliveira Martins, Júlio de Matos ou Teófilo Braga a fazerem o panegírio de Pombal. O ditador do século XVIII foi a bandeira contra o descontentamento do século XIX.

3. Cabe-nos hoje, friamente, cientificamente, estudar o século XVIII português, o absolutismo esclarecido, as luzes, e tentar, ainda, entender o comportamento dos patriotas dos fins do século XIX.

Decorreu durante este ano as comemorações do 2.º centenário da morte do Marquês de Pombal. Um grupo de socialistas, republicanos, liberais, historiadores, intelectuais, políticos, escritores, desencadeou uma série de iniciativas que se alargaram e vão estendendo de organismos oficiais a escolas e fábricas.

4. Que se pretende? Quanto a mim uma série de coisas que comecem por deixar entender que o centenário é ainda um pretexto, mas desta vez para pôr questões. Onde começam as luzes em Portugal? Até onde nos conduzem? Onde se encontram as raízes do liberalismo? O que significa a força de um primeiro-ministro (ou de um rei) que reúne a corte, o corpo diplomático e a hierarquia católica em frente à plataforma onde se matam os representantes das mais tradicionais casas nobres portuguesas?

A segunda metade do século XVIII português é um tempo de crise, de fractura ou de evolução? Economicamente, o que quer dizer «companhias monopolistas»? Socialmente o que quer dizer extinção da distinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos? Culturalmente o que quer dizer reforma do ensino?

Politicamente o que quer dizer «rei absoluto de direito divino»? Juridicamente o que quer dizer «lei da boa razão»? Ideologicamente o que quer dizer absolutismo-esclarecido? E despotismo-esclarecido? Tolerância quer dizer Real Mesa Censória? Deísmo quer dizer religião? Auto-de-fé quer dizer judeu? Escravo quer dizer açúcar? Reforma quer dizer progresso? Igreja quer dizer ignorância?

Perseguições, interrogatórios, exílios; enciclopédia, filósofos, revolução — são as contradições do século XVIII. Para Portugal também.

5. Nem tudo acaba em política porque nem tudo começa em mística. Seria ridículo que os historiadores portugueses do século XX seguissem dois caminhos igualmente descabidos: que recorressem a uma figura do século XVIII para fazer política ou que a usassem como bandeira. Posto isto, fica delineada a proposta das comemorações: estudar o século XVIII português; proporcionar um ponto de encontro aos estudiosos da época, no Colóquio Internacional, em Dezembro e, posteriormente, num Centro de Estudos do Século XVIII (a criar); trocar a anedota pelo problema e não ter medo de pôr questões e de revisar a História de Portugal.

O terceiro julgamento, o da Ciência, o da História, o de 1982, não terá por réu o velho marquês, que a História não tem vocação de juiz. Mas em confronto serão postos o nosso passado comum e os intelectuais portugueses descomprometidos com a História.

(Assistente da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Nova de Lisboa).

EXPO
LISBOA
DESAFIO
AO
FUTURO

tem a palavra o leitor

Câmara de Lisboa, publicidade e jogadores de futebol

Leitor assíduo do vosso jornal, dirijo-me a V. através de o DIÁRIO DE LISBOA, na secção destinada aos leitores, poder desabafar, se isso me for dado, e o caso tiver interesse.

É que, ultimamente, tenho visto certa publicidade exposta nos painéis colocados pela Câmara Municipal de Lisboa, nas ruas da Baixa, com jogadores de futebol a incentivar-nos para que conservemos a cidade limpa, isto é, que utilizemos os receptáculos colocados à disposição para o efeito.

Evidentemente que, seja qual for a pessoa que aconselhe ou estimule aquele incentivo, muito bem, mas escolher-se, especificamente, o cidadão jogador de futebol para nos influenciar a não sujar as ruas, não descortina a razão da escolha. Não será futebolizar demasiado?

Se a classe representada fosse, por exemplo, a dos farmacêuticos que têm de ter uma limpeza extrema na sua função; se fossem os astronautas que sugerissem a este mundo terreno ser tão limpo, quanto é aquele

em que caminham, onde nem há moscas; se fosse um simples profissional de limpeza compreender-se-ia, mas um jogador de futebol, em grande «poster», investido da sua camisola de clube, com o seu ar de perdido no centro da cidade, será pelo menos despropósito.

Pela via que o problema nos é posto, eu que até aqui era atento aos meus actos, em relação à limpeza urbana, de futuro, em intenção dos recomendadores, farei primeiro uma bolinha do que tiver à mão para deitar fora e chutá-la-ei, a procurar acertar no receptáculo dos papéis.

Assim, como assim, até alvitro um jogador de basquete, o que seria mais apropriado, mais certo e mais barato... que o trabalho de pé anda, incrivelmente, bem pago.

Enfim, agora sabemos, operações de limpeza é com os futebolistas.

Joaquim Pintão
Lisboa



Envie as colecções até 24 de Agosto

Terminada a publicação das duas Séries de Cupões e do Boletim de Identificação, o leitor só tem agora que enviar as suas Colecções (cupões n.ºs 1 a 30 de qualquer das séries).

Lembramos que:

● O leitor deve usar apenas um boletim por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope.

● O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal.

● O TALÃO RECIBO deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado terá de juntar um selo de correio de 10\$00. Coloque o selo visivelmente junto do Boletim, de forma a não o inutilizar (não use fita gomada, não agrave e não cole).

● O PRAZO DE ENVIO termina em 24 de Agosto de 1982 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviada para

DIÁRIO DE LISBOA - CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44
1200 LISBOA

● O ENVIO PELO CORREIO é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções.

● O APURAMENTO DAS COLECÇÕES será feito entre 3 e 10 de Setembro sendo esta última a data prevista para o sorteio.

DL
ASSINATURAS E NÚMEROS ATRASADOS
Rua Luz Soriano, 17

Horário: 09.00 às 13.00 e 14.00 às 17.30

ENCERRADO AOS SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS

Pedidos pelo Correio
Podem ser atendidos, mediante pagamento antecipado, através de cheque, vale ou selos dos CTT

NÃO ENVIAMOS À COBRANÇA

PARQUE EDUARDO VII
De segunda a sexta-feira, da 17.30 às 22 horas
Sábados e domingos, das 15 às 22 horas

No próximo dia 13 das 18 às 20 horas o presidente da Câmara e os vereadores responsáveis pelas áreas do Saneamento, Salubridade, Obras e Segurança, estarão presentes no Pavilhão da Exposição para responder às perguntas dos munícipes sobre a política da Câmara no âmbito daquelas áreas

política de A a Z

A crise no seio do PSD

DEPOIS do Partido Socialista — e sem que a crise interna neste esteja sanada —, surge no PSD um novo episódio na telenovela histórica da sucessão de Francisco Sá Carneiro. Na luta, pela herança política do chefe desaparecido, e tanto a nível da chefia do Governo, como a nível da liderança partidária, enquanto outros avançam e recuam, dois homens, ambos ex-ministros de Sá Carneiro, não desistem: Eurico de Melo e Aníbal Cavaco Silva.

Um minhoto. Algarvio o outro. E nesta diferente origem regional presente-se o simbolismo de uma contestação da liderança de Francisco Pinto Balsemão que tem raízes no Norte e no Sul, que tem apoios em todo o País, e que começa a exprimir-se directa, e significativamente, pela voz dos próprios autarcas sociais-democratas.

A carta, com data de 6 de Julho, que Aníbal Cavaco Silva e Eurico de Melo dirigiram às Comissões Políticas Distritais do PSD, não expõe uma argumentação nova, mas relacionando com a crise do partido e a crise nacional, renova o convite a Francisco Pinto Balsemão para que desista: «O dr. Pinto Balsemão, que teve a coragem de assumir a liderança do PSD e do Governo em momento bem difícil da vida do partido e do País, sendo por isso credor do respeito de todos os militantes, deve agora assumir um sentido nacional e reconhecer que a sua substituição é necessária e fazer todo o possível para que ela se processe sem perturbação».

Não parece que este apelo recolha a adesão do visado. O dr. Francisco Pinto Balsemão, cuja «cooperação» é considerada necessária pelos dois signatários do apelo para operar «esta mudança», não estará disposto a desistir e a facilitar a vitória dos seus opositores. Cavaco Silva e Eurico de Melo consideram, o que não será uma indicação positiva quanto à força de que dispõem, que: «Depende, em grande parte do dr. Pinto Balsemão que a sua substituição se processe com dignidade, sem criar divisões dentro do PSD e instabilidade política no País, sem agravar os problemas económicos e sem perturbar a revisão constitucional que é urgente completar».

Da crise interna do partido PSD, da crise no seio da Aliança Democrática, onde — segundo os críticos — se têm «multiplicado os sinais de desarticulação e desconfiança interna», da crise económica e financeira, da crise resultante da «entrada para o Governo, na recente remodelação de pessoas que no passado recente estiveram abertamente ao lado do general Eanes, contra o PSD e a AD, numa luta na qual perdeu a vida o líder do nosso partido», não se vislumbra — para além do acento polémico e da dramatização — qualquer relação lógica com uma mudança na direcção do PSD, e do Governo, mediante um apelo deste tipo.

É certo que os ex-ministros Cavaco Silva e Eurico de Melo afirmam que: «A necessidade de mudança ao nível da chefia do Governo e da presidência do partido é desde há algum tempo amplamente reconhecida em privado por militantes do PSD, mesmo por muitos que ocupam lugares destacados na hierarquia partidária». (O sublinhado é nosso). É certo que, inconformados com o facto dessas opiniões favoráveis à mudança no partido se manifestarem em privado, Cavaco Silva e Eurico de Melo proclamam que: «A situação portuguesa não se compadece com a continuação de atitudes deste tipo e com o medo de assumir a responsabilidade de mudar». É certo que Cavaco Silva e Eurico de Melo se dirigem às «bases» do Partido Social-Democrata (PSD),

entendendo que a elas compete «como verdadeiro motor do Partido, exigir que os membros dos órgãos nacionais tenham a coragem de enfrentar o problema... tenham a coragem de procurar uma solução». É certo que Cavaco Silva e Eurico de Melo insistindo na responsabilidade do PSD, o «maior Partido português», se sentem pressionados pelos problemas nacionais e pela degradação que se vem acentuando. Citamos: «A situação económica e financeira tem vindo a degradar-se de tal modo que pode comprometer, durante vários anos, o desenvolvimento do País e a melhoria das condições de vida da população e ter graves consequências nos planos social e políticos».

Se é evidente a culpabilização, por parte destes ex-ministros de Sá Carneiro dos governos da chefia de Francisco Balsemão, também é patente a concordância objectiva deste quadro que esboçam e as acusações produzidas pelas oposições parlamentares, extraparlamentares e sindicais.

Aos desiludidos do corpo eleitoral vêm juntar-se os desencantados da militância partidária, e uma coisa parece ser desancada de todas as outras desgastante nas relações interpartidárias no seio da «Aliança Democrática», é o facto das «crises», e por extensão as «remodações», darem a imagem de um PSD inseguro, dilacerado, hesitante, em contraste com a tranquilidade e a segurança do CDS. A opinião pública é oferecida, até por colaboradores mais ou menos íntimos do Primeiro-Ministro e presidente do Partido, uma imagem de manobra e de intriga, de interna competição e de conflitos adiados, enquanto o CDS se apresenta como um partido sem problemas. A minicrise do afastamento de Rui Pena já está esquecida, e as crises do PSD mantêm-se, arrastam-se nuns casos, noutros aprofundam-se, das próprias cinzas se renovam.

Com Eurico de Melo e Cavaco Silva — e não sabemos, ontem derrotados nas instâncias centrais e nacionais do PSD, que apoios novos terão conquistado — o que se realimenta é a inconformidade de muitos que se consideram herdeiros do pensamento de Francisco Sá Carneiro, com a liderança de Francisco Balsemão e dos seus colaboradores mais próximos. Não lhes parece possível que os dirigentes nacionais do PSD não tenham presença nacional para além da actuação de um Governo, onde se encontram subalternizados ou representados por tecnocratas e homens políticos que não foram companheiros de Francisco Sá Carneiro. Este Governo AD que governa mal, não é, para Cavaco Silva e Eurico de Melo, o Governo da continuidade da Aliança Democrática criada por Francisco Sá Carneiro, é um governo de transição para uma situação híbrida — à mercê de Eanes, à mercê de Mário Soares —, é um governo de infidelidade.

Eles não acreditam na «falta de alternativas». Essa é «uma questão que serve apenas de refúgio para que tudo continue na mesma e para esconder alguma falta de coragem para assumir a responsabilidade de procurar soluções para os problemas que enfrentamos».

Corajosos e frontais — não duvidamos — são os dois ex-ministros de Francisco Sá Carneiro, mas, para o propósito em que insistem — o afastamento de Francisco Balsemão da chefia do governo e da liderança do Partido — serão suficientes a frontalidade e a coragem?

Mais uma vez a força aliciadora e corruptora do Poder não calará os críticos que os apoiam, não desanimará os descontentes que os aplaudem, não calará os desiludidos que os incentivam?

De qualquer modo, e qualquer que seja o futuro desta nova diligência crítica, o que podemos concluir, do exterior do PSD, é que a crise interna, daquele que se proclama o «maior Partido português», é um fogo que não está extinto.

ponto a ponto



● A subcomissão criada para a análise da Lei Quadro de Municípios e a criação do concelho de Vizela concluiu já um relatório sobre estas matérias. A Comissão Parlamentar de Poder Local reúne na segunda-feira para analisar o documento.



● A secretária de Estado da Família, Teresa Costa Macedo, afirmou ontem no Funchal que «sem habitação condigna e uma boa assistência social não se pode pensar em promover a família como estrutura». «Não é a família que está em crise, mas sim os homens e as mulheres» declarou Teresa Costa Macedo, que orientou no Funchal um encontro subordinado ao tema «A Mulher, a Família e a Sociedade», promovido pelo secretário das mulheres cristãs democratas e democratas-sociais da região.



● Sá Machado, ex-ministro dos Negócios Estrangeiros e administrador da Fundação Gulbenkian encarregado das relações com a África, seguiu esta madrugada para a Guiné-Bissau. A visita de aproximadamente uma semana, é feita a convite dos ministros guineenses da Saúde e dos Negócios Estrangeiros.

Serviço Exclusivo

Le Monde

Diário de Lisboa

De um anti-semitismo a outro

Salah Guemriche (★)

A impunidade de que goza o Estado hebreu, só tem igual na impotência dos Estados árabes em potencializar a sua unidade (impotência que eles próprios mantêm de um modo quase masoquista). À arrogância cada vez mais manifesta das vítimas do fascismo de Hitler, responde a cólera sempre dominada dos «irmãos» e a sua quietude em face do fascismo, que hoje tem as cores de Israel.

Quando, para mais, à insolência do «Estado terrorista» responde a complacência de certos Estados-patrões, temos que constatar que a urgência e a necessidade levam o politólogo a uma redefinição sistemática do expansionismo...

Ainda ontem Jerusalém, o Sinai (restituído para melhor conter...), o Golan. Hoje o Líbano: Tiro, Saída, Beirute. Amanhã, por que não, Damasco. E, se seguirmos a lógica daquilo a que uma personalidade judaica (1) chamou a «vertigem demográfica» de Israel, as tropas de Sharon em breve poderão desfilar nas ruas de Bagdad, e isto devido aos mil e um «pecados de orgulho» (1) e a um certo triunfalismo.

Não é preciso dizer que nunca na história contemporânea, mesmo durante os piores malefícios do imperialismo, e desde o genocídio dos índios da América, um Estado foi tão longe em des-

truções, continuando intocável, inatacável. Também nunca, na história contemporânea, mesmo nas piores horas das repressões coloniais, um povo esteve tão só, tão «abandonado» como o está hoje o povo palestino. Abandonado pelos «países irmãos»; abandonado tanto pelo Leste como pelas «democracias» ocidentais.

Este pensador árabe de outro século, tão amador de jogos de palavras, pensaria, na verdade, profetizar, ao escrever, por boutade ou por amargura: «Os Árabes concordaram em nunca estar de acordo!»? A acusação, feita em Pequim pelo representante da O.L.P., contra o governo sírio por «punhalada nas costas da resistência», encontra plenamente a sua justificação nos factos brutais de uma actualidade que, por mais dura que seja, terá permitido revelar a duplicidade, mais do que a impotência de um dos mais ardorosos representantes da frente da firmeza, frente esta que a agressão israelita se encarna metódicamente a colocar sob o signo de uma «Frente da... enfermidade»!

Israel não esconde o seu objectivo fundamental. Não se trata de «libertar» o Líbano (ao fim e ao cabo a U.R.S.S. também foi libertar o Afeganistão!), mas sim de liquidar a resistência palestina e mesmo organizar o extermínio sistemático da entidade palestina no Líbano. Eis por-

tanto a palavra dita: extermínio. A conotação é de uma dimensão histórica e portanto de natureza a perturbar algumas «boas consciências», para as quais «a imagem do judeu perseguido» (1) comanda e justifica, devido à sua fixação, todas as malfetorias e também todos os saltos em frente.

Os tabus são coriários, como se sabe. Eles podem mesmo sobrepor-se ao instinto de vida.

Uma cruz negra

«O erro histórico» do Estado hebreu, para retomar a expressão do presidente francês, embora resida na recusa de «reconhecer a realidade palestina», tire indirectamente as suas premissas de um trauma-tismo certo, tende, pelo contrário, e cada vez mais, a aumentar as inquietações de numerosas personalidades judias de França e de outros países quanto aos riscos de uma política de vocação suicida...

O menos que se pode dizer é que Israel não «trabalha» para as gerações futuras. Tudo prova nas suas atitudes que o Estado hebreu funciona através da violência devido ao famoso trauma-tismo que as contradições inerentes à sua natureza imperialista estão a desvitalizar e até a desmistificar.

Não, Begin não está prestes a tornar-se o pai protector de Israel. A sua política já começou a

ferir o capital de credibilidade e/ou de cumplicidade acumulado por quase meio século de culpabilidade abafada de um Ocidente.

Não, a atitude de Begin não se inspira no interesse primordial do seu povo. Pelo contrário, ela inscreve-se no sentido dos interesses imediatos, estratégicos, na contrariedade de toda e qualquer garantia de futuro para as populações de Israel. A história di-lo-á mais tarde ou mais cedo. Esse futuro existe em função de uma necessidade histórica, a do restabelecimento da dignidade do povo palestino, em «fronteiras seguras e reconhecidas»!

Se alguns, por realismo primário ou escamoteação, se comprazem na hipótese que apresente o tempo como um parâmetro que a longo prazo, jogaria a favor dos Palestinos, temos que reconhecer a Begin, na dimensão fascista da agressão, pelo menos a qualidade que fez dele um acelerador do sentido histórico, e, ao mesmo tempo, o revelador da lógica sionista: uma lógica aparentemente cartesiana mas que provém de um modo subterrâneo e sabedor, da dialéctica... maquiavélica. Daí, provavelmente, a «perturbação»... e, num segundo tempo, a incapacidade de reagir dos governos árabes que se encontram num universo

● Os quatro deputados sociais-democratas açorianos da Assembleia da República requereram ao Governo de Pinto Balsemão esclarecimento



acerca da eventual transferência para Lisboa do Centro de Controlo Aéreo da ilha de Santa Maria, revelaram fontes partidárias.

● O ministro dos Transportes, Habitação e Obras Públicas, Viana Baptista, desloca-se dia 15 ao Funchal, para a abertura da Feira de Indústria e Construção da Madeira, revelaram hoje fontes oficiais. Viana Baptista, que será acompanhado pelo secretário de Estado dos Transportes Exteriores, Silva Domingos, terá também, no Funchal, um encontro com o Executivo madeirense e presidirá à inauguração da nova estação automática dos CTT.



● O secretário de Estado do Turismo desloca-se hoje a Viseu onde se reunirá com os presidentes das Câmaras do distrito. Nandim de Carvalho analisará com os autarcas locais a questão da próxima criação da região demarcada de turismo de Viseu — anunciou a secretaria de Estado.

Continua na pág. 4

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

CENTRO HOSPITALAR
DE COIMBRA

SERVIÇO DE APROVISIONAMENTO

CONCURSO PÚBLICO N.º 4091

1. OBJECTIVO:

Fornecimento de duas viaturas ligeiras-mistas, de caixa fechada, com a lotação de nove lugares, motor a gasóleo, tipo furgon

2. PROGRAMA DO CONCURSO:

Encontra-se patente para consulta neste Serviço, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

3. ENTREGA DAS PROPOSTAS:

No Serviço de Aprovisionamento — Sector de Aquisições. Quinta dos vales - S. Martinho do Bispo -3000 -Coimbra, até às 15 horas do dia 4 de Agosto do ano em curso.

4. ABERTURA DAS PROPOSTAS:

Uma hora depois de expirado o prazo para a entrega das mesmas, no local onde esta se efectuou.

5. CAUÇÃO PROVISÓRIA:

2,5% sobre o valor global da proposta apresentada.

O SERVIÇO DE APROVISIONAMENTO

Preparamos
este programa
para si...

FESTAS DA CIDADE DE LISBOA

JARDIM

DO
PALÁCIO GALVEIASDias: 9 e 10 de Julho
ÀS 21.30 HCOMPANHIA NACIONAL
DE BAILADO

Apresenta

4 PEÇAS DO SEU REPORTÓRIO

PAQUITA

Coreografia de Petipa
Remontada por John Auld
Música de Minkus

CANTO DA SOLIDÃO

Coreografia de Armando Jorge
Música de Álvaro Cassuto

SERESTA

Coreografia de Eric Senen
Música de Heitor Villa Lobos

SUITE MEDIEVAL

Coreografia de Brydon Paige
Música de Frederico de Freitas

ACESSO GRATUITO

CÂMARA MUNICIPAL
DE LISBOA

Se Balsemão ganhar a "crise" a "crise" manter-se-à no partido

Conselho Nacional do PSD no dia 23

O Conselho Nacional do PSD terá lugar no próximo dia 23, segundo nos revelaram fontes sociais-democratas. Tal como aconteceu há precisamente um ano, Pinto Balsemão enfrenta as mesmas críticas (falta de liderança, convite à demissão, etc.) e os mesmos «críticos»: Eurico de Melo, Cavaco e Silva, Helena Roseta, etc.

Os apoiantes do Primeiro-Ministro Pinto Balsemão, lançaram-se já na ofensiva contra aqueles dois responsáveis do PSD, após a surpresa da publicação de uma «carta», subscrita por Eurico de Melo e Cavaco e Silva. Meneres Pimentel, ministro da Justiça, José Alfaia, secretário de Estado da Comunicação Social, Alberto João Jardim, presidente do Governo Regional da Madeira foram já alguns dos dirigentes do PSD a tomar posição nesta nova crise no Partido Social Democrata.

Alguns dirigentes aguardam o desenrolar dos acontecimentos, para apanhar os «despojos»; outros, finalmente, escudam-se num silêncio de observação. Como irá ser a actuação, por exemplo, de Mário Raposo e Amândio de Azevedo no próximo Conselho Nacional? Entre os «críticos» e os «moderados» surge, agora, no PSD, um novo grupo: Carlos Macedo, Vasco Pulido Valente, etc.

Por parte dos apoiantes de Pinto Balsemão, regista-se o silêncio, até agora, de Marcelo Rebelo de Sousa e o encontro, hoje, de Mota Amaral com Pinto Balsemão.

J. Jardim:
«irresponsabilidade»

«Trata-se de mais uma irresponsabilidade de indivíduos que ainda não desistiram de fustigar o País com constantes desestabilizações» — sublinhou Alberto João Jardim, à ANOP, a propósito da «carta» de Eurico de Melo e Cavaco e Silva.

O presidente do Governo Regional da Madeira afirmou que o importante era alcançar-se quatro objectivos nacionais: «produzir mais, melhorar social e culturalmente as

condições de vida do povo, defender a democracia».

«Toda a acção política fora destes objectivos são guerras de comadres, da qual me distancio cada vez mais, para poder estar perto da resolução dos problemas do povo português» — concluiu.

Alfaia:
«o fenómeno»

Um «fenómeno isolado» foi como o secretário de Estado e militante do PSD, José Alfaia, classificou também a «carta» daqueles destacados dirigentes sociais-democratas.

O secretário de Estado, José Alfaia, considerou hoje que as posições de Eurico de Melo e Cavaco e Silva «surtem na sequência das declarações do Presidente da República quando da posse do Governo».

Em declarações prestadas no final do Conselho de Ministros de ontem, Alfaia disse que a questão não tinha sido abordada na reunião por se tratar de uma questão de âmbito partidário, pelo que será analisada pelos órgãos internos do PSD.

«Pouco
feliz»

Meneres Pimentel, o actual ministro da Justiça e um dos homens que esteve já ao lado de Balsemão na crise de Agosto do ano passado, voltou a tomar posição em defesa do Primeiro-Ministro. «Pouco feliz» o momento escolhido, afirma Meneres Pimentel. Classifica de «ingenuidade» a sugestão de Eurico de Melo e Cavaco Silva, ao solicitar a «cooperação» de Balsemão na sua própria demissão de Primeiro-Ministro e presidente do PSD.

Atendendo à necessidade de conclusão da revisão constitucional, Meneres Pimentel recorda que aqueles dois responsáveis do PSD sempre defenderam a urgência de concluir o texto de revisão. «Não creio — conclui Meneres Pimentel — que a carta venha a ter qualquer impacto sobre as bases», não vendo qualquer «viabilidade nas propostas daquelas duas personalidades».

Não há ainda qualquer posição oficial do PSD sobre esta atitude de Eurico de Melo e Cavaco Silva. Uma outra «carta» — a de Carlos Macedo e Vasco Pulido Valente — passou praticamente despercebida.

A Comissão Política Nacional do PSD reúne na próxima segunda-feira, durante a qual analisará a atitude daqueles dois dirigentes. A «resposta» será acertada e a atitude da Comissão Política, no próximo Conselho Nacional, discutida. Como irá a Comissão Política do PSD funcionar em relação à «rebelião» de Eurico de Melo e Cavaco Silva? Ao verdadeiro «golpe de partido»? Por «indisciplina» muito menos importante, já a Comissão Política decidiu instalar inquéritos — cujo resultado se aguarda — a vários dirigentes: Helena Roseta, Amândio de Azevedo (é vice-presidente do PSD), Moura Guedes (foi presidente do Grupo Parlamentar), Natália Correia ou a Jaime Ramos (é vice-presidente do Grupo Parlamentar).

Grupo Parlamentar reage à «carta»

Também uma reunião, ontem efectuada, no Grupo Parlamentar do PSD, levou à aprovação de uma Moção subscrita por vários deputados, de resposta à «carta» de Eurico de Melo e Cavaco Silva. Dezassete deputados subscreveram um texto, no qual

se insurgem contra a acusação daqueles responsáveis, de que «O Grupo Parlamentar evidencia sinais de desorganização».

No texto, aprovado no Grupo Parlamentar, lê-se: «Desejamos declarar aqueles dois companheiros de partido que: não recebemos correio através do Tempo ou de qualquer outro órgão público exterior ao Partido; não se aceita nem se compreende quem, sendo deputado, como é o caso de Cavaco Silva, não esteja no seu lugar, sobretudo quando promete estar; não discutiremos as suas ideias porque nem é o momento próprio e muito menos as vemos explicitadas na sua carta, para além de sugestões de natureza pessoal e de apelos genéricos ao militantismo».

CDS: se houver
alternativa?

«Não se vislumbra qual a alternativa para Primeiro-Ministro proposta por aquelas duas figuras do PSD» — afirma um alto dirigente do CDS, não identificado, a um semanário, a propósito da carta de Eurico de Melo e Cavaco Silva.

Esta é, de facto, a grande «fraqueza» da declaração política destas duas personalidades sociais-democratas. Mais do que o apoio a Pinto Balsemão, o CDS tem sempre afirmado que manterá o apoio ao Primeiro-Ministro, enquanto o PSD não lhe retirar a confiança política. Para além disso, o CDS — particularmente o prof. Freitas do Amaral — não quer qualquer «crise política enquanto não for concluído o processo de revisão constitucional».

Uma coisa é certa: se Pinto Balsemão ganhar outra vez «crise», a «crise» continuará no partido.

No lançamento de estudo sobre Poder Local

Zenha convida à reflexão sobre a regionalização

«Estando minimamente consolidado o Poder Local, é bom que comecemos a equacionar com alguma profundidade o problema da regionalização» — sublinhou ontem Salgado Zenha, no lançamento do livro «Regionalização e Poder Local em Portugal», elaborado por Miguel Caetano, Martins Barata, Vitor Pessoa e Maria do Céu Esteves.

O lançamento ocorreu no Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, entidade que editou o livro encomendado pela

Presidência da República. A obra explica a evolução do Poder Local desde as origens da freguesia e do município e os seus desen-

volvimentos após a Revolução liberal.

Os seus autores, todos ligados, desde 1967, à problemática do planeamento e regionalização, consideram que o seu estudo não visa apresentar alternativas de regionalização mas apenas fazer a «compilação de uma visão histórica da questão regional, articulada com a evolução das formas de poder local e interpretada de modo a fornecer pistas para o debate nacional que fundamentará as decisões democráticas sobre a regionalização».

Zenha, que anunciou ter o referido Instituto a ideia de promover, no Outono uma conferência sobre «Regionalização e Desenvolvimento», frisou que «a oportuni-

dade política do aparecimento do volume é a de dar elementos para a reflexão e para o estudo, enquanto as grandes decisões não estão tomadas».

Sublinhou ainda Salgado Zenha no lançamento (que teve a presença de numerosos deputados socialistas e de membros da Comissão do Poder Local da AR) o facto de a regionalização «fornecer um novo enquadramento à esfera local que interessa analisar, até porque a tradição portuguesa neste domínio é bastante restrita».

Referiu finalmente as vantagens da descentralização como «factor importante no pleno aproveitamento das potencialidades regionais e locais».

De um anti-semitismo
a outro

Continuação da pag. 3

móvel (o seu) desinvestido pelo princípio de realidade. O que tem, como consequência, mergulhá-los (ainda durante quanto tempo?) num autismo dos mais desconcertantes! Ora um povo morre e outro é invadido, despojado, desmanchado, descomposto. E, do Atlântico ao mar Vermelho nada se mexe, nada que possa evocar, se não restabelecer, a ideia de «nação árabe», ou a das tão belas fórmulas de «fraternidade» e de «solidariedade»!... Quanto à Europa, é certo que o exemplo das brigadas internacionais já passou de moda!...

Simplemente, vejamos...

Um dia de Junho de 1982, nas margens do Mediterrâneo, em Saída, homens escolhidos entre muitos são reunidos e depois «marcados»: eles têm nas costas uma cruz negra (2) que significa: «Palestiniano».

Árabe, o Palestiniano é, como o judeu, filho de Sem. Ora como é que se chamava o racismo dirigido contra os filhos de Sem?...

(*) Jornalista em regime de colaboração. Prepara uma licenciatura em ciências da informação e da comunicação na Universidade de Paris VII.

(1) Em Europe 1, noticiário das 19 horas do dia 10 de Junho.

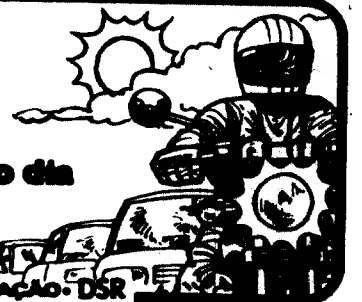
(2) Testemunho telefonado (pelicula confiscada por soldados israelitas) por J. P. About, TF 1, Noticiário das 19 horas, de 13 de Junho.

motociclista

ACENDA
OS MÉDIOS

mesmo durante o dia

DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO-DSR



assembleia da república

CR e chefias Militares: votação na terça-feira

O Referendo não passou

O «não» ao Referendo, o «sim» à nomeação governamental das chefias militares (não foi votado, por requerimento do PCP, mas a sua aprovação está garantida, foram as duas grandes questões ontem debatidas no plenário da Assembleia da República.

Um verdadeiro «duelo» entre Jaime Gama (PS) e Carlos Brito (PCP) verificou-se ontem de manhã, no Parlamento, e ao princípio da tarde. O PCP tem sido desde o início contra a nomeação governamental das chefias militares: acusado de «conjuntura», de pensar apenas na «correlação de forças de momento», Carlos Brito e Veiga de Oliveira «bateram-se» contra a solução acordada entre o PS e a AD, e «defenderam-se» contra as críticas de «conjuntura». «E se o Governo fosse de esquerda, já podia nomear as chefias militares?» — perguntam deputados como Nunes de Almeida ou José Luís Nunes (PS).

A «memória» do PCP respondeu com exemplos: PAL resplançou instrumentalizou as Forças Armadas através do Governo, etc. O discurso do secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, na festa do «Avante!» é citado pelo PS, pelo PSD (Sousa Tavares, etc.). A expressão «golpe de Estado» é recordada sistematicamente. O deputado Jaime Gama, na sua intervenção, classifica de «bonapartismo» a atitude do PCP e insurge-se contra a estratégia do PCP: «80 por cento das vossas críticas são contra o PS e 20 por cento para a AD. Vocês não querem a unidade de esquerda. Pretendem que a AD se conserve no Poder, para tentarem liderar a

esquerda portuguesa».

Deputados como Luís Beiroco (CDS) Sousa Tavares (PSD), ou Nunes de Almeida (PS) manifestaram-se favoravelmente à nomeação das chefias militares pelo Governo. Denunciaram o que apelidaram de «fantasmas» do PCP. A «guerra» entre o PCP e o PS levou a António Vitorino (UEDS) desabafasse: «fazer da questão dos mecanismos de nomeação das chefias militares um factor de guerrilha e de divisão entre a esquerda é desestabilizador das próprias Forças Armadas, é irresponsável para a edificação de um poder democrático e progressista e é perigoso para a estabilidade do próprio regime democrático».

Na próxima semana será votada a extinção do Conselho da Revolução e a nomeação das chefias militares pelo Governo. Com os requerimentos de adiamento, apresentados pelo PCP esta questão sofreu uma alteração de «timing». «Têm mais 48 horas para pensar» — diria o deputado Vital Moreira, dirigindo ao Partido Socialista. Vital Moreira que, diga-se, na questão das chefias militares, entendeu ser possível qualquer das soluções preconizadas. E ambas devem ser respeitadas — disse.

Referendo não «passou»

Um aditamento ao artigo 136 — a introdução da possibilidade de referendo para as grandes questões nacionais foi derrotado, ontem no Parlamento com os votos de toda a oposição. Jorge Miranda (ASDI), Vital Moreira (PCP), Nunes de Almeida (PS), recordaram à AD a tentativa de um verdadeiro «golpe» — a expressão, desta vez, é do deputado socialista — quando quiseram através do referendo proceder à revisão inconstitucional da Constituição. «Essa foi

uma das linhas de força da candidatura do general Soares Carneiro à Presidência da República. E esse projecto foi derrotado» — disse Nunes de Almeida.

«Foi pena — lamenta-se Luís Beiroco (CDS) — que o referendo não tivesse sido aprovado. O povo português poderia, por exemplo, dizer o que pensa da entrada de Portugal na CEE». Este recurso ao referendo, sugerido por um destacado dirigente centrista é tanto mais curioso quanto a entrada do nosso país no Mercado Comum foi um dos temas centrais da campanha eleitoral da AD e uma das «promessas» mais gritadas. O Referendo não passou.

Protocolo PS/PSD para o período de transição

Lei da Revisão só no fim do ano

A lei da revisão constitucional poderá só entrar em vigor no fim de este ano, se na Assembleia da República forem aprovadas as disposições transitórias que teriam sido acordadas entre o PSD e o PS.

O acordo, que consta de um protocolo que teria sido negociado entre Almeida Santos, pelo PS, e Sousa Tavares e Marcelo Rebelo de Sousa, pelo PSD, foi esta manhã divulgado pelo semanário «O Jornal».

Nele, os dois partidos, a que provavelmente se juntará o CDS, defendem a necessidade de um período transitório para a entrada em vigor das disposições da lei de revisão, condicionada

pela necessidade de criar e instalar os novos órgãos de poder político estabelecidos na Constituição revista.

A lei de revisão deveria, segundo esse protocolo, entrar em vigor apenas depois da aprovação na Assembleia da República das leis respeitantes à organização da defesa nacional, às bases gerais de organização e funcionamento das Forças Armadas e à organização e processo do Tribunal Constitucional.

Até 15 de Outubro, a Assembleia teria de aprovar estes diplomas, eleger os juizes do Tribunal Constitucional e designar

os membros do Conselho da República.

Aqueles diplomas, poderiam ser vetados pelo Presidente dentro dos 20 dias seguintes à sua aprovação e teriam então de ser rediscutidos na Assembleia, no prazo de 10 dias.

Só após a publicação daquelas leis é que entrará em vigor a lei de revisão.

Com este protocolo estão ultrapassadas muitas das críticas feitas à possibilidade de a extinção do CR ser votada imediatamente, uma vez que ela só entraria em vigor com a entrada em funcionamento dos órgãos previstos para o substituir.

Caso PRP

Um juiz atento

O perfil moral do homem que acusava Isabel do Carmo e Carlos Antunes de autoria moral em assaltos a agências bancárias, permitiu ontem a um juiz desprocurar aqueles dois dirigentes do PRP das acusações que lhes eram imputadas.

Altino de Oliveira afirmou a quem de direito: Carlos Antunes e Isabel do Carmo são autores materiais de vários assaltos a agências bancárias. Tanto bastava para que os dois se vissem de um dia para outro encerrados em calabouços.

Eis que um juiz de Porto de Mós, onde corria um processo contra Carlos Antunes e Isabel do Carmo, resolve debruçar-se sobre o perfil moral do autor das acusações. E chega à seguinte conclusão, num parecer ontem divulgado:

«Para ajudar a traçar o perfil moral do autor destas declarações, diremos que o mesmo foi expulso de Espanha, em 1977, por proxenetismo que, por si só, é um dos crimes mais repugnantes contemplados pela nossa legislação».

A partir daí, o juiz não deixa de tomar a única atitude... a tomar: não presta credibilidade às declarações de Altino e desprocurou Carlos Antunes e Isabel do Carmo.

Na próxima segunda-feira, no Tribunal da Boa Hora, haverá uma sentença. No banco dos réus são vários a ser julgados com base em declarações de Altino de Oliveira, que também é acusado.

A voz que vem do Porto de Mós far-se-á ouvir em Lisboa?

MA

Distrito da Guarda em ebulição

Câmaras podem demitir-se se governador não for substituído

O presidente da edilidade de Celorico da Beira defendeu hoje a apresentação colectiva da demissão dos presidentes das Câmaras do distrito da Guarda, caso o governador civil não seja substituído.

Faria de Almeida disse à ANOP sentir-se «discriminado face às atitudes do governador civil», que acusou de ser sectário e «altamente prejudicial ao progresso do distrito».

«O Governo tem de tomar uma atitude urgente face ao chefe do Distrito sob pena de nos atrasarmos ainda mais» — afirmou.

Faria de Almeida disse que os autarcas municipais do distrito da Guarda «há muito que deixaram de colaborar com o governador civil, por este os ter marginalizado».

Guarda

A Câmara Municipal da Guarda advertiu que se demiti-

rá em bloco por falta de condições financeiras se o Governo não tomar medidas de apoio à edilidade.

Em sessão camarária pública, o município guardense aprovou por unanimidade um voto nos termos do qual poderá apresentar a demissão colectiva caso o Governo não tome medidas de apoio financeiro à Câmara.

O presidente da edilidade, Abílio Curto, afirmou na reunião que o município está «descapitalizado e impossibilitado de prosseguir o seu programa de actividades» e anunciou que face à grave situação financeira, a Câmara da Guarda vai interromper as obras em curso no concelho e adiar as programadas.

A Câmara vai promover uma reunião de empreiteiros em serviços municipais para comunicar a «impossibilidade de endividamento» acrescentou.

Abílio Curto manifestou estranheza pelo facto de ainda

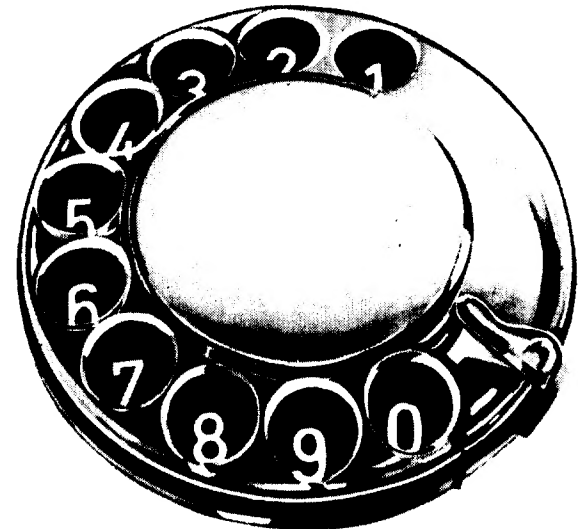
não ter sido dada resposta a um pedido de crédito à Caixa Geral de Depósitos de 80 milhões de escudos, ao juro de 24 por cento, aprovado pela Assembleia Municipal da Guarda, destinado a melhoramentos a favor do município.

A Câmara solicitou entretanto uma audiência ao ministro da Administração Interna, Ângelo Correia, para expor a situação.

O presidente da Câmara acusou também o Ministério da Habitação de inviabilizar nesta cidade a construção de 126 habitações sociais.

Abílio Curto afirmou na sessão camarária que aquele Ministério está a agravar a situação de carência de casas (na Guarda, onde são necessárias 2500 mais habitações).

Referiu a paralisação há mais de um ano da construção de 32 habitações, no âmbito do programa para retornados das ex-colónias e que a edilidade se propunha concluir.



NOVOS INDICATIVOS TELEFÔNICOS

MODERNIZAÇÃO DA REDE INTERURBANA

Prosseguindo os trabalhos de melhoria da Rede Telefónica Nacional, que constitui elemento fundamental da estrutura de telecomunicações do país, os CTT continuam a implementar a modernização da Rede Interurbana.

Ficam, assim, criadas condições para uma progressiva diminuição dos «engarrafamentos» do tráfego telefónico, responsáveis por perdas e demoras das comunicações.

Durante esta reestruturação têm vindo a ser mudados os Indicativos Interurbanos de acesso a vários Grupos de Redes.

A partir de 17 de Julho irá proceder-se à 3.ª fase das alterações necessárias nos Indicativos Interurbanos de acesso a Lisboa, Porto, Braga, Caldas da Rainha, Farnalhão, Penafiel, Santiago do Cacém, Setúbal, S. João da Madeira, Torres Vedras, Valença, Viana do Castelo, Vila Franca de Xira.

Estas alterações estão indicadas no folheto que os CTT já distribuíram a todos os assinantes.

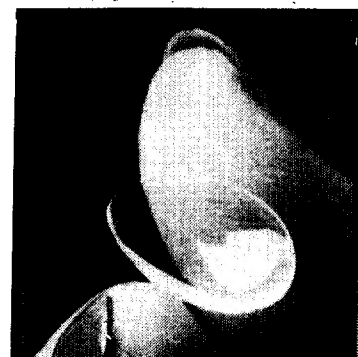
Antes de efectuar qualquer ligação interurbana consulte o folheto «NOVOS INDICATIVOS INTERURBANOS» ou o Serviço de Informações Telefónicas da sua área.

AJUDE-NOS A SERVI-LO MELHOR
UTILIZE BEM O TELEFONE

TELECOMUNICAÇÕES



CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL



LENTE DE CONTACTO
DE ORIGEM ALEMA
ADAPTAÇÃO DIRECTA
POR PESSOAL ESPECIALIZADO

TODA A GAMA DE PRODUTOS DAS MELHORES ORIGENS PARA A ESTERILIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DE TODAS AS LENTES DE CONTACTO

ÓPTICA VISUAL, LDA.

R. Portas de Santo Antão, 27-3.º
LISBOA Telefone 38 55 13

ATENÇÃO: Entrada pela Sapatagem

Ciclo Preparatório

(EXAMES 2.º ANO — PARA ADULTOS)

Preparamos por correspondência e propomos a exame homens e senhoras com a idade mínima de 14 anos, Lisboa e Província: exames em Julho e Setembro do corrente ano e no próximo ano lectivo de 1982/1983.

Dirija-se pelo correio ou pessoalmente, ao professor Simões Neves, expondo o seu problema, Rua do Poço dos Negros, 23-4.º — 1200 LISBOA
Telefone 604110

EMPREGO

ENTRADA IMEDIATA

Jovem do sexo feminino entre 18 a 27 anos mínimo 5.º ano
Ganhos superiores a 250 contos anuais.
Companhia Internacional admite.
Resposta pelo telefone: 61 61 36.



Electricidade de Portugal
EDP/empresa pública

Direcção de Distribuição Tejo

AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo domingo, será interrompida, durante as horas abaixo indicadas, a corrente eléctrica nos seguintes Sectores e Zonas, onde é indispensável efectuar trabalhos de ampliação e conservação das nossas redes.

4.º Sector — CONCELHO DE LISBOA: Est. da Damaia (toda), Alto dos Moinhos, R. dos Soeiros e imediações.

6.º Sector — R. dos Condes, 2 a 20 e de 1 a 37, R. das Portas de St. Antão, 77 a 125 e Pt.º do Tronco, 1 a 8.

7.º Sector — R. Castilho, 30 a 38 e R. Rosa Araújo, 25 a 41.

8.º Sector — Pr. Duque de Saldanha, 23 a 27 e Av. da República, 1 a 11-B.

9.º Sector — Az. das Veigas (toda), Qt.ª das Veigas, Alto das Conchas, Az. da Salgada, 10 a 26 e de 55 a 113 e R. de Marvila, 182 a 184 (das 8 às 12 horas).

10.º Sector — B. da Encarnação e imediações (das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — CONCELHO DA AMADORA — Alfragide: Estrada de Alfragide, Av. Ivens, R. Jorge de Abreu, R. Ribeiro de Vasconcelos, R. Lino de Assunção, Av. Almeida Garrett, R. Faustino da Fonseca, R. José Felix, B. Residencial e imediações. Amadora: Reboleira: R. D. Dinis, R. Pedro Del Negro, R. Correia Teles, Praceta Padre Francisco Lázaro, R. Dr. José Pontes e imediações (das 8 às 14 horas).

2.ª Zona — CONCELHO DE OIRAS — Linda-a-Pastora: R. Visconde Moreira Rei, Av. Tomás Ribeiro, Trav. do Godinho e imediações (das 8 às 14 horas).

3.ª Zona — CONCELHO DE CASCAIS — Janes: L. junto à Serração dos Baleias, B. do Pedroso e imediações. Cascais: R. Alexandre Herculano, R. Visconde da Luz, Trav. Visconde da Luz, Trav. da Alfarrubeira, R. do Poço Novo, R. Afonso Sanchez e imediações (das 8 às 14 horas).

4.ª Zona — CONCELHO DE SINTRA: Almoçageme (parte), Estr. do Rodízio, lugar do Pego, Belas: Av. Cândido dos Reis, R. da Saudade, R. Dr. Malheiros, R. Conde Pombeiro, R. Dr. Leão de Oliveira, L. Falcão Rodrigues, Praça 5 de Outubro, Av. da Marinha Portuguesa, Av. Veiga da Cunha, R. Eduardo Pinto Bastos, R. Oliveira Gomes, R. dos Combatentes da Grande Guerra e imediações. Pero Pinheiro: Av. 1.º de Dezembro, Portela de Sintra, Codiceira, Childeira, Fachada, Aldeia Galega, Pernigem, Arneiro dos Marinheiros (parte Sul) (das 8 às 14 horas).

5.ª Zona — CONCELHO DE MAFRA — Venda do Pinheiro (parte norte), Troucas, Malveira (parte sul), Rogel, Monte Muro e Portela (das 8 às 14 horas).

6.ª Zona — CONCELHO DE V. FRANCA DE XIRA — Alhandra (das 10 às 14 horas).

Lisnave contra o desemprego interno

Os trabalhadores da Lisnave iniciaram hoje uma greve de duas horas por turno, em apoio de reivindicações salariais e contra o desemprego interno da empresa, segundo anunciou a Comissão de Trabalhadores (CT).

A greve de duas horas, que se prolongará pelos dias 13, 14 e 15, insere-se num conjunto de formas de luta, convocadas pela CT e pela Comissão Intersindical da Empresa (CIS), decididas em assembleia geral de trabalhadores realizada no dia 8 do corrente.

As formas de luta incluem, nomeadamente, a recusa ao trabalho extraordinário, a partir de quarta-feira e até ao fim do processo, e o impedimento da saída de material para manufaturação noutras empresas.

Os órgãos representativos dos trabalhadores afirmam que o desemprego interno, que se cifra em cerca de mil funcionários, se mantém inalterável e que a reivindicação salarial, que era de 31 por cento, baixou para 22, enquanto a administração continua a propor 19 por cento.

O Porto vai ficar mais sete dias sem transportes

A partir de quarta-feira

Os trabalhadores do Serviço de Transportes Colectivos do Porto (STCP) decidiram ontem em plenário realizar sete dias de greve, dois dos quais com paralisação total (de 14 a 20 do corrente), endurecendo assim a luta pela equiparação das suas condições de trabalho às existentes noutras empresas do sector de transportes, nomeadamente a Carris, de Lisboa.

As paralisações obedecerão ao seguinte esquema: o pessoal do movimento fará greve das 2 e 30 às 10 horas nos dias 14, 15 e 16, enquanto os restantes sectores paralisarão nos mesmos dias, das 13 às 18 e 30. Nos dias 17 e 18, o pessoal do movimento estará em greve total e nos dias 19 e 20 será retomada a paralisação das 13 às 18 e 30 dos restantes trabalhadores da empresa.

Entretanto, prossegue hoje a reunião de conciliação ontem iniciada no Ministério do Trabalho. Segundo uma fonte sindical, nas conversações de ontem nada se adiantou.

O Sindicato dos Rodoviários, consciente dos transtornos que estas paralisações acarretarão à população, emitiu um comunicado em que afirma que «os trabalhadores do STCP sempre têm contado com a compreensão e apoio da população utente, que de diversas formas o tem acarinhado». E acrescenta que «essa compreensão os trabalhadores do STCP não a esqueceram, ela é no fundo também a luta dos outros trabalhadores em defesa da justiça e da igualdade e em defesa do sector público».

Rodoviária Nacional

Prosseguem hoje as negociações entre os representantes dos trabalhadores da Rodoviária Nacional (RN) e o conselho de gerência, com vista à solução do conflito existente na empresa.

Uma vez que o CG tem afirmado que não pretende retirar regalias aos trabalhadores, os sindicatos representativos dos trabalhadores da RN ratificaram uma proposta da FESTRU. Este documento propõe ao CG que «se mantenha como está» o clausulado geral do acordo em vigor e que apenas sejam revistas as matérias com expressão pecuniária.

Nestes termos, a solução do conflito naquela empresa pública de transportes está agora unicamente dependente do conselho de gerência.

Dívida da Messa atinge um milhão de contos

— afirma secretário de Estado das Finanças

A empresa Messa Máquinas de Precisão tem actualmente um passivo próximo de um milhão de contos, afirma-se num documento emanado do gabinete do secretário de Estado das Finanças.

O referido comunicado adianta ainda que nos últimos quatro anos esta empresa recebeu do Ministério do Trabalho em apoio para manutenção dos postos de trabalho cerca de 260 mil contos e deve ao sector público estatal (impostos, Previdência, Desemprego e outros) perto de 240 mil contos.

«Fazendo unicamente as contas aos prejuízos e subsídios, cada posto de trabalho da Messa custa actualmente aos contribuintes cerca de 30 mil escudos», informou aquela Secretaria de Estado.

Esse documento pretende, assim, responder a afirmações feitas recentemente, em conferência de imprensa, por elementos da comissão de trabalhadores daquela empresa que ameaçaram com «formas de luta se até ao dia 19 não houver uma definição das entidades responsáveis face ao futuro da empresa».

A Secretaria de Estado das Finanças informa ainda que a Messa é uma sociedade anónima constituída durante a vigência do III Governo Constitucional, sob a égide dos ministros das Finanças e da Indústria e Tecnologia, na altura, Vítor Constâncio e Carlos Melancia.

Para a nova empresa «transitaram os bens da antiga «Messa Máquinas de Escrever», sem que tenham sido igualmente transferidos os cerca de 750 mil contos de dívidas (dos quais 200 mil com aval do Estado).

«A administração e os trabalhadores da Messa — refere o documento — apresentaram um projecto de investimento que, tanto quanto é sabido, não transitou por qualquer instituição de crédito, o que se estranha, dadas as características de sociedade anónima indicarem ser esse o encaminhamento normal para a apreciação de projectos». Por isso, «neste particular não poderá certamente pretender-se que o Estado privilegie em termos de crédito uma empresa em detrimento de outras, só pelo facto de nela ter uma participação».

Hidratos de carbono

Os trabalhadores das indústrias alimentares de hidratos de carbono cumpriram ontem uma greve de 24 horas que registou uma adesão de 90 por cento, referiu um dirigente sindical.

Os três mil associados no Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Alimentares de Hidratos de Carbono, reivindicam o aumento dos subsídios de alimentação e de turnos, o pagamento de diuturnidades, regalias de que até agora não beneficiam.

A greve abrangeu os sectores de moagens de trigo, massas alimentares, descasque de arroz, alimentos compostos para animais e bolachas.

Entretanto, está já marcado para o próximo dia 15, em Lisboa, uma reunião entre a comissão negociadora sindical e patronal para desbloquear a situação. Caso não sejam satisfeitas as pretensões dos trabalhadores, serão efectuadas novas paralisações em data a designar, anunciou o mesmo porta-voz sindical.

Cimpor e Secil

Os trabalhadores da Cimpor e Secil, empresas de fabrico de cimento, encontram-se hoje paralisados a fim de obrigarem a administração a negociar a revisão do clausulado do acordo de empresa.

Recorde-se que este acordo já está em vigor há vinte meses, o que, segundo a lei, obriga à sua revisão imediata. No entanto, a administração pretende que as negociações só se iniciem a partir de 21 de Agosto.

Os trabalhadores reivindicam aumentos na massa salarial de 30,8 por cento, redução no horário de trabalho, aumentos do subsídio de refeição, actualização do subsídio de turno e melhoria dos subsídios da reforma e de sobrevivência.

Pela sua parte, as organizações representativas dos trabalhadores já solicitaram uma au-

diência aos Ministérios do Trabalho e da Indústria por forma a ser encontrada uma solução para o conflito. Até agora ainda não obtiveram qualquer resposta daqueles departamentos governamentais.

Por isso, está já marcada, para a próxima quarta-feira, uma reunião dos sindicatos outorgantes que analisarão a actual situação e estudarão as medidas a tomar.

Indústria vidreira

As empresas de cristalaria J. Domingues Moleirinho, J. Ferreira Custódio, Fernando Neto Ferreira, Ingridhutto Kurt Wokan e Gaivotas «estão na iminência de encerrar definitivamente por falta de apoio financeiro», denuncia, em comunicado, o Sindicato dos Vidreiros que responsabiliza o Governo AD pela situação criada.

O sindicato refere ainda que os trabalhadores daquelas empresas não recebem salários há já alguns meses, encontrando-se, assim, numa situação de extrema miséria e de fome.

Por tudo isto, os dirigentes sindicais apoiam a manifestação que se realiza, no dia 15, frente à Assembleia da República, ao mesmo tempo que anunciam a preparação, para a mesma data, de uma manifestação de trabalhadores da cristalaria, junto ao Ministério da Indústria e Energia, como forma de protesto contra a recusa do ministro em receber os sindicatos.

Política eleitoralista e demagógica do Governo AD confirmada por relatório da OCDE

— considera a CGTP/IN

A CGTP considerou que as previsões da OCDE sobre a evolução da economia portuguesa em 1983 confirmam a «denúncia atempada e correcta que a central fez da política eleitoralista e demagógica» da AD.

Em comunicado distribuído ao fim da tarde de ontem, a CGTP afirma que alertou na devida al-

tura os portugueses «para a política eleitoralista e demagógica do ministro Cavaco Silva e para a terrível factura que ela acarretaria».

«A CGTP sempre considerou que o superministro João Salgueiro não passava de um mito marcelista e que a política da AD não se alterava, quaisquer que fossem os nomes dos seus mi-

nistros», refere o comunicado.

O documento acrescenta:

«Hoje, até de sectores da própria AD se levantam vozes a darem razão ao que a CGTP sempre disse. O mal da AD resulta da natureza de classe dos interesses que prossegue, pelo que a CGTP continuará e intensificará a luta pela demissão do Governo e pelo afastamento da

AD da área do poder».

O relatório da OCDE sobre a evolução da situação económica portuguesa em 1983 foi divulgado na terça-feira e apontava para o agravamento do desemprego, para o aumento da inflação e do défice da balança de transações correntes e para a queda dos salários reais, entre outros aspectos.

Vinte e dois mil fogos no Alto do Lumiar

Oposição acusa AD pôr à votação um projecto que não se conhece

O projecto camarário para o Alto do Lumiar poderá ser votado quinta-feira apenas pela AD, depois de a oposição ter ontem, pela segunda vez, abandonado a sessão da Assembleia Municipal, alegando falta de esclarecimentos.

Já na sessão anterior, a Câmara tinha apresentado à Assembleia Municipal uma proposta para a adjudicação à empresa «Pro-Constro» do projecto para o Alto do Lumiar.

A obra inclui a construção de 22 mil fogos para venda livre naquele local, das quais a empresa se compromete a reservar 3400 para o realojamento de famílias de bairros degradados.

A semelhança do que fizera a semana passada a oposição pretendia que a proposta fosse discutida por uma comissão especializada da Assembleia, que deveria apresentar um parecer sobre o assunto num prazo de 30 dias.

«Não se pode votar assim, sem elementos, um projecto que envolve 300 hectares dos últimos terrenos urbanizáveis de Lisboa, para além de um investimento de 60 mil milhões de escudos» — afirmou Rui Godinho, da APU, para justificar a sua proposta, derrotada pelos votos da AD.

Aquele autarca disse que «criar uma cidade de cem mil habitantes dentro de outra em que já vivem um milhão é uma aventura urbanística em que não se pode entrar quando são negados os elementos sobre o assunto».

«Trata-se de uma das operações de maior envergadura efectuadas em Lisboa e o mínimo que se pode exigir para que esta Assembleia funcione com dignidade é dar-lhe os elementos que necessita para a discussão».

Rui Godinho adiantou que a APU pretende adiantar, para além do projecto propriamente dito, o estudo de viabilização técnico-financeiro.

«Se o projecto é tão bom, porque razão nos são recusados esses elementos» — disse.

Assembleia Municipal sem quorum

Também Cunha Leal, independente pelo grupo do PS, afirmou que a AD, rejeitando a proposta para a descida do projecto à comissão especializada, «vulnerou por completo o conceito de democracia, impondo a tirania do número».

«Quando não se conhece o que se vai votar é porque se receia que se conheça a verdade democrática» — afirmou.

Com a saída da sala da oposição, a AD, apesar de dispor de maioria absoluta, ficou sem quorum para fazer aprovar a proposta de adjudicação da obra, como já sucedera na semana passada.

No entanto, no final da sessão, e após reunião privada com a AD, o presidente da Câmara garantiu à Imprensa que «serão tomadas medidas para que na reunião da próxima semana a AD tenha quorum para aprovar a proposta, se a oposição voltar a sair da sala».

«É grave o que se passou hoje na Assembleia e responsabilizo o PCP e o PS pela manutenção das condições de vida degradada das populações do Alto do Lumiar» — acrescentou Krus Abecasis.

Fundamentalmente o presidente afirma que «nenhum político tem o direito de dizer que desconhece o projecto», uma vez que o concurso de pré-qualificação data de Setembro de 1980, e que os cadernos de encargos foram públicos.

Para além disso, Krus Abecasis afirma que o projecto tem sido várias vezes tratado na Im-

prensa, «algumas vezes por técnicos dos partidos que hoje abandonaram a sala».

«Trata-se do primeiro projecto sério feito em Lisboa para combater a habitação degradada, pois tem um espírito contrário ao dos bairros sociais, que considero ghettos» — acrescentou o presidente da Câmara.

«Os partidos que hoje abandonaram a sala fizeram-no por terem sido derrotados em votações democráticas» — disse.

«Não me espanta esse comportamento da APU, mas surpreende-me o PS, que é um partido com obrigações democráticas neste País e que hoje não as respeitou nesta assembleia» — afirmou.

No entanto, Krus Abecasis disse que está «disposto a discutir o projecto», acrescentando que, «apesar de a oposição dispor dos elementos necessários para o debate, ninguém lhes pediu que votasse de olhos fechados».

O presidente afirma recusar-se apenas a divulgar o estudo de viabilidade técnico-económica, acrescentando que o encomendou apenas para seu uso, «como base para o projecto que tenciona lançar».

Lucas Pires inaugura monumento em Vila Franca

A inauguração do Monumento ao Campino amanhã no Largo do Alegrete, em Vila Franca de Xira, é considerada a cerimónia mais

importante do «Colete Encarnado» deste ano, que vive as suas Bodas de Ouro. Foi em 1932 que pela primeira vez se efectuou e

até hoje, como dizem os vilafranqueses, nunca uma festa do Colete Encarnado foi igual à anterior.

comunicação social

Reunião da AJE no Funchal

Definir estatuto do jornalista na Comunidade Europeia

O Comité Director da Associação dos Jornalistas Europeus (AJE), representando doze países, reúne-se hoje no Funchal com o presidente do Governo Regional da Madeira para um encontro com a Imprensa local.

No encontro serão debatidas a questão da especificidade do processo autonómico em Portugal; a possibilidade de se encontrar uma proposta de texto comum definindo o estatuto de jornalista nos países da Comunidade Europeia; e um conjunto de normas aceitáveis pelos órgãos representativos da classe nos diversos países no sentido de uma maior unidade face aos problemas que se colocam aos jornalistas.

Uma proposta dos jornalistas irlandeses que preconiza um papel mais activo da AJE em termos de cooperação e do apoio dos jornalistas europeus à actividade profissional comum é outro dos temas a debater na reunião.

Dos debates resultarão conclusões a apresentar ao Congresso Europeu da AJE, que se realiza este ano em Espanha.

Nos trabalhos, que decorrerão até domingo, participam jornalistas da Imprensa, Rádio e Televisão de Portugal, Irlanda, Inglaterra, Dinamarca, Bélgica, Luxemburgo, Alemanha Federal, França, Itália, Grécia e Espanha.

Portugal far-se-á representar por José Manuel Barroso e Diogo Pires Aurélio, respectivamente presidente e vice-presidente da Secção Portuguesa da Associação dos Jornalistas Europeus.

Carlos Fino - protesto do SJ junto da URSS

Na sequência das informações recolhidas sobre o incidente ocorrido em Moscovo, entre o jornalista Carlos Fino e agentes da Polícia daquela cidade, a direcção do Sindicato dos Jornalistas enviou um telegrama ao embaixador da União Soviética em Lisboa, no qual protesta contra a agressão e exige a punição dos responsáveis.

A Direcção do SJ, considerando embora que a agressão a Carlos Fino não teve qualquer relação directa com o exercício da profissão, manifesta àquele associado a sua solidariedade por ter sido vítima de uma actuação policial que considera «absolutamente inaceitável».



MUNICIPIO DE ALMADA
SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
DE ÁGUA E SANEAMENTO

ANÚNCIO ADMISSÃO DE UM TÉCNICO DE CONTABILIDADE DE 2.ª CLASSE

Faz-se público que se aceitam candidaturas para o provimento de um lugar de Técnico de Contabilidade de 2.ª Classe, a que corresponde a letra J e o Vencimento mensal ilíquido de Esc.: 21.000\$00 e demais regalias da Função Pública, (Subsídios de Nascimento, Casamento e Refeição, A.D.S.E., etc.).

Outras regalias Sociais tais como: Creche, Tempos Livres, Cantina de Abastecimento, Refeitório e Centro Médico.

PRETENDE-SE:

—Diplomados c/o Curso de Contabilidade e Administração.

As demais condições de candidatura são as constantes do Aviso enviado para publicação no «Diário da República», III Série.

Almada, 25 de Junho de 1982

O Presidente do Conselho de Administração,
Carlos Manuel B. de Sousa

PASSEIOS
no TEJO
das 15 às 18 horas
uma iniciativa da
CÂMARA MUNICIPAL
DE LISBOA

DOMINGO, 11 DE JULHO
Embarque 15 horas na
Estação Sul e Sueste

TODOS OS DOMINGOS
ATÉ FIM DE SETEMBRO

Animação a bordo pelo conjunto
"OS TRICANOS"

Bilhetes a venda
na estação Sul e Sueste
PREÇOS ADULTOS 70\$00
CRIANÇAS (até 12 anos) 35\$00

de ontem para hoje

Ramadão «cancelado» em Lisboa

A Comunidade Islâmica de Lisboa anunciou ontem ter cancelado todas as festividades habituais que assinalam o fim do Ramadão devido à situação no Líbano. A direcção da Comunidade afirmou, em comunicado, que «todas as festividades foram canceladas devido aos acontecimentos originados pela invasão israelita ao Líbano, onde já morreram milhares de muçulmanos, libaneses e palestinos». O fim do mês do Ramadão, que se comemora no próximo dia 23, será assinalado apenas por uma cerimónia religiosa a que assistirão os membros do corpo diplomático dos países islâmicos acreditados em Portugal, e por uma alocução subordinada ao tema «O Islão na Época Contemporânea» a proferir pelo presidente da comunidade, Suleiman Vally Mamede.

«Gadamael»: crónicas de guerra

Na «Casa do Alentejo» será lançado esta noite, a partir das 21 horas, o livro do primeiro-sargento pára-quedista Carmo Vicente «Gadamael», uma edição da Ró, obra que narra de forma apaixonada mas profundamente crítica o conflito colonial, dando assim mais uma achega para a construção histórica do itinerário de parte significativa da juventude portuguesa entre 1961 e 1975. Sobre Carmo Vicente (foto) escreve em prefácio o nosso camarada de Redacção Manuel Geraldo: «Ao contrário de vários autores que até agora já se debruçaram sobre o mesmo tema, Carmo Vicente possui a vantagem de ter sido mobilizado pela primeira vez como soldado, acabando por chegar a 1973 na situação de 1.º sargento, no comando de um pelotão, precisamente em Ga-



damael, na Guiné. Logo viveu o conflito em toda a sua plenitude, como «actor» em escalões progressivos e com graus de sensibilização diversa».

O «Alfa Romeo» das Caldas

O «Alfa Romeo» utilizado pelos indivíduos que, conforme noticiámos, assaltaram uma ourivesaria nas Caldas da Rainha, matando um transeunte e ferindo um subchefe da PSP, foi ontem encontrado abandonado no Cercal (Ponderosa). No interior do veículo foram detectados estilhaços de vidro e manchas de sangue.

Deficientes irão a S. Bento

A Associação Portuguesa de Deficientes (APD) anunciou ontem a sua adesão à manifestação convocada pela CGTP-IN para o próximo dia 15, em S. Bento. Um comunicado da APD afirma que face ao agravamento progressivo das condições de vida do povo português em geral, «estão os

deficientes em particular a viver em condições de vida cada vez mais sub-humanas». O documento acentua ainda que o actual Governo «muito tem feito» para avolumar as dificuldades dos deficientes, nomeadamente «com a abolição na prática do Serviço Nacional de Saúde».

Comandante da PSP na Madeira

O segundo comandante-geral da PSP, coronel Armando Freire, iniciou ontem em Ponta Delgada, uma visita de oito dias aos Açores para se inteirar dos problemas que a corporação enfrenta naquela região autónoma. Armando Freire, que regressará a Lisboa no próximo dia 17, deslocar-se-á às ilhas de S. Miguel, Santa Maria, Terceira, Faial, Pico e Flores.

Detido no Hospital de Bragança

José Martins, de 17 anos, foi ontem detido junto ao Hospital de Bragança quando para ali se dirigia para tratar de um ferimento à perna direita, sofrido ao assaltar na madrugada do dia 28 do mês passado, uma garagem na Maia. O ferimento fora produzido por uma bala disparada pelo proprietário do estabelecimento.

Estações arqueológicas vedadas

As estações arqueológicas de Boca do Rio (Vila do Bispo) e Milreu (Faro) já se encontram vedadas, segundo revelou ontem o Ministério da Cultura e Coordenação Científica. Trata-se de uma iniciativa inserida na primeira fase da implementação de vedações em locais arqueológicos conside-

rados em situação prioritária. Nesta óptica, o Ministério da Cultura apela para «a compreensão das populações e do público em geral» dado que as medidas anunciadas «visam em definitivo o exclusivo interesse local, regional e nacional».

Nova «bomba» pelo telefone

Alertados por um telefonema elementos da Brigada de Minas e Armadilhas da PSP deslocaram-se ontem às instalações do Banco Borges e Irmão, na Praça Duque da Terceira, em Lisboa, onde a voz anónima dizia estar colocada uma bomba pronta a deflagrar. Afinal, refere o auto policial, tratava-se apenas de mais um falso alarme.

Com Supremo a indeferir recursos

Amnistia papal reduziu penas do «Caso Delgado»

• Mandado de captura contra Barbieri Cardoso

Tal como já prevíamos na sessão relativa às alegações (dia 30 de Junho) o Supremo Tribunal Militar (STM), no qual pontifica o ex-candidato às eleições presidenciais general Soares Carneiro, fez «auto-de-fé» no acórdão decretado pelos três juizes do 2.º Tribunal Militar Territorial (2.º TMT), liderado pelo juiz-auditor Rui Gonçalves Pereira, e manteve, na tarde de ontem, as penas aos sete réus, uns ausentes outros réus, no processo relacionado com o assassinato do general Humberto Delgado e da sua secretária brasileira Arajarir Campos, perpetrado há dezasseis anos, na versão oficial em Badajoz, mas que nós assumimos algures no Algarve. A «farsa», essa seria posteriormente «realizada» em nossa opinião em Vila Nueva Del Fresno, com os corpos transportados via S. Leonardo, na escuridão de uma madrugada, e depois trasladados com todo o aparato que ao «marketing» do antigamente era acessível.

Salazar no quarto

Mas as penas, ainda que mantidas no genérico, perante a alegria mal contida dos advogados da defesa, com realce para o patrono de Rosa Casaco, dr. Moura Coutinho (que no seu quarto de cama, tem como já confessou, como «amuleto» o retrato em ponto grande do presidente eterno Oliveira Salazar), acabariam por ser reduzidas em seis meses, jogando com a amnistia decretada por Meneses Pimentel, a propósito da visita a Portugal do Papa João Paulo II.

Um testemunho: ao chegarmos a Santa Clara, ainda no pátio de entrada com PM's perfilados ainda que sem «va-



Agostinho Tienza: pela sua voz, em pleno tribunal, a «confissão» na prática de quem teria participado (pelo menos) no assassinato de Arajarir Campos. Ontem o adeus definitivo a Santa Clara

retas» perscrutadoras, depa-rámos com a figura de Pereira de Carvalho, o director efectivo da PIDE (não foi por acaso, ou seria (?) que Spínola o quis transformar em número um da nova PIDE no pós 25 de Abril). Economista, tecnocrata «computorizado», ele esteve de corpo inteiro, subalternizando, em nossa opinião, na operação de Badajoz (a tal que passou pelo Algarve), o «big» oficial de então na António Maria Cardoso, o falecido major Silva Pais. E Pereira de Carvalho já nosso conhecido nas bancadas de Santa Clara, foi quem, em nome do seu advogado, o «sub-reptício» Magalhães Queirós, patrono que foi do bombista e supercondenado Ramiro Moreira (se atentarmos na absolvição do major Mota Freitas, por exemplo) nos deu a nova: «Parece que o acórdão se manteve. Mas a pena foi reduzida em seis meses», por obra e graça acrescentamos, de Sua Santidade o

Papa João Paulo. Subimos ao Supremo (um Supremo que marca horas na leitura do acórdão, mas que adia, adia) e então a correspondência com Pereira de Carvalho lá estava: acórdão escoreito, embora resumido (que falta de consideração para com sua excelência meritíssimo juiz dr. Rui Gonçalves Pereira) a determinar que, sim senhor, Soares Carneiro e seus pares achavam que Casimiro Monteiro é que era (tinha sido) o mau da fita»

Américo Tomás no Restelo

Quanto aos «cérebros» (Salazar, Silva Pais, Santos Júnior, Franco Nogueira, e sabemos lá que mais, já nos esquecíamos, perdão mil vezes perdão, desse velho do Restelo, o mui seráfico e «paupérismo» almirante Tomás, ou Thomaz, que nas suas duas vivendas à beira do estádio azul curte a dignidade de ter

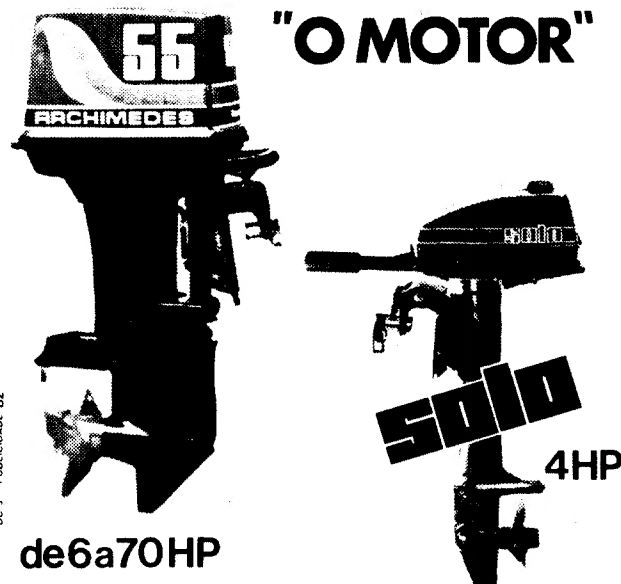
ter» do Brasil para Portugal), nada constava. Casimiro Monteiro o «Leopardo» das Índias, torturador assumido, é que tinha tido o gesto sanguinário. Pereira de Carvalho, Tienza, Ernesto Lopes Ramos, Rosa Casaco (o «proxeneta», das caves do Condes), Barbieri Cardoso (o amante da arte de Miguel Ângelo e das manhas de Richelieu), jamais. Estavam mais do que impolutos. Por isso e daí a bênção papal. Diga-se que dos presentes em Portugal apenas Barbieri Cardoso poderá vir a recolher à prisão (se entretanto não esvoaçar para Paris) para três anos e seis meses de detenção. Quanto a Rosa Casaco (oito meses de prisão) encontra-se calmamente em Vigo, e Casimiro Monteiro (18 anos e seis meses) «curte actualmente uma boa» na África do Sul.

Sinceramente, e como epílogo de duzentas e não escreveremos quantas sessões de um julgamento, sentimo-nos no direito de questionar: será que a Justiça é uma peneira furada, furada, furada, um milhão de vezes furada?

A resposta, vamos arriscar, talvez esteja, no caso, no facto do Supremo Tribunal Militar, agora presidido pelo general Oliveira Rodrigues, estar sediado em Santa Clara, à beira da Feira da Lada, junto à Igreja de Santa Engrácia, famosa pelas suas obras adiadadas. Daí que talvez o acórdão de ontem seja o adiar de qualquer «trauma» que a memória do «general sem medo» jamais poderá, no entanto, aceitar em definitivo. E, sobretudo: que a memória do Portugal de Abril jamais irá assimilar. Porque impório para consumo. Mesmo numa sociedade consumista!...

Manuel Geraldo

ARCHIMEDES



de 6a70HP

ENTREPOSTO

Praça José Queiroz, Olivais Sul 1899 LISBOA CODEX

Telef. 31 40 61 - 31 31 21 - 31 79 47

DAMOS ASSISTÊNCIA AOS MOTORES, CRESCENT; ARCHIMEDES PENTA; VOLVO PENTA

CONCESSIONARIOS E ASSISTÊNCIA EM TODO O PAÍS

6.º Concurso VIDA SOMETICA

Informam-se todos os assinantes interessados que a entrega dos prémios referentes ao 6.º Concurso de angariação de assinaturas se realiza no dia 10 de Julho, pelas 16 horas, na sede da Associação Portugal-URSS, Rua de S. Caetano à Lapa, n.º 30, em Lisboa.

ARTIGOS DE DESPORTO

NEGÓCIO DE OCASIÃO

TRESPASSA-SE

Estabelecimento Comercial em plena Baixa. Com ou sem empregados. Renda 1.400\$00. Contactar telefone: 2750577 das 10 às 12.30 horas.

Por decisão do CR

Passaporte militar passou à "reserva"

A abolição do «passaporte militar», documento até agora obrigatório para os militares, ou ex-militares com menos de 40 anos de idade, que desejassem sair do País, foi ontem decretada pelo Conselho da Revolução, durante uma reunião em que foi igualmente aprovado um diploma que autoriza os militares na reserva a exercerem actividades políticas, bem como cargos na administração pública, sem necessidade de autorização expressa. O CR aprovou ainda um diploma concebendo novo prazo de 90 dias para a eventual reintegração de militares afastados das fileiras, antes de 25 de Abril de 1974.

Refira-se que os chamados passaportes militares, só a partir do 25 de Abril, abrangendo «todos os países com os quais Portugal mantém relações diplomáticas» e não apenas um país ou países para cada caso especí-

fico, tinham uma duração limitada a noventa dias, facto que criava preocupações constantes aos seus portadores. Por outro lado, a sua concessão, além de onerosa, tornava-se demorada sobretudo para os ex-militares que viviam longe das suas unidades.

Desertores amnistiados

Entretanto, o Estado-Maior do Exército anunciou também ontem que os militares desertores devem comparecer até às 24 horas do próximo dia 17, em qualquer unidade militar, para beneficiarem da recente amnistia. O EME considera que há militares em situação irregular, alguns com o crime de deserção, passível de pena de prisão, os quais ainda não procederam de acordo com a Lei 17/82, que amnistia este tipo de delito.

Reconquista de Olivença defendida por Pinheiro de Azevedo

«O meu plano é arranjar um centro operacional no estilo do Estado-Maior do Exército e criar gigantescas manifestações, com o máximo segredo, espalhadas por toda a fronteira e por todo o Portugal, e acabar com a questão» — assim resumiu Pinheiro de Azevedo o o homem indicado por algumas forças políticas, em Setembro de 1975, para substituir o general Vasco Gonçalves na chefia do Governo — o eficiente esquema tático para a recuperação de Olivença aos espanhóis.

No seu estilo decidido do tipo «é só fumaça...», Pinheiro de Azevedo garantiu ontem a dois ou três jornalistas que o foram ouvir num hotel de Lisboa, uma batalha permanente pela reconquista da angrã praça forte da raia portuguesa.

O encontro com os jornalistas serviu basicamente para o lançamento do livro «Olivença está

cativa pela Espanha (por culpa de quem)» e para registo de mais algumas pitorescas frases de um homem dolorosamente castigado pelos «anos brasa» do pós 25 de Abril.

«Não consinto que me roubem uma caneta e muito menos Olivença»; «será dado conhecimento prévio aos Estados Unidos da reconquista de Olivença pois eles é que mandam no mundo»; e «os nossos governantes devem estar feitos com os espanhóis»: foram algumas dessas frases do velho almirante, acompanhado por dois elementos dos «Amigos de Olivença».

A ausência dos restantes foi explicada: «Têm entre 85 e 90 anos, e já fizeram o que tinham a fazer! Foram enganados por Salazar e estão velhos de mais para vir a estas coisas. Eles nem sequer ouvem».

Com a presença de Ribeiro Telles

Ministros europeus preparam em Madrid conferência sobre ordenamento do território

Os ministros responsáveis pelo ordenamento do território de Portugal, Espanha, Alemanha Federal e Bélgica encontraram-se ontem em Madrid no âmbito de uma reunião preparatória da sexta assembleia da Conferência Europeia de Ordenamento do Território, que se realizará em Outubro na capital espanhola.

Nesta reunião, deverá ser aprovada a Carta Europeia, cujo projecto de texto foi redigido por responsáveis dos respectivos ministérios de Espanha e Bélgica.

Esta Carta conterá princípios e critérios coincidentes em todos os países que a aprovem e que constituirão recomendações a concretizar de acordo com as circunstâncias de cada nacionalidade.

Os critérios utilizados são suprapolíticos procurando que se estabeleça um ordenamento dos territórios sempre em função dos interesses das populações.

Em representação de Portugal, encontra-se o ministro de Estado e de Qualidade de Vida, que em conferência de imprensa

colectiva com os diversos ministros participantes afirmou que «para Portugal, a política de ordenamento do território é fundamental para o desenvolvimento económico, cultural e social do país».

Para o ministro português, a política de ordenamento do território passa pelos seguintes pontos: optimização da utilização de todos os recursos materiais do país, manutenção da capacidade regeneração de recursos vivos, crescimento populacional racional evitando a massificação em grandes áreas ou cidades e a desertificação de outras zonas, distribuição de actividades por todo o território e uma política de construção do ambiente, e não simplesmente de defesa, de modo a propiciar um maior desenvolvimento sociocultural das populações.

Ribeiro Telles terá ainda uma reunião com o ministro espanhol das Obras Públicas e Urbanismo para tratar de temas bilaterais de ordenamento do território e ambiente, sobretudo nas fronteiras.

Cursos de Verão da Faculdade de Letras de Lisboa

Com o apoio do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa estão a decorrer desde a passada segunda-feira até ao fim do mês corrente, os cursos de Verão da Faculdade de Letras de Lisboa.

Quatrocentos e setenta e oito estudantes e bolsiros de variadas nacionalidades — provenientes desde a Espanha à República Popular da China, passando pelo continente americano — frequentam estes cursos. Entre eles, estão muitos filhos de emigrantes portugueses.

Os países mais representados são a Grã-Bretanha, Estados Unidos, Itália, França,

Alemanha e Espanha.

Os cursos versam língua e cultura portuguesas e são completados por 20 seminários sobre temas diversos desde as literaturas africanas de expressão portuguesa à geografia de Portugal, passando pela cultura portuguesa no século XIX, teatro, problemática da Restauração, pela novelística contemporânea e a língua e cultura gregas. Entre os professores que participam nos seminários contam-se Manuel Ferreira, Rui Mário Gonçalves, Gilberto Moura, Eduardo Prado Coelho e Rui Rasquilho.

Universidade de Évora

Também na Universidade de Évora começa na próxima segunda-feira, prolongando-se até dia 24, um seminário sobre Portugal, exclusivamente destinado a universitários, filhos de emigrantes portugueses.

O seminário é patrocinado pela Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas e serão abordados entre outros, os seguintes temas: realidade física e humana de Portugal; realidade social e política; fenómeno da migração, língua, literatura e

povo e os seus costumes. Participam nos seminários os professores universitários Maria-no Feio, Raquel Soeiro de Brito, Joel Serrão, Maria de Lurdes Belchior, Carlos Portas, Augusto da Silva, António Pinheiro, Manuel Nazareth e Maria Beatriz Rocha-Trindade.

Quadro de Educadores de Infância

É publicada no «Diário da República» de hoje, II série, a lista ordenada provisória dos candidatos ao concurso para provimento de lugares do quadro único de educadores de infância, para o ano escolar de 1982-83.

SCOTS GREY

BLENDED SCOTCH WHISKY



SECOND TO NONE

Os "SCOTS GREYS" nos seus cavalos cinzento pintalgado contribuíram para os maiores cometimentos na história militar britânica desde 1678.

O "SCOTS GREY" pela cuidadosa selecção de whiskies que o compõem, pelo seu "bouquet" e suavidade, contribue todos os dias para o prestígio do Scotch Whisky o que justifica descrevê-lo pelo lema do Regimento

SECOND TO NONE



Representantes Exclusivos em Portugal:

SOCIEDADE DÓMÚZ, L^{DA}

SEDE E FÁBRICA:

R. Dr. Afonso Costa - 7370 CAMPO MAIOR
Tel: 68179

DEPARTAMENTO COMERCIAL:

Av. Infante D. Henrique, 151-A, 1900 LISBOA
Tel: 38 10 46 - 38 19 99



A "velhice" tanto pode começar aos 40 como aos 70 anos

A ONU vai promover em Viena dentro de dias uma Assembleia Mundial sobre Envelhecimento

A população mundial está actualmente a envelhecer mais depressa do que nunca. Os dados demográficos de que dispomos hoje permitem-nos afirmar que, no ano 2025, mais de um terço do eleitorado dos países industrializados terá mais de 60 anos de idade. Pela primeira vez na História, muitos países desenvolvidos terão uma proporção ainda maior de idosos por que terão de se responsabilizar. Estes factos — e os enormes problemas que eles acarretam — são o tema de uma assembleia internacional que a ONU promove em Viena desde o próximo dia 26 até 6 de Agosto.

O «Diário de Lisboa» associa-se de bom grado à divulgação desta iniciativa da ONU, publicando hoje, exactamente sobre o tema «A idade do envelhecimento», um artigo da especialista Susan Markham.

O envelhecimento, o processo biológico que nos faz adiantar nos anos, é inevitável. Começa no dia em que nascemos e termina na morte. No entanto, que a vida seja tão longa até se atingir a velhice não é um dado adquirido mas antes consequência do desenvolvimento social e uma conquista do século XX.

Esta é a idade do envelhecimento. Nunca como agora tantas pessoas viveram até à idade da velhice. O prolongamento da vida tornou-se uma realidade para milhões de pessoas em todo o mundo e nas próximas décadas será também uma realidade para outros milhares de milhões. Antigamente, poucas pessoas chegavam à velhice. No futuro, poucos não a alcançarão.

De certa maneira, atingir a velhice tem-se tornado inevitável. Mas as suas consequências não o são. Como todos os processos humanos, este pode ser influenciado, compartilhado, melhorado, preparado e planificado. Pois de que serviria dar mais anos à vida se esses anos não pudessem ser vividos com o sentido de auto-realização e de forma positiva?

Desafios

Que género de vida pretendemos para a nossa velhice? Em que espécie de sociedade queremos viver? O simples facto de vivermos mais do que os nossos pais é já uma conquista, mas será que isso basta? A verdadeira e mais importante conquista será conseguirmos tornar esses mais anos que vivermos em tempo útil de realização pessoal, se conseguirmos na velhice viver, dar o nosso contributo e participar, servir segundo as nossas capacidades e ser servido segundo as nossas necessidades e os recursos das sociedades em que vivemos.

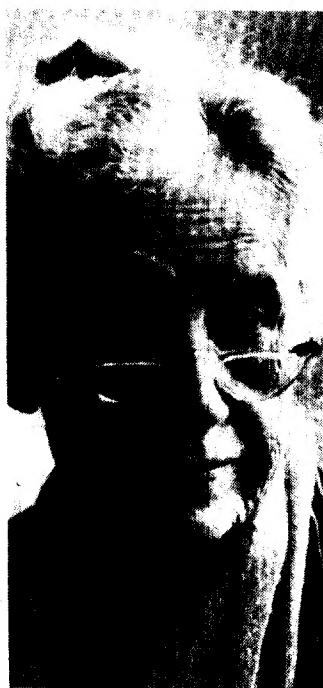
Estes são alguns dos desafios postos à Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, que vai realizar-se em Viena, de 26 de Julho a 6 de Agosto próximos. O objectivo da Assembleia é lançar um programa de acção orientado no sentido de garantir a segurança económica e social dos mais idosos e dar-lhes oportunidade de participarem e usufruírem dos benefícios do desenvolvimento.

A Assembleia Mundial constituirá também uma ocasião única para todas as nações meditarem nas implicações desta conquista do século XX: para compreenderem a universalidade e inevitabilidade do envelhecimento das pessoas e das populações, para reconhecerem os desafios e oportunidades que se apresentam às sociedades bem como as esperanças e ansiedades que hão-de surgir, e para aceitarem que é obrigação dos governos estabelecerem planos tanto para o presente como para o futuro, no que respeita à definição de políticas sobre o envelhecimento.

Pessoalmente envolvidos

A Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento é uma das mais importantes e humanitárias de todas as conferências da ONU porque **todos e cada um de nós** está pessoalmente envolvido no processo de envelhecimento e porque a maioria de nós viverá até ser um idoso.

Basicamente, os temas da conferência podem ser divididos em dois grupos: questões de desenvolvimento e questões humanitárias. As questões de desenvolvimento prendem-se com as características económicas e os recursos de determinada região ou sociedade, que afectam tudo aquilo que estas têm possibilidade de fazer e a forma como podem fazê-lo. As questões de desenvolvimento servem como contexto para a realização dos objectivos humanitários da sociedade. Afectam a qualidade de vida de todos os grupos, incluindo os idosos.



As questões humanitárias ligam-se mais especificamente à promoção das reformas sociais e do bem-estar humano. As questões de carácter humanitário e as de desenvolvimento são interdependentes e afectam-se mutuamente uma à outra. No entanto, se as humanitárias são sobretudo universais, ao mesmo tempo elas são mais específicas dos idosos. Nelas se incluem a saúde e a sua protecção e defesa, segurança económica, habitação e ambiente, a família, os serviços de assistência social e o ensino. Estas questões serão

todas debatidas na Assembleia Mundial e sobre elas irão ser adoptadas propostas específicas.

Preconceitos

A despeito da diversidade de situações dos idosos nos vários países e dentro de cada país, diversidade essa que sugere bem a necessidade de políticas que proporcionem uma vasta gama de opções e alternativas para os mais velhos, existem certos «factos» do envelhecimento que continuam a ser realidades, independentemente do nível de desenvolvimento económico e social ou do ambiente em que cada indivíduo se situe. Em muitas sociedades, os preconceitos estereotipados sobre as necessidades características e capacidades das pessoas mais velhas levam a que estas sejam tratadas todas da mesma forma.

Mas em todas as pessoas com mais de 60 anos (idade que, para a Assembleia Mundial, assinala o princípio da Terceira Idade) estão física ou intelectualmente incapacitadas, incapazes de aprendizagem, isoladas, sós e carenciadas de auxílio e assistência da sociedade. A grande maioria dos idosos é de facto constituída por pessoas competentes e funcionais. É certo todavia que nas idades mais avançadas (80 e mais anos) se verifica uma crescente fragilidade e concomitante redução de energia. A Terceira Idade pode estender-se por 30 ou mais anos e as necessidades, características e capacidades duma pessoa de 65 anos podem ser muito diferentes das de outra de 85.

Aos 40 anos

Frequentemente classificar alguém de «velho» tem mais a ver com o papel ou a função social dessa pessoa do que com a sua idade real. Um avô ou reformado não tem necessariamente mais de 60 anos. Nalguns países em desenvolvimento, em que a expectativa de vida é ainda limitada, o período considerado de velhice pode começar aos 40 ou 45 anos, ao passo que nos países avançados pode não começar senão aos 70 ou mais.

Outro dos factos do envelhecimento consiste em ser um processo que decorre ao longo de toda a vida do indivíduo. O estereótipo muito espalhado que associa a idade a um tempo de declínio e diminuição de capacidade principiado por volta dos 60 anos, quando passa a ser considerado idoso, esconde o facto de que, à medida que a pessoa avança nos anos, se vai adaptando e criando compensações para as sucessivas mudanças, tanto do ponto de vista fisiológico como psicológico e social. É por isso que os 30 anos parecem muito a um jovem de 12 mas deixam de lhe parecer quando o mesmo jovem atinge aquela idade. É também uma explicação para o velho aforismo «a pessoa tem a idade que sente».

Se bem que o envelhecimento seja inevitável, temos possibilidade de determinar como vamos envelhecer. Pode ser que, dum ponto de vista de determinadas características genéticas, como o ouvido e a vista, não seja possível fazer muito, mas a forma como envelhecemos é extraordinariamente afectada por factores ambientais, como a dieta, o exercício físico, o facto de a pessoa fumar ou não. A forma como o indivíduo se ajusta à sociedade a que pertence e à realidade do seu processo de envelhecimento é efectivamente crucial. E num mundo em que as modificações tecnológicas, ambientais e sociais são cada vez mais rápidas, é óbvio que esse ajustamento é em parte condicionado pelo acesso que as pessoas mais idosas possam ter aos novos conhecimentos e informações, de modo a exercerem uma participação activa. As pessoas mais idosas têm um potencial de desenvolvimento e enriquecimento próprios, mesmo durante as últimas fases da vida. A sociedade cabe estimular, apoiar e aproveitar esse potencial.

As mulheres

Outro facto do processo de envelhecimento é o significado especial de que ele se reveste para as mulheres. Em quase todas as sociedades do mundo as mulheres vivem mais tempo que os homens e também é frequente os homens casarem com mulheres mais novas do que eles, deixando muitas no estado de viuvez precisamente nos anos mais avançados. As mulheres mais idosas não só têm de enfrentar a solidão e a tristeza na velhice como ainda por cima são vítimas da sua situação económica, que é mais desprotegida. Já houve quem dissesse que as mulheres com mais de 60 anos são os mais pobres dos pobres.

É estes factos que devem levar bem em conta os governos que vão estar representados na Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento e aí irão adoptar um programa de acção internacional destinado a auxiliar os idosos, onde quer que se encontrem no mundo.

Susan Markham

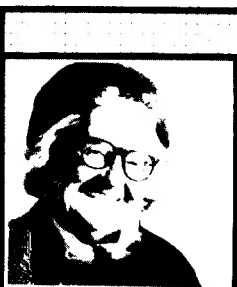
As quatro próximas décadas verão um dramático aumento do número de indivíduos com mais de 60 anos, a nível mundial. O tamanho das fotos representa a percentagem de pessoas com 60 ou mais anos nas diferentes regiões do Globo em 1975. O quadriculado representa o total para que a percentagem tende a subir até ao ano 2025

1975-2025

A IDADE DO ENVELHECIMENTO

EUROPA

17,4% tinham mais de 60 anos em 1975
24,7% terão mais de 60 anos em 2025



ÁSIA ORIENTAL

8,2% em 1975
19,6% em 2025



AMÉRICA DO NORTE

14,6% com mais de 60 anos em 1975
Eles serão 22,3% em 2025



URSS

13,4% em 1975
20,1% em 2025



AMÉRICA LATINA

6,3% com mais de 60 anos em 1975
Eles serão 10,8% em 2025



ÁFRICA

4,9% em 1975
6,6% em 2025



OCEANIA

11,1% em 1975
17,8% em 2025



ÁSIA DO SUL

5,0% em 1975
10,9% em 2025



Imagens de Harvey Finkle, Richard e Sally Greenhill, Sophie Baker, Bester Kanyama e Christian Aid, e Mike Abrahams.

Estado subsidia empresas públicas

Para Transportes e Indústria a "parte de leão"

Sairam hoje no «Diário da República» duas resoluções da Presidência do Conselho de Ministros, uma aprovando a distribuição de subsídios não reembolsáveis às empresas públicas e de indemnizações compensatórias a empresas tuteladas pelo Ministério da Habitação, Obras Públicas e Transportes, e outra aprovando a atribuição da verba de 17 milhões de contos a várias empresas.

Ambas as resoluções foram aprovadas no passado dia 25 de Maio, e, no caso da primeira, o total dos montantes atribuídos é de 11 milhões de contos.

Destes 11 milhões de contos, a parte substancial cabe ao sector dos Transportes com mais de oito milhões. Destes oito milhões, o montante maior de subsídios é para a CP (2 354 000), seguida de perto pela Carris (com 2 139 704), enquanto a TAP recebe 1 222 000. Empresas como a Transtejo, a Rodoviária do Metropolitano, a STCP (Porto) a ANA e a CTM recebem cada uma menos de um milhão.

Também de menos de um milhão, em todos os casos, é o subsídio atribuído a empresas de sectores como a Comunicação Social (RDP, por exemplo, pouco mais de 300 mil), Indústria Transformadora (Setenave, por

exemplo 795 000), Cultura (180 000 para o Teatro de S. Carlos), Agricultura (Cachão 100 000), Pescas (SNAB, 130 000).

A outra resolução atribui um montante total de 17 milhões de contos para aumento de capital estatutário de empresas inscritas no Orçamento Geral do Estado.

A folha oficial publica a relação das empresas distribuídas também por ministérios que as tutelam. Do quadro ressalta que pertencem à tutela do ministro da Habitação, Obras Públicas e Transportes o montante de atribuições mais elevado (6 570 000 contos). Entre as empresas, e por ordem decrescente dos montantes atribuídos, figuram a CP, a CTM, a CNN, a ANA a STCP e outras.

Mas o montante total dos subsídios a empresas tuteladas pelo Ministério da Indústria, Energia e Exportação não fica longe do respeitante ao MHOP é de 6 600 000 contos.

Destes, a Quimigal, e a EDP, ambas com 1 500 000 contos, absorvem quase metade, se lhe juntarmos os 1 130 000 atribuídos à CNP (Petroquímica). Montante não muito menos modesto diz respeito à Siderurgia: 950 000 contos.

Em caso de adesão conjunta à CEE

Ministro da Indústria alerta para concorrência espanhola



adesão de ambos os países ao Mercado Comum» — concluiu.

Baião talvez vá Basílio não

Baião Horta poderá visitar na próxima semana Bruxelas, Paris e Londres para debater questões relacionadas com a adesão de Portugal à CEE, soube a ANOP de fonte oficial.

Alguns dos principais pontos que ficaram em aberto na reunião ministerial do dia 22 de

O ministro da Indústria e Energia Baião Horta afirmou ontem que a Espanha vai constituir o mais sério concorrente para Portugal no caso da adesão de ambos os países ao Mercado Comum.

Num colóquio organizado pelo PSD em que participaram também os secretários de Estado da Exportação, Faria de Oliveira, da Energia, Carvalho Carreira e da Indústria, Alberto Justiniano, Baião Horta salientou que, no seu Ministério, os problemas colocados pela adesão espanhola estão a ser seriamente encarados.

As relações com a Espanha, afirmou, «são um assunto de importância enorme que muitas vezes temos descurado».

Enquanto que com o país do Mercado Comum com o qual Portugal tem uma balança comercial mais desequilibrada — a Itália-Portugal tem uma taxa de cobertura das importações pelas exportações de 35 por cento, com a Espanha ela é de 18 por cento.

«Se se conjugar o défice alimentar português com a falta de infra-estruturas e comunicações e da rede de transportes em Portugal» afirmou Baião Horta «pode prever-se que o interior português fique à mercê da concorrência espanhola no caso de

Junho referem-se a questões de âmbito do Ministério da Indústria, nomeadamente o regime de exportação de têxteis depois da adesão e a aplicação em Portugal das medidas anticrise no sector do aço, decididas pelos dez.

Também o ministro da Agricultura e Comércio e Pescas, Basílio Horta, tinha marcada para domingo a partida para Paris e Bruxelas, a fim de se avistar com os ministros da Agricultura dos dez.

Esta visita foi adiada para data a marcar, mas não foi fornecida qualquer explicação para este adiamento que poderá ter a ver com os resultados de uma reunião ontem efectuada em Bruxelas entre técnicos portugueses e da CEE. Nessa reunião o presidente da Comissão de Integração Europeia, António Marta, deverá ter sido posto ao corrente da intenção comunitária de adiar para Setembro a reunião ministerial de negociações prevista para o próximo dia 20.

Em substituição desse encontro, apurado desde a reunião ministerial de 22 de Junho, a CEE teria proposto a realização de uma reunião a nível de suplentes no próximo dia 16, o que inevitavelmente, mesmo que não houvesse mais nenhum motivo para isso, inviabilizaria a adesão portuguesa em 1 de Janeiro do próximo ano.

Dólar continua a bater recorde

O dólar registou ontem uma subida recorde em Paris, ultrapassando pela primeira vez a barreira dos sete francos mas teve comportamento irregular nos restantes mercados europeus, enquanto o ouro subiu em ambiente de fraca actividade.

O franco francês, desvalorizado em Junho, fechou a 7,0025 contra 6,9885, devido, segundo alguns operadores, a especulações sobre um aumento de oferta de moeda norte-americana é a tensão internacional.

Também em Madrid, o dólar estabeleceu novo recorde no mercado cambial espanhol ao ser cotado, pelo Banco de Espanha, a 113,095 pesetas.

O recorde anterior da divisa dos Estados Unidos, registado em Junho, era de 112,55 pesetas.

Ao contrário, em Bruxelas o dólar desceu, fechando a 52,00 contra 52,25 na quarta-feira, assim como em Frankfurt, cotando-se a 2,5065 marcos contra 2,5140.

Em Milão, o dólar fechou a 1.404,45 liras contra 1.409,45 e em Tóquio a 259,60 ienes contra 258,85.

A moeda norte-americana subiu em Londres relativamente à libra esterlina, que fechou a 1,7080 dólares contra 1,7085.

O ouro fechou a 314,50 dólares a onça em Londres contra 306,75 e em Zurique a 313,50 dólares a onça contra 307,50 na quarta-feira.



MUNICIPIO DE ALMADA
SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
DE ÁGUA E SANEAMENTO

COMUNICADO

Em virtude de corte de energia eléctrica por parte da EDP, verificar-se-á um corte no abastecimento de água, no dia 11 de Julho (Domingo), das 08,00 às 14,00 horas, na zona compreendida entre o Lazarim, Sobreda, Vale Fieira, Charneca da Caparica e Quitinhas.

Almada, 8 de Julho de 1982.

O presidente do Conselho de Administração
Carlos de Sousa



QUIMIGAL QUÍMICA DE PORTUGAL, E.P.

AV.ª INFANTE SANTO, 2
1399 LISBOA CODEX

OBRIGAÇÕES EX-CUF, 63

EMIÇÃO DE FEVEREIRO/68 — SÉRIE I
EMIÇÃO DE SETEMBRO/68 — SÉRIE II

PAGAMENTO DE JUROS

Avisam-se os Srs. Obrigacionistas que a partir do próximo dia 15 de Julho de 1982 se encontra a pagamento o cupão n.º 29 da emissão de Fevereiro de 1968 — Série I e o cupão n.º 28 da emissão de Setembro de 1968 — Série II. O valor líquido destes cupões é de Esc. 25\$20, conforme se discrimina a seguir:

Juro ilíquido	30\$00
Impostos	4\$80
Juro líquido	25\$20

O pagamento dos juros será efectuado nos seguintes estabelecimentos de crédito:

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS,
MONTEPIO GERAL,
BANCO BORGES & IRMÃO,
BANCO ESPÍRITO SANTO
E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FONSECAS E BURNAY,
BANCO NACIONAL
ULTRAMARINO,

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO TOTTA & AÇORES

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS
UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

O CONSELHO DE GERÊNCIA

Lisboa, 9 de Julho de 1982



DUAS RODAS

DUAS VEZES

MAIS ATENÇÃO!

Nunca circule aos zigue-zagues
defenda a sua vida
e a dos outros.



Guerra

Irão-Iraque

Conselho de Segurança da ONU reúne-se a pedido da Jordânia

O Conselho de Segurança das Nações Unidas reúne-se hoje à tarde, para consultas à porta fechada sobre a guerra irano-iraquiana.

A reunião é efectuada a pedido da Jordânia, datado de 30 de Maio, pedido que não tivera seguimento devido à falta de apoio das duas partes interessadas.

Recorda-se que o secretário-geral da ONU enviara, há semanas, mensagens aos presidentes do Iraque e do Irão, oferecendo-lhes o seu auxílio na procura de meios susceptíveis de acabarem com o conflito. O presidente iraquiano, Saddam Hussein viria a responder na passada terça-feira, ao passo que o Irão ainda não deu qualquer resposta.

Onde se volta a falar de Bani Sadr

Um cidadão iraniano que se preparava, segundo a France Presse, para perpetrar um atentado contra o ex-presidente iraniano Abolhassan Bani Sadr, que se encontra exilado em França, foi preso ontem à noite quando se encontrava de posse de dois quilos de explosivos, no aeroporto de Paris-Orly.

Ameaças do Iraque após a retirada

O ministro iraquiano da Defesa, general Adnan Khairalla, advertiu ontem o Irão para que não envie tropas para território iraquiano, revelou o gabinete de imprensa do governo de Bagdade.

«As forças e o povo iraquiano estarão à espera das forças iranianas, caso estas tentem entrar no Iraque», disse Khairalla, em declarações citadas pelo gabinete de imprensa.

Reagan proíbe greve dos maquinistas

O presidente americano, Ronald Reagan, utilizou os poderes especiais que lhe confere a lei sobre caminhos-de-ferro, para impedir uma greve dos maquinistas de locomotivas prevista para o próximo domingo.

Com efeito, um comunicado da Casa Branca anuncia que Reagan assinou ontem em Santa Bárbara, na Califórnia, um decreto criando uma comissão de inquérito a respeito do conflito que opõe as direcções das diferentes companhias particulares de caminhos-de-ferro e o Sindicato dos Maquinistas. A comissão terá que apresentar as suas conclusões antes de 10 de Agosto.

A nomeação desta comissão proíbe qualquer greve durante dois meses.

O chefe do Executivo norte-americano tomou esta decisão depois de ler o relatório da comissão de mediação. De acordo com este documento, a greve «teria graves consequências para a economia americana, poderia interromper substancialmente o comércio entre os Estados americanos e privar parte importante do país dum meio de transporte essencial».

Esta greve — sublinha o comunicado — afectaria principalmente o transporte de material militar, de carvão, de trigo de Inverno e de passageiros.

Além disso, segundo o porta-voz da Casa Branca, Larry Speakes, causaria o aumento do desemprego.

EUA exportam "lasers" para pesquisas nucleares

A administração norte-americana aprovou secretamente a exportação de «Lasers» aplicáveis em pesquisa nuclear para a Alemanha Federal e a França — afirma na sua edição de hoje o «Washington Post».

Esses «Lasers» especiais podem facilitar e embaratecer a produção de urânio altamente enriquecido e plutónio de grau superior aplicáveis em bombas nucleares — segundo a mesma notícia.

O chamado «Laser» de diodo ajustável, produzido

pela Laser Analytics Incorporated, foi vendido aos governos francês e alemão federal para pesquisa em separação de isótopos. Este é um processo sofisticado que está também a ser alvo de um programa intenso de desenvolvimento pelo governo dos Estados Unidos.

A decisão para autorizar a exportação dos «Lasers», que teve de ser aprovada pelo secretário da Energia, James Edwards, foi considerada secreta pela Secretaria da Energia — afirma o jornal.

Funcionários da Secretaria da Energia citados pelo «Washington Post» afirmaram não acreditar que os «Lasers» vão apressar significativamente os programas daqueles dois países para desenvolver o processo de separação de isótopos.

A tecnologia exportada tem potencial para transformar o plutónio das centrais de reprocessamento de combustível nuclear civil a fim de o tornar mais apto para uso em armas nucleares.

Terminou hoje debate na ONU sobre o desarmamento

Terminam hoje, nas Nações Unidas, duas semanas de debate sobre o desarmamento, que levaram a esta sessão especial da assembleia geral os dirigentes máximos de muitos países.

Findo o debate geral, a comissão plenária para o desarmamento integrada por diferentes grupos de trabalho, apresentará uma resolução que concretize os desejos de todos os participantes: travar a frenética corrida armamentista.

A resolução, que a comissão aprontará em 24 horas, será votada no sábado pela Assembleia Geral da ONU.

México e Suécia são autores de um projecto de resolução onde se pede aos Estados Unidos e à União Soviética o «congelamento imediato» dos seus armamentos nucleares, como primeiro passo para o «programa compreensivo de desarmamento».

Tal congelamento incluirá a proibição completa de ensaios, o termo total do fabrico de armas nucleares e a proibição de qualquer novo armazenamento destas armas.

Segundo a resolução, o congelamento ficará submetido à «verificação» segundo procedimentos já discutidos por ambas as partes nos casos dos tratados

«SALT-1» e «SALT-2», e pelos que forem acordados durante as negociações trilaterais preparatórias sobre a proibição total de ensaios nucleares.

A Índia elaborou um projecto similar e este país apresentou com o México outro texto sobre «prevenção da guerra nuclear», onde se solicita ao secretário-geral que encarregue um grupo de especialistas de estudar medidas especiais de prevenção.

As armas convencionais foram um dos temas de discussão nos vários grupos de trabalho. Muitos intervenientes sublinharam que o problema do desarmamento não é apenas nuclear, já que as armas convencionais aniquilaram milhões de pessoas nos nossos dias.

Assim, também existem projectos de resolução pedindo a redução dos armamentos, limitação de certas actividades militares, desenvolvimento de medidas que fomentem a confiança e a segurança dos países.

Os resultados concretos desta segunda sessão especial sobre desarmamento vão

materializar-se na resolução que sábado a assembleia geral adoptar. Mas os delegados certamente se recordarão que, em 1978, a primeira sessão concluiu com um documento convidando os países a porem fim à produção e desenvolvimento das armas nucleares, a reduzirem os seus arsenais e a criarem zonas desmilitarizadas no mundo. A verdade é que nada disso se verificou.

Aliás o presidente da comissão especial sobre o desarmamento admitiu, na quarta-feira à noite, que a actual sessão se malogrou, ao anunciar que «não existe qualquer esperança» de se chegar à elaboração de um programa de desarmamento comum.

O presidente, Olu Adeniji, da Nigéria, informou os membros da comissão que «continuam a verificar-se divergências de vulto» apesar de se terem conseguido alguns progressos. Efectivamente, os grupos de trabalho competentes não conseguiram redigir os documentos previstos, a saber: um programa geral de desarmamento e um relatório sobre a avaliação da concretização do programa elaborado em 1978, durante a primeira sessão da assembleia da ONU sobre o desarmamento.

Nicarágua reforça defesa

O ministro da Defesa e comandante das Milícias Populares da Nicarágua, Humberto Ortega Saavedra, disse hoje que, nos últimos meses, foram detectados 139 violações do espaço aéreo do país por aviões-espiões norte-americanos.

Ortega Saavedra disse ainda que «na Nicarágua é preciso aprender a viver no meio da agressão» e que o país não conhecerá a paz enquanto houver uma administração como a de Ronald Reagan.

Dirigindo-se a uma assembleia de comandantes das Milícias Populares, realizada em Manágua, o ministro da Defesa da Nicarágua anunciou a formação de comités integrados por representantes do Partido Sandinista e de organizações populares, a fim de melhorar a actividade das Milícias.

O fortalecimento das Milícias Populares, disse Ortega Saavedra, é indispensável para se defender «palmo a palmo» o território nacional.

Um plano divulgado pelo ministro indica que, num período de seis meses, devem ser melhoradas as linhas de defesa do país, em apoio das forças regulares que guardam as fronteiras e participam na perseguição aos bandos que actuam no interior do país.

Referindo-se aos últimos meses, Saavedra apontou ainda a descoberta de doze acções navais de espionagem no Atlântico Sul e Pacífico executadas por navios dos Estados Unidos.

Durante este mesmo período, verificaram-se sessenta provocações de grupos de ex-guardas nacionais (o exército do ditador Somoza) junto às fronteiras norte e sul do país. No caso da fronteira norte, Saavedra referiu a descoberta de trinta tentativas de infiltração em que participaram ex-guardas nacionais e elementos do exército das Honduras.

Como resultado da acção de grupos anti-sandinistas no interior do país, foram assassinados dezasseis dirigentes de organizações populares e activistas de outras estruturas.

Em combate com grupos anti-sandinistas, morreram 26 elementos do Exército Popular e 130 contra-revolucionários, acrescentou Ortega Saavedra.

Após mais de vinte anos de luta, a Frente Sandinista ainda não conheceu a paz, concluiu o ministro, salientando que as agressões dos inimigos obrigam o país a armar-se e a preparar a defesa contra o cerco do imperialismo norte-americano e dos governos reacçãoários da América Central e das Caraíbas.

Tropas hondurenhas em El Salvador

O envio de tropas hondurenhas para combater a guerrilha em El Salvador constitui «um grave perigo para a paz mundial», afirma o diário soviético «Pravda».

Acrescenta que o referido envio, pelo qual responsabiliza os Estados Unidos «agrava a onda de violência em El Salvador e é um passo para estender a guerra a toda a América Central».

Salienta que Washington proclamou a região das Caraíbas como uma espécie de «terceira fronteira» e que dá instruções a aviadores salvadorenhos no lançamento de bombas de «napalm», ao mesmo tempo que continua a enviar «conselheiros» e material de guerra, intervindo assim directamente no conflito em El Salvador.

Ocupada embaixada das Honduras

A ocupação ontem da embaixada das Honduras em Washington terminou sem incidentes, depois de a Polícia ter obrigado os assaltantes, seis norte-americanos e um colombiano, a abandonarem o edifício.

Prosse a "guerra"



O líder da OLP, Yasser Arafat, conversa

plio acordo entre os dirigentes da OLP, do Movimento Nacional Libanês, do Amal (chiita) e dos muçulmanos sunitas. A posição a que parece ter-se chegado é a seguinte: as forças da OLP só retirarão por completo depois de ter sido enviada para o Líbano uma força ou grupo internacional que supervisione o cessar-fogo.

Ainda segundo a mesma agência, a relativa unidade criada em torno de Wazzan, OLP e restantes forças de Beirute-Oeste barrou o caminho aos planos do presidente Elias Sarkis (o qual, segundo a «Time» defendia que os palestinos faziam o que lhes era ordenado ou seriam exterminados), do ministro dos NE, Fuad Butros, e do chefe falangista Bechir Gemayel, que esperavam aproveitar-se da guerra para tirar partido pessoal da situação. O

Conspiração na Guiné-Bissau

O chefe de Estado da Guiné-Bissau, João Bernardo Vieira, anunciou ontem a descoberta duma conspiração contra a segurança do Estado e a detenção de três importantes personalidades políticas.

Numa entrevista dada ao jornal de Dakar, «Le Soleil», o presidente Bernardo Vieira indica o nome de três pessoas implicadas na conspiração e que foram presas: João da Costa, antigo ministro da Saúde, preso depois do golpe de Estado de 14 de Novembro de 1980 libertado desde então e nomeado director da «Cicer» (fábrica de cerveja de Bissau) comandante Duki Djassi, chefe de segurança e antigo ajudante de campo do ex-presidente Luís Cabral, e honrário fonsaca, antigo embaixador em Moscovo e Havana.

O chefe do Estado não deu mais precisões sobre a natureza da conspiração e limitou-se a garantir que os direitos do homem serão respeitados. Compete à justiça, disse, determinar o grau de culpabilidade das pessoas presas e castigá-las.

Contudo a rádio Bissau revelou ontem que o ex-ministro da Saúde João da Costa, preso desde 26 de Junho, denunciou às autoridades a existência de um grupo político que procurava «aproveitar-se do descontentamento da população».

«Organização antipartidária, fraccionista e anti-revolucionária» são os termos de referência utilizados pela rádio oficial de Bissau que transmitiu parte da gravação do interrogatório feito pela Segurança a João da Costa, já suspenso de membro suplente do Comité Central do PAIGC.

João da Costa revelou após cerca de oito dias de prisão que o seu grupo reduzido não tinha em vista a tomada imediata do poder, mas que «procurava estabelecer contactos para controlar a situa-

ção quando a população descontente viesse a reagir».

O grupo reunia-se desde Fevereiro de 1981 em casa de João da Costa, de Honório Fonseca, após a sua chegada da Embaixada em Cuba, ou na residência do ministro dos Transportes e Turismo, Manuel Santos (Maneca).

Os três presos teriam elaborado já um documento chamado «programa de desenvolvimento rural» que iriam introduzir nos canais de distribuição e discussão do Partido no Poder, o PAIGC, e que projectavam apresentar ao dirigente partidário Domingos Brito.

João da Costa afirmou que o grupo tinha já ramificações diversas em Bula e noutras populações do norte do país, onde os dois antigos combatentes da luta pela independência, Leopoldo Alfama e Honrário Fonseca «detinham muitos conhecimentos».

A gravação do interrogatório ao preso foi divulgada na rádio oficial de Bissau por decisão do presidente Bernardo Vieira, que surgiu também a comentar as declarações, em intervenção feita na recente reunião do comité central, encerrada no dia 6, em Bissau.

O ministro dos Transportes Manuel Santos, foi também ouvido em declarações mas sempre esteve e mantém-se em total liberdade, tendo sido chamado quarta-feira a interrogatório o actual embaixador guineense em Argel, Braima Câmara também referido na longa gravação, sobre a ANOP em meios governamentais.

Alguns meios políticos de Bissau conferem contudo uma importância reduzida à repercussão das actividades alegadas pelo antigo ministro João da Costa, havendo mesmo quem duvide do seu estado de perfeito equilíbrio emocional.

M israelita gravemente ferido?

Segue no Líbano das negociações



Assa com comandantes militares da organização. (Telefoto UPI/ANOP/DL.)

grande problema para Elias Sarkis é que agora não poderá pedir oficialmente a intervenção dos EUA sem o apoio de Wazzan.

As agências ocidentais referem hoje que os planos norte-americanos de intervenção directa no Líbano representam uma viragem na política dos EUA face à OLP e a Israel, consubstanciando uma espécie de reconhecimento tácito da Organização (na via do que já sucedera no Verão do ano passado, através de um acordo de cessar-fogo, sob os auspícios sauditas) e uma diminuição do apoio indefectível a Israel. Este tipo de interpretação pode constituir uma manobra propagandística destinada a fazer aceitar aquilo que, nos nossos dias, é incompreensível: a reedição da intervenção de 1958.

Nos Estados Unidos, depois da reacção negativa dos congressistas, surge agora uma declaração do Pentágono, segundo o qual o envio de tropas americanas para o Líbano está muito longe de se concretizar, ou mesmo de ser decidido. Desde sempre que o secretário de Defesa, Gaspar Weinberger, se mostrou reticente quanto a essa intervenção.

Embora as agências digam o contrário, é muito provável que a declaração de ontem do Pentágono seja uma resposta disfarçada à mensagem excepcionalmente dura do presidente soviético Leonid Brejnev a Reagan.

A nível oficial, a Casa Branca comentou a advertência de Brejnev, desdramatizando-a e considerando que não se tratava de qualquer ultimato.

Enquanto isto, o chefe do departamento político da OLP, Faruk Kaddumi, que se encontra em Londres, acompanhado de uma delegação da Liga Árabe, e que foi recebido pelo subsecretário dos NE, afirmou que a OLP aceitaria uma força internacional de

paz no Líbano, constituída por não-alinhados, países europeus, nações árabes e islâmicas, omitindo qualquer referência a forças dos EUA. Contudo, há informações de que os palestinos poderiam aceitar a participação dos EUA numa força multinacional. Observadores citados pela IPS afirmam, entretanto, que neste momento está fora de causa a hipótese do «assalto final» israelita contra Beirute-Oeste, sendo previsível que o presente impasse se mantenha por algum tempo.

A favor da OLP

O certo é que o tempo joga contra Israel e a favor da OLP.

Isso mesmo declarou ontem o chanceler austríaco Bruno Kreisky, acusando certas tendências fascistas do governo israelita e afirmando que «a ideia de que o povo palestino tem direito a existir e a ter um Estado está agora mais viva do que nunca».

A imprensa norte-americana revela que o estado de espírito da opinião pública dos EUA começa a ser diferente, depois das exacerbações cometidas por Israel na presente invasão do Líbano. No Congresso aumentam também as vozes condenatórias do governo Begin, e nas altas esferas do poder encontram-se dois homens (Gaspar Weinberger e George Schultz) ligados directamente à gigantesca empresa Bechtel que está neste momento a construir na Arábia Saudita o mais gigantesco empreendimento de todos os tempos.

Outros sintomas claros de que Israel perde cada vez mais terreno internacionalmente: a maioria dos 630 membros da Câmara dos Deputados Italianos solicitou ao governo o imediato reconhecimento da OLP, «neste

momento em que, em resultado da inadmissível agressão israelita está em curso no Líbano um genocídio dos povos palestino e libanês». Segundo os deputados (entre os quais 91 democratas-cristãos), essa posição é um acto de grande importância política e activa solidariedade humana.

As igrejas protestantes norte-americanas, por seu turno, lançaram intensa campanha de auxílio ao Líbano e a favor da solução da questão da Palestina.

Em Nova Deli um cônsul israelita foi expulso do país por ter proferido declarações «altamente discutíveis» e que «constituem uma intromissão inaceitável nos assuntos internos da Índia». As declarações do cônsul diziam respeito ao hipotético «medo» que a Índia teria dos «árabes» devido a interesses comerciais.

Dentro de Israel, o ambiente continua pouco propício ao acto final e mais brutal da operação de genocídio. Oitenta e seis militares israelitas dirigiram uma carta ao governo, pedindo que não os mandassem para o Líbano «porque estão fartos de matar e ver morrer companheiros sem saberem porquê». A carta denuncia os planos do governo tendentes a impor uma nova ordem no Líbano e conclui: «esta guerra, as mentiras e as conquistas que proporciona não se apoiam em qualquer consenso nacional», reservando-se os militares direito de se furtarem à missão para que forem chamados se os convocarem de novo para o Líbano.

Convite a Arafat

Yasser Arafat, líder da Organização de Libertação da Palestina, foi convidado a usar da palavra no Parlamento Europeu, em Estrasburgo.

O convite foi apresentado quinta-feira pelo grupo comunista composto por 48 parlamentares, para que Arafat, quando o deseje, exponha a sua posição quanto à crise do Líbano.

Luta na Cisjordânia

Soldados israelitas dispararam para o ar a fim de dispersarem estudantes palestinos, na Margem Ocidental do Jordão, que protestavam contra a guerra no Líbano — revelaram fontes militares em Telavive.

Professores da Universidade de Bir Zeit, encerrada por três meses na sequência das manifestações, disseram que também helicópteros israelitas abriram fogo contra os estudantes, que tiveram de fugir para montes nos arredores.

Grã-Bretanha

Multiplicam-se os conflitos sociais

Tendo-se tornado menos reivindicativos com medo do desemprego, os trabalhadores britânicos parecem mudar de atitude desde há várias semanas, como o testemunha a escalada de conflitos que abala actualmente a Grã-Bretanha.

Esta mudança de tendência deve ser relacionada com a próxima adopção, pela Câmara dos Comuns, da lei do emprego qualificada de anti-sindical pelo «Trade Union Congress» (TUC), que agrupa 12 dos 13 milhões de sindicalizados na Grã-Bretanha.

O projecto, que deverá ser adoptado no Outono deste ano, visa reforçar e alargar a «lei do emprego» de 1980 que, segundo os parceiros sociais, só muito raramente teve efeitos. Para o governo da sra. Thatcher trata-se de reduzir um poder sindical que é considerado demasiado forte.

Nos termos desse texto, a imunidade de que os sindicalistas beneficiam, individual e colectivamente, seria parcialmente posta em causa. Isto significa

que um sindicato ou um delegado sindical poderão ser levados perante a justiça pelo empregador e condenados a importantes multas, designadamente no caso de greves chamadas «políticas», ou seja, cujos motivos sejam externos à empresa (apoio dos trabalhadores de outra empresa, por exemplo).

A «lei do emprego» de 1982 suscitou violentas reacções tanto da parte do TUC — que não exclui a hipótese de se organizarem greves — como do Partido Trabalhista. Por outro lado, numerosas greves ou ameaças de greve que se registam actualmente, tais como as que são levadas a cabo pelos ferroviários, pelos mineiros, pelos trabalhadores dos serviços de saúde pu

pelos maquinistas de trem, têm por objectivo demonstrar a mobilização dos trabalhadores contra essa lei, para além das reivindicações salariais ou de horários.

O segundo grande «dossier» da lei visa pôr em causa o «closed-up», um acordo entre o patronato e os sindicatos de uma empresa que torna obrigatória a adesão a um sindicato para se ser contratado.

Este sistema é muito criticado, tanto pelo governo conservador como pelo Partido Social-Democrata e por uma parte do patronato. Os adversários do «closed-up» citam o caso de pessoas que não foram contratadas porque não estão filiadas no sindicato ou que são despedidas porque não pertencem ao sindicato que corresponde ao seu ofício. A lei prevê que os trabalhadores de uma empresa se pronunciem sobre o prolongamento ou não do «closed-shop» todos os cinco anos.

Mitterrand na Hungria

Presidente francês expôs a sua «política a leste»

O presidente François Mitterrand termina hoje em Budapeste a primeira visita do seu septanato a um país de Leste com um novo encontro com o primeiro secretário do Partido Socialista Operário Húngaro, Janos Kadar, numa vontade política comum de se realizarem progressos reais e concretos entre os dois países.

Num encontro a sós, os dois homens de Estado examinaram ontem durante mais de duas horas, os meios de se renovar o diálogo Leste-Oeste e de se restaurarem as condições «do que se chamava o desanuiamento», segundo os termos do chefe de Estado francês.

No último dia da sua visita à Hungria, François Mitterrand, que dará uma conferência de imprensa conjunta com Janos Kadar antes de partir, contactará igualmente com representantes da vida intelectual e religiosa do país. O presidente francês receberá durante o pequeno-almoço o poeta Gyula Illyes, glória nacional literária da Hungria, visitará duas exposições, uma das quais consagrada ao pintor francês Gericault e avistar-se-á com escritores e artistas húngaros.

Antes de iniciar o seu segundo encontro a sós com Janos Kadar, o presidente Mitterrand deslocar-se-á à residência do

cardeal Laszlo Lekai, primaz da Hungria, para uma conversa de cerca de meia hora.

O presidente Mitterrand expôs as grandes linhas da sua «política a Leste» desde as primeiras horas de estadia na Hungria, sublinhando que a França continuava «aberta a todos os verdadeiros diálogos», numa Europa cujas duas partes estão divididas por «demasiadas fronteiras e, sobretudo, por fronteiras demasiadamente largas».

Mas o diálogo supõe, igualmente, a manutenção «do que faz a liberdade do Homem, a independência das nações e a preocupação primordial da paz», acrescentou Mitterrand.

Fogo em Barcelona

Pirómanos na origem dos sinistros

Uma vaga de calor sem precedentes, que tem reduzido a imensos cemitérios as granjas de criação de gado, incêndios, que desde a passada segunda-feira destruíram milhares de hectares de floresta, ocupam a par do Mundial, do espectáculo dos «Stones» e da crise política interna, as manchetes dos jornais de Barcelona.

A capital catalã continua rodeada de focos de incêndio. Uma verdadeira cintura de fogo, que as 94 unidades de bombeiros vindas de todo o lado — Leida,

Tarragon, Saragoça, Valência, Castellon de la Plana — os 800 soldados de diversos regimentos e os mais de 1000 voluntários, apoiados por meios aéreos, helicópteros, hidroaviões «Cannadair», ainda não conseguiram dominar.

Em Garraf, Anoia e Bergues, três dos principais focos de incêndio, foram já consumidos pelas chamas milhares de hectares, e o pessoal civil e militar encontra-se extenuado. Os parques de campismo situados nas redondezas foram evacuados.

Entretanto novos focos de incêndio foram detectados em Begues, Olença, Ja Geltru, lançando o pânico na aldeia de Ordal, onde o fogo chegou a rondar o hospital e um eremitério.

Os combates aos incêndios já provocaram alguns feridos. Um suboficial do Exército teve que ser evacuado de uma zona sinistrada por quebra de tensão, e um voluntário que tentava com uma serra eléctrica cortar uma árvore, acabou por mutilar o seu corpo na zona do abdómen.



Bodas de Coral

Salvador Castano

NAVE CENTRAL DA FIL DE 4 a 10 DE JULHO

Vamos assinalar condignamente o encerramento das nossas BODAS DE CORAL.

ENTRADA GRATUITA

das úteis das 17 às 23 horas

sábados e domingos das 14 às 23 horas

TODAS AS NOITES, UM DOS NOSSOS VISITANTES RECEBERÁ UM MAGNÍFICO TELEVISOR A CORES DA MARCA GRUNDIG

**TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DA COVILHÃ**
ANÚNCIO

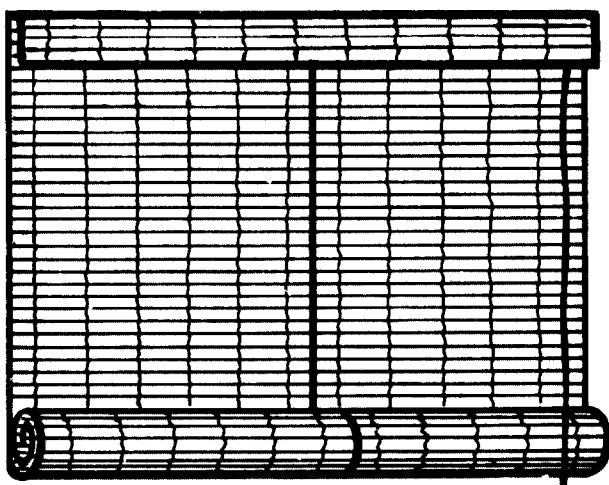
 Proc.º 51/81
Sec. 3.ª

FAZ SABER que nos autos de Execução Sumária que o Banco Nacional Ultramarino, EP move contra as executadas, CONFECÇÕES GEMI, LDA., sociedade com última sede conhecida em Calçada de Santo André, 33-B1, 2.º, 3.º, esq.º — LISBOA, e outra, ausente em parte incerta, correm editos de TRINTA DIAS, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando aquela executada, para, no prazo de CINCO DIAS, decorridos os editos, pagar ao exequente

a quantia de 147 407\$60, quantia titulada por letras e encargos vencidos, deduzir oposição ou nomear bens à penhora que garantam aquela quantia e custas, findo o que, se considera devotido ao exequente o direito de nomeação de bens à penhora.

Covilhã, 6-7-82

O Juiz de Direito,
as) MARIA DA GLÓRIA
DA SILVA CARDOSO LEMOS
O Escrivão,
as) JOSÉ FERNANDES


**COM SOL OU CHUVA
CONTROLE A
INTENSIDADE DA LUZ**

**ESTORES
DE ENROLAR
ENTREGAS RÁPIDAS**
(8 dias)

Em ripas de madeira. Isolante térmico e acústico. Ideal para marquises, janelas, escolas, locais de trabalho
Altamente resistente à luz solar

BARROS & BARROS, LDA.

R. JOSÉ DURO, 22-B (Alvalade) 1700 LISBOA - T. 892057

NATURA
**FOI POSTO À VENDA O N.º 334
REFERENTE A JULHO**

Se deseja evitar a doença e curar-vos dos vossos males, pelos meios puramente naturais, assinal já esta utilíssima revista de Higiene Geral e Alimentar de Saúde e Cultura Integral podendo estar certos de que pelos ensinamentos recuperareis mais bem-estar e alegria de viver.

Director e proprietário DR. INDIVERI COLUCCI

- Saiba o que é a Naturopatia
- Dr. Indiveri Colucci um nome grande da Medicina Natural
- Conte-nos o seu caso
- Considerações contra a matança de animais e o consumo da carne
- Ileo-colite e Colite um auxílio nutricional para a doença inflamatória dos intestinos
- Esclerose Múltipla o grande impostor médico
- Enfisema não deveria ser uma tragédia
- A Dispepsia do café com leite
- Não deixe que seu filho seja atingido pela Desidratação
- As virtudes da batata
- Etc., etc.

 TODOS OS PEDIDOS DEVEM SER DIRIGIDOS
A ESTA ADMINISTRAÇÃO

 RUA ANTERO DE QUEENTAL, 35 1.º (ao Intendente)
Telefone: 55 64 98

 Assinatura anual, 350\$00 Semestral, 200\$00
Estrangeiro, 600\$00 Avulso, 35\$00

**MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
EDITOS**

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sítio em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Lagos, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o processo n.º 1/1865, arquivo 3861, para o estabelecimento na freguesia de Odebrete, concelho de Lagos, de uma linha aérea a 30 kv [(30 14.04.03 Vale da Lama (S. M. Lagos PT n.º 98)] com 1255 metros, do poste n.º 15, da linha para o P.T. n.º 1 de Palmares, ao posto de transformação n.º 98 dos Serviços Municipalizados de Lagos, sítio em Vale da Lama.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 8 de Junho de 1982

O Engenheiro Director
João Carlos Oudinot
Larcher Nunes

**TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE MOURA
ANÚNCIO**

No próximo dia 13 de Outubro pelas 10.30 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, nos autos da carta precatória para arrematação em hasta pública, n.º 61/81, procedentes do 6.º Juízo Cível de Lisboa, onde foram extraídos dos autos de Acção Especial de Venda de Penhor, n.º 12 317 da 1.ª Secção, pendentes na Secretaria Judicial desta comarca contra José Valadas e mulher Mariana Honrado Valadas, António Valadas Pereira e Francisco Manuel Honrado Valadas, há-de ser postos pela primeira vez em praça, para se arrematarem ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo, diversos móveis da casa comercial.

Moura, 30 de Junho de 1982

O Juiz de Direito,
Mário Manuel Vargues Gomes
O Escrivão Judicial,
Manuel Gonçalves
Mestre Nicolau

 -DL- — 9-8-82
1.ª Publicação

ANÚNCIO

 Proc. 390/80
3.ª Secção

O doutor Fernando Amâncio Ferreira, Juiz de Direito da 3.ª Secção do 9.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, faz saber que pelo Juízo de Direito desta comarca e 3.ª secção correm editos de vinte dias, contados da data da 2.ª e última publicação do anúncio citando os credores desconhecidos do(s) executado(s) Serafim Afonso e mulher Maria Adelaide Vaz dos Santos, residentes em Chão de Couce — Ansião para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na Execução Ordinária movida por Banco Pinto & Sotto Mayor, EP — Rua Ferreira Borges, 69 — Coimbra, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa 5 de Julho de 1982

O Juiz,
(Fernando Amâncio Ferreira)
O Escrivão adjunto,
Sídónio Brissos Pereira
Gonçalves

 -DL- — 9-8-82
1.ª Publicação

**SOCIEDADE DE EMPREENDIMENTOS
E EXPLORAÇÃO HOTELEIRA VA-
LENTE E FERNANDES, LDA.ª**

Cópia da escritura lavrada de fl. 25 v.º a fl. 27 v.º do livro de notas n.º 100-E do 19.º Cartório Notarial de Lisboa.

No dia 13 de Novembro de 1981, no 19.º Cartório Notarial de Lisboa, perante mim, Manuel Rodrigues Mendes de Andrade, notário neste Cartório, compareceram como outorgantes:

- 1.º José Domingues Fernandes e sua esposa, D. Maria Alzira Henriques Simões Fernandes, casados segundo o regime da comunhão de adquiridos, residentes em Lisboa, na Rua de Joaquim Bonifácio, 16-5.º, frente, naturais da Freguesia de Alvaro, Concelho de Oleiros;
- 2.º Adão António da Cunha, casado com Maria de Lurdes da Silva segundo o regime da comunhão geral de bens, natural de São João de Rei, Póvoa de Lanhoso, residente em Lisboa, na Rua do Salitre, 124-3.º, direito;
- 3.º Manuel Damas da Silva, casado com Gracinda de Jesus Ladeira Damas, segundo o regime de comunhão de adquiridos, natural da freguesia de Concelho de Oleiros, residente em Lisboa, na Rua do Actor Taborda, 42-3.º, esquerdo;
- 4.º Moisés Ramos Marques, casado com Maria do Rosário Ferreira Marques segundo o regime da comunhão de adquiridos, natural da Freguesia de A. dos Cunhados, Concelho de Torres Vedras, residente no Barreiro, na Rua da Voz do Operário, 13-2.º, esquerdo.

Pelos primeiros outorgantes foi dito:

Que o primeiro outorgante, o terceiro e o quarto outorgantes são os actuais e únicos sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada Sociedade de Empreendimentos e Exploração Hoteleira Valente e Fernandes, Lda.ª, com sede nesta cidade, na Rua Nova de São Mamede, 64, rés-do-chão, a 68, constituída por escritura de 13 de Janeiro de 1976, lavrada de fl. 64 a fl. 66 v.º do livro de notas n.º 37-D do 15.º Cartório Notarial de Lisboa, cujo capital social, integralmente realizado, é de 1 000 000\$00;

Que no referido capital social é o primeiro outorgante titular de 2 quotas, sendo uma do valor nominal de 300 000\$00 e outra do valor nominal de 100 000\$00, as quais cedem ao segundo outorgante, Adão António da Cunha, por preços iguais aos valores nominais das quotas cedidas, no total de 400 000\$00, que já receberam.

Pelo segundo outorgante foi dito que aceita a presente cessão de quotas.

Pelos segundo, terceiro e quarto outorgantes foi dito que, ficando agora a ser os únicos sócios da citada Sociedade, também pela presente escritura, alteram parcialmente o pacto da mesma Sociedade, substituindo a redacção dos n.ºs 1 e 2 do artigo 8.º pela seguinte:

8.º

- 1 — a administração e gerência dos negócios da Sociedade e a representação desta em juízo ou fora dele, activa e passivamente, serão exercidas por todos os sócios, Adão António da Cunha, Manuel Damas da Silva e Moisés Ramos Marques, que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral.
- 2 — para obrigar a Sociedade são necessárias e suficientes as assinaturas de 2 gerentes, bastando a assinatura de um só deles para os actos de mero expediente.

Verifiquei a qualidade dos segundo, terceiro e quarto outorgantes de únicos sócios que ficam sendo da citada Sociedade pela escritura de cessão de quotas, aumento de capital e alteração do pacto social outorgada em 5 de Agosto de 1977, a fl. 64 do livro de notas n.º 66-F deste Cartório, pela escritura de cessão de quotas outorgada em 18 de Junho de 1979, lavrada a fl. 50 v.º do livro de notas n.º 83-E deste Cartório e pela presente escritura.

Advertir os interessados da obrigação de requererem o respectivo registo de alteração no prazo de 3 meses.

Arquivo uma certidão passada na Caixa de Previdência e Abono de Família do Comércio do Distrito de Lisboa, onde consta que a citada Sociedade é devedora àquele instituição da quantia de 246 752\$00.

Foi-me exibido o cartão de identificação de pessoa colectiva respeitante à dita Sociedade com o n.º 500700133, emitido pelo Gabinete do Registo Nacional, válido até 19 de Abril de 1983.

Verifiquei a identidade dos outorgantes por declaração dos abonadores Eteivina dos Prazeres Alves Duarte, casada, e Hermínia Pereira Duarte, viúva, residentes em Lisboa, na Avenida de Guerra Junqueiro, 21, cave.

Foi esta escritura lida e explicado o seu conteúdo, em voz alta e na presença simultânea de todos, aos outorgantes.

José Domingues Fernandes — Maria Alzira Henriques Simões Fernandes — Adão António da Cunha — Manuel Damas da Silva — Moisés Ramos Marques — Eteivina dos Prazeres Alves Duarte — Hermínia Pereira Duarte. — O Notário, Manuel Rodrigues Mendes de Andrade.
Está conforme o original

19.º Cartório Notarial de Lisboa, 23 de Novembro de 1981

A Ajudante,
Maria Henriqueta Oliveira Madeira Nazare

Caminhos de Ferro Portugueses Informação

22/82

**Aviso ao Público
CONCURSO**

Até às 17 horas do dia 12 de Julho de 1982, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a compra, instalação e subsequente exploração de duas carruagens-bares, na estação de Carcavelos.

A importância mínima a oferecer pela compra das duas carruagens é de 350 000\$00 e a anuidade mínima a oferecer pela sua instalação é de 200 000\$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da CP a quantia de 34 000\$00.

As respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nos seguintes locais:

- CARCAVELOS
- Departamento Administrativo
- LISBOA (Cais do Sodré)
- Serviço Comercial de Passageiros
- Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
- LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada e lacrada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses — E.P. Apartado 2733, 1118 Lisboa Codex, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a compra, instalação e subsequente exploração de duas carruagens-bares na estação de Carcavelos».

**COM
GARANTIA**
**ESPECTACULAR CAMPANHA DE VERÃO
TELEVISORES A CORES**

M.L.FERREIRA 51 cm 35.000\$
56 cm 38.000\$
66 cm 42.000\$
RUA D. ESTEFANIA, 48 - A 1000 LISBOA

exclusivo

Estados Unidos

Espionagem contra Cuba

□ Vitorio M. Copa

■ Prensa Latina

HAVANA — A supersecreta Agência Nacional de Segurança (NSA) norte-americana estabeleceu um centro de escuta em Cayo Hueso para fiscalizar as chamadas telefônicas entre os Estados Unidos e Cuba, o que constitui mais um passo na guerra não declarada dos EUA à ilha.

Esta informação foi dada por Denis Anderson, director da Agência de Reurbanização de Cayo Hueso, uma das firmas imobiliárias mais importantes da Florida, ao jornal «The Miami Herald».

Anderson, e também alguns congressistas federais, afirmaram não saberem ex-

utilizada por John F. Kennedy como posto de comando durante a invasão de Playa Girón (Baía dos Porcos), em Abril de 1961.

Nessa ocasião, os militares do Departamento da Defesa dos Estados Unidos congelaram por seis meses qualquer venda ou reurbanização da antiga base de submarinos, actualmente transformada em centro de espionagem contra Cuba.

Há pouco, o Pentágono levantou esse congelamento, embora tenha acrescentado que nenhuma urbanização poderia interferir com o material electrónico da base. As autoridades militares não explicaram a razão dessa restrição, mas Anderson de-

clarou: «Querem fazer escuta a Cuba».

Os funcionários da Companhia de urbanização explicaram que durante meses fizeram tudo quanto podiam para se inteirarem sobre se os militares planeavam instalar uma base em grande escala em Cayo Hueso, ou se pretendiam utilizar apenas alguns acres de terreno.

O representante democrata Dante Fascell, que exortou o Departamento da Defesa a levantar o congelamento, negou-se a receber um relatório confidencial enviado por um funcionário do Pentágono.

«Francamente, não quisemos tomar conhecimento», explicou Bárbara Burris, assessora de Fascell. «É um projecto confidencial e se recebermos um relatório confidencial, não poderíamos dizer nada».

Anderson tornou-se frenético, segundo a expressão do

«The Miami Herald», pois o enorme projecto urbanístico é crucial para a futura economia de Cayo Hueso: cerca de 400 milhões de dólares em investimentos em hotéis, prédios de apartamentos, um embarcadouro e restaurantes.

Embora satisfeito com o levantamento do congelamento, Anderson teme que a proibição de emitir certos tipos de sinais electrónicos impeça que se possa fazer trabalhos de reparação em barcos ou construir torres exteriores para os cabos do serviço eléctrico na zona do Anexo.

As actividades da NSA incluem operações com centros de escuta por rádio, decifração de códigos e partilha de relatórios com a CIA. Escutar as transmissões de rádio, as comunicações por rádio entre barcos e outras questões são «Actividades normais da espionagem norte-americana», como disse Bárbara Burris. Mas negou-se a comentar as actividades planeadas pela NSA para Cayo Hueso contra o governo da maior ilha das Antilhas.

«A NSA tem sido sempre uma agência muito calada», disse ao jornal o porta-voz Spencer Davis, e «ela está a trabalhar num terreno secreto da segurança nacional».

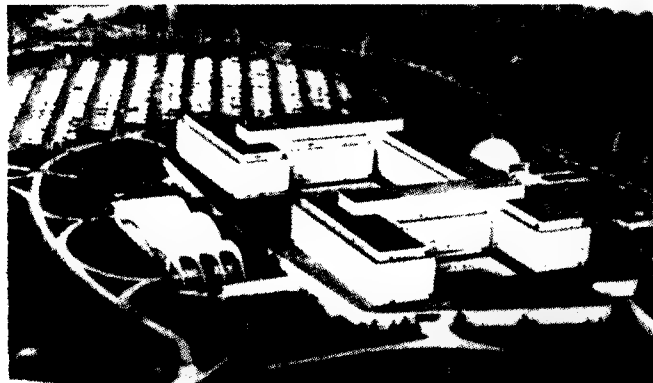
«Espiar não é nada de novo», acrescentou Davis. «É a segunda profissão mais antiga do mundo. Não tenho liberdade para falar sobre questões de inteligência relacionadas com sinais», sublinhou. Espiar Cuba não é nada de novo em Cayo, de acordo com a reportagem do «The Miami Herald».

De facto, o Pentágono opera já numa torre de transmissão de 90 metros e muito bem vigiada, num sector desta base, embora as autoridades civis aleguem não saber qual a sua utilização.

As frequências cubanas são monitorizadas a partir de Cayo Hueso, revelaram as fontes, de acordo com a reportagem do «The Miami Herald».

Um dirigível com um radar, estacionado em Cayo Sugarloaf, vigia Cuba com uma tecnologia tão avançada que pode avistar embarcações na baía de Mariel, «provavelmente as linhas avançadas de um estacionamento», disse a mesma fonte.

Anderson é de opinião que há sectores das forças armadas destacados a partir de Cayo Hueso a controlar Cuba e acrescentou que «cada qual faz a sua tarefa, escutando Cuba».



É a partir da sede da Agência Central de Inteligência (CIA), nos Estados Unidos, em Langley, que partem as ordens de ataques contra Cuba.

actamente o que planeia fazer o braço de investigações mundiais do Departamento da Defesa norte-americano com o que foi em tempos a base naval de Cayo Hueso, o Anexo Harry Truman, que está a planear-se reurbanizar. Mas Anderson, depois de manter conversações com legisladores e assessores de congressistas, manifestou a opinião de que a NSA planeia secretamente construir esta estação-espia, como parte da política de linha dura seguida pelo governo de Reagan em relação a Cuba, a 90 milhas a sul de Cayo Hueso.

«Se se pegar no telefone para falar para Havana, a chamada entra numa frequência de microndas, em direcção a Cuba. Eles interceptarão a mensagem pelo caminho», explicou Anderson, que acrescentou ser este facto «muito inquietante».

Em Agosto, o Pentágono forneceu o seu primeiro indicio público de que tinha qualquer coisa em mente para o terreno de 141 acres onde se encontra a Pequena Casa Branca de Truman, que foi



As frequências cubanas são monitorizadas a partir das bases das forças armadas situadas entre Homestead e Cayo Hueso, apenas a 90 milhas.



Chile

Alerta contra o extermínio das últimas baleias azuis

□ Luis Alberto Jara

■ IPS

SANTIAGO — Vozes autorizadas erguem-se no Chile reclamando protecção para a «rainha das baleias». Insaciáveis frota de pesqueiros internacionais estão a proceder a uma caça indiscriminada das últimas baleias azuis nos mares da Antártida, condenando à extinção a rainha da espécie, o maior do reino animal com um comprimento de 30 metros e cerca de 135 toneladas de peso.

As águas pertencentes à soberania chilena, entre os meridianos 53 e 90 graus de longitude oeste, parece constituírem o último refúgio da baleia azul, e para ali navegam os navios-fábrica e as frota de baleeiros para levar a cabo o seu metódico extermínio. Anualmente, e por ocasião da temporada da caça à baleia, juntam-se naquelas latitudes cerca de 200 barcos arpoeiros, apoiados por meia centena de navios-fábrica com o objectivo de capturarem vários milhares destas baleias.

A fim de participarem na caçada, acorrem barcos de diversas nacionalidades, à excepção dos do Chile, pelo simples facto de que a sua companhia baleeira «Macaya Hermanos» não possui capacidade suficiente para expedições até aos mares da Antártida.

O economista chileno Carlos Fredes afirmou que as baleias caçadas por arpões estrangeiros nos mares chilenos «equivalem à produção de um ano em cobre, salitre e carvão», isto é, mais de 2000 milhões de dólares.

«A baleia é o maior animal existente no planeta», salientou o articulista Raul Morales Alvarez. «Uma baleia azul, — a rainha da sua espécie — chega a medir 30 metros e o resto das suas imãs de menor porte, incluindo o cachalote, chega apenas aos 22 metros.»

Uma baleia azul é da altura dum edifício de dois andares, a sua língua pesa tanto como um elefante adulto: 3 toneladas. O seu esqueleto 22 toneladas, cada exemplar tem 50 toneladas de carne e 25 toneladas de gordura. Os seus 135 000 quilos totais, equivalem ao peso de 45 elefantes.

Morales Alvarez assinala que «a baleia é a mais prodigiosa fonte de óleo que se conhece no mundo. Desse óleo obtém-se lubrificantes, glicerina, margarinas, sabão, creme de beleza, cosméticos, produtos e subprodutos para a fabricação de tintas e vernizes. A sua carne, quer fresca quer de conserva, é um alimento de primeira qualidade para a alimentação humana. A farinha que se faz dos seus ossos constitui um excelente fertilizante agrícola e os seus intestinos são usados como forragem para o gado. Do seu fígado obtém-se um óleo superior em vitaminas ao do bacalhau, enquanto que o pâncreas, as glândulas tiroideas, os ovários e as pituitárias possuem hormonas e matérias-primas muito procuradas pela indústria farmacêutica.»

«Explica-se pois — diz Morales Alvarez — o alvoroço dos baleeiros quando do alto das torres dos barcos se ouve o grito: 'baleia à vista, capitão', porque a baleia não é um peixe mas um mamífero que respira por pulmões e os repuxos de água que expelle para o ar são somente o arquejar da sua respiração.»

Os repuxos expelidos quando respira denuncia a presença do cetáceo e concitam a atenção dos arpoeiros. A baleia filtra periodicamente cerca de duas toneladas de água pelo crivo que são as suas «barbas» formadas por 300 filamentos e ao expulsar a massa de água deixa apenas o «placton» para se alimentar.

Os entendidos assinalam que a baleia azul se refugiou nas latitudes do Antártico porque ali é abundante o «krill», um pequeno crustáceo com qualidades vitamínicas bastante ricas, que é o seu alimento preferido.

Tal matança aniquilará provavelmente um dos mais portentosos animais da natureza. A sua reprodução é lenta porque as baleias são monogâmicas e vivem em casais que manifestam um afecto mútuo. Dois tripulantes de baleeiras conhecem inúmeros casos de machos que se expuseram ao arpão quando a sua companheira foi ferida de morte.

Se não forem tomadas medidas preventivas por parte de organismos internacionais, provavelmente, no século XXI a baleia azul será apenas uma curiosa atracção dos museus. ■

DESPORTO



Itália-Polónia

Rossi: da prisão ao Quirinal

Peter Ustinov ergue-se da cadeira e aplaude como um miúdo de rua. Xavier Cugat, muitos tiques na vista esquerda, cara como um Himalaia repleto de rugas, está de boca aberta, a peruca oscilando em equilíbrio instável. Boniek é um monumento de cimento, gélido, siderado. Do topo da bancada, fogem as pombas abandonando os ninhos que ficam ao desamparo. O rumor esturpe pelo estádio, a multidão ergue os braços, bandeiras azul-brancas ao pôr-do-Sol. Rossi, duas flechas embebidas em «curare», acabou com a ilusão polaca e coloca o «cálcio», pela quarta vez da sua história, numa final mundialista.

Bem dizia o bioritmo: a vitória italiana estava assegurada. A turma de catorze jornalistas da «Gazzeta Dello Sport» salta como movida por uma mola. O colega Lodolico Mardei diz-me:

• **Vamos tirar um milhão e trezentos mil. Mas o patrão pode dar outros milhões a Rossi.**

«Il Bambino de Oro» passa a caminho do balneário. O suor escorre-lhe pelo pescoço, o tronco está encharcado, a meia esquerda caída sobre uma bota já desapertada.

• **«Grazzia. Grazzia».**

Paolo, o rapazito nascido a 23 de Setembro de 1956, em Prato, sorri. O seu metro e setenta e oito desfila como um corcel. Os seus 74 quilos parecem uma pluma. A «prima donna» está cercada pelos colegas quando trazem a notícia:

• **Foste o melhor do jogo: vais a receber um automóvel.**

Iniciado nos juvenis do Juventus, episodicamente passando pelas hostes do Lanerossi Vicenza, foi depois cedido ao Perugia. Andou pela Argentina ainda sem bulir na alta roda. Nos últimos dois anos chegou a conhecer o cárcere: lembram-se do escândalo das «apostas negras»?

Recordamo-nos nós, claro. Mas, lá por Itália, a esta hora, alguém será capaz de desfolhar o passado do atirador-mor deste campeonato que vive sob o sinal de Rossi, o conquistador?

Baile ao som da tarantela

O «Canguro» tocou o porto de Barcelona e mais uns centos de «tiffosi» desataram a subir as «ramblas» como se fossem ver o Papa. As mulhures de Cabrini e Zoff sorriem para a objectiva, enquanto «madame» Antognoni e o pequenito querem saber como está o papá, aflito com um torcidela no pé direito, chuto dado na relva obrigando a troca por

Marini. Como se fossem vestais gregas, as «azafatas» olham de longe presas proibidas, enquanto lentamente a «brava squadra» entra no duche e os polacos, de nariz virado para o chão, nem uma camisola trocam com os pares de um reino que ficou sem dúvida.

«Madame» Cabrini exulta, o baile transalpino terminou. Lá longe, o eco das proezas de Rossi vai aliviar a tensão brasileira: perder perante um «onze» que possui o melhor jogador do Mundial, sempre ajuda a disfarçar o choro. Bearzot, de súbito atirado pelos céus, está já sentado perante a curiosidade dos jornalistas.

• **A defesa italiana jogou sempre com a maior tranquilidade perante os esporádicos ataques da equipa polaca.**

Puxa com toda a força pelo cachimbo. Alisa a testa com a esquerda. Mentalmente, deve rememorar hora e meia.

Rossi, Rossi

Petardos de fumo, bandeiras do «Solidariedade», insolações. Rossi anda numa rodaviva, cada qual pretendendo travar a marcha do flibusteiro. O jogo entra de parada e resposta. O medo de muitos sustos tolhe a iniciativa, leva os guerreiros a não esprieta-

rem das trincheiras.

«Il Bambino» procura espaços livres, Graziani despede junto à madeira e, subitamente, a bola vem de «livre», recolhida por Rossi que, antecivando-se entre Dziuba e o guarda-redes atira para o viveiro.

• **«Molto Benne»** — brada-se na plateia, logo receosa do que pode acontecer com Antognoni, que sai já descalço. Rossi ainda mais espartilhado, Cabrini fica-se a um palmo do rectângulo a transpor, os «tiffosi» explodem quando Janas carrega o menino.

A cortina italiana não deixa uma folguinha na costura. A bola continua aos pulos defronte das malhas polacas, os transalpinos desfazem velozmente qualquer veleidade de Lato, nem que seha preciso passar de quarenta metros para as mãos do «papá» Zoff.

Dziuba rasga a face esquerda: dão-lhe gelo e ele volta para a frente de batalha. Majewski malha em Rossi, convertido em bombo de festa, em homem a abater. O público grita: quer o rapaz em todo o espectáculo, ainda que todos os demais zarpem para o porão. Mas o Majewski volta a ceifá-lo: cartão amarelo, é evidente. No caminho para o túnel, nem um aceno de desculpa é esquecimento imperdoável e o areópago vaia o polaco, aplaudindo a Paolinho.

Escrito no vento

OSde Varsóvia demoram no retorno e as gentes impacientam-se: nova assobiada estava à espera. Ciolek cede para Palasz, mas os polacos continuam com uma mania danada: querem levar a bola colada nos pés até ao último fio branco.

Janas atira-se a Tardelli, Conti também leva, os «livres» cercam a Polónia. Na volta, Lato está à porta mas não tem espaço para aferir a alça. Smolarek e Collovati apanham com a cartolina icterícia. Kusto começa a preparar-se para a rendição, Wejicki também

Neves de Sousa nosso enviado especial

corre ao lado, Mlynarczyk anda pelos pés de Graziani. Por quem estará «torcendo» João Paulo?

Conti joga ostensivamente para a bancada de topo, Kupcewicz ganha na grande área mas fica à procura da rolha e a oportunidade esvai-se: Zoff faz peito para Dziuba, Rossi é outra vez tocado pela raiz, o jogo está duro quando Conti voa sobre os fotógrafos.

Cabeça de Buncol; Zoff é uma tenás. Graziani isola-se, lá pela esquerda: sai-lhe ao caminho Zmuda (o mau da fita) que lhe ebfia o joelho pelo paiol das migas. O dezanove italiano fica-se como um doce anjo: sai de mada e entra Aaltobelli.

Orialli vai também para a relva: os polacos carregam a fundo, dão no osso que não é brincadeira. Porém, não têm pernas para evitar aquele centro de Altobelli e a sublime e acariciadora recolha de Rossi: quando a bola parte, ficava a sentença escrita no vento.

Tempo para baile

Daí para diante, foi a Polónia quem perseguiu a bola. Smolarek é trocado por Kusto: Piechniczek não ganha uma migalha na opção. Sem as setas de Boniek, vida folgada para Zoff. E o marfim a correr, com baile romano: catorze toques seguidos sem que um só polaco cheirasse na esferinha arrancam «olés» como se estivessemos na «Monumental», perante Campuzano ou o nosso Vitor Mendes.

Os «tiffosi», agora afoitamente, sem qualquer receio, atiram novamente com as gargantas para o alto. Zoff solta mas logo segura. É espantosa a serenidade italiana no domínio e retenção do couro e o tempo joga a seu favor, criando cabelos brancos lá pelo reduto polaco. Quando o último silvo termina com a função é o delírio dos azuis-brancos e o triste encaixe dos branquinhos.

• Não temos outro futebol...

À minha direita, entrevistado para a RAI, Boniek nem sequer se lamenta: constata uma verdade, o jarro de água gelada despejado sobre a pele. Ainda não será desta que a Polónia estará numa final Mundial e o recorde de Lato (102 jogos pela selecção, deitando para as urtigas o máximo assinado por Deyna) nem sequer é motivo para o velho senhor estar mais conformado. Lentamente, muito a custo, a intérprete traduz:

• Diz que todos fizeram o que era possível...

Na meia-final vaticana, os polacos ficavam sem passaporte para Madrid.

Direito adquirido

Polónia, Peru, Camarões, Argentina, Brasil, novamente Polónia: quem é capaz de segurar a Itália?

Maldera, o ex-internacional do Milan que está hoje no «staff» de

Bearzot, traz uma camisola para oferecer ao árbitro.

• **Sem qualquer dúvida: batemos os melhores opositores, estamos na final por direito mais que adquirido.**

Títulos em 34 e 38, derrota sobre o risco no México (prémio para o Brasil, 1970), Bearzot de vilão a herói, Rossi de procurado pela Polícia a visita de honra no Quirinal.

• **estivemos duas noites sem dormir. Não, não foi só por causa do calor: é que as chamas que rodeiam Barcelona impressionaram muito a «Squadra».**

Cento e trinta e um golos estavam marcados: cinco, com a «marca Rossi», ficavam para a história mais bonita dos Mundiais de futebol. No quadro de honra de uma competição empolgante e rodeada de um misério sempre rasgado em cada novo minuto.

Adeus sem Boniek

O dr. Reczk, presidente da Federação Polaca, ajeita a gravata, continua muito formal:

• **É melhor não misturar desporto com política. Todos sabemos que há dificuldades económicas no meu país, mas o futebol na Polónia é tão popular e querido que toda a gente ajuda a levar e a manter esse desporto.**

Depois, já com Boniek ao lado:

• **Cada dificuldade vai dando mais força às pessoas.**

Perguntam-lhe sobre a ida para a Juventus, para o lado de Platini, desse rapaz nascido a 3 de Março de 1956.

• **A federação recebe sempre uma percentagem do preço da transferência e o dinheiro vai para os clubes mais necessitados. Normalmente, não se permitem saídas antes dos 27 anos: Boniek é uma excepção. Já foi mais de sessenta vezes internacional, tem uma oportunidade única na vida, merece uma boa ajuda.**

Termina meio sorridente:

• **Como se vê, a nossa política é flexível e liberal...**

Tudo acabou. Barcelona fecha



Paulo Rossi: dois golos e um automóvel

para obras, os taipais correm na Catalunha, a festa vai continuar até Madrid. No corredor do «Nou Camp», Zmuda tenta explicar que não deu em Rossi e que o juiz foi duro com o cartão amarelo. Rossi fica afogado num mar de aplausos que chegam do lado de lá das grades, dos «tiffosi» que não arredaram pé sem ver de mais perto o grande senhor de Itália. O comboio polaco perdeu a estrada de ferro.



O Estádio Santiago Bernabéu, em Madrid, onde no domingo se disputará o Itália - RFA. As obras de beneficiação do estádio, para este Mundial, custaram mais de 5500 contos

João Paulo II viu o jogo

As ruidosas caravanas automóveis voltaram ontem às ruas de Itália nos festejos da vitória da «Squadra Azzura» sobre a Polónia que colocou a equipa na final do Mundial de Futebol 82 de Espanha.

Paolo Rossi, autor de cinco golos nos dois últimos encontros da equipa (contra o Brasil e Polónia), tornou-se repentinamente o homem mais popular de Itália e o seu nome foi vitorioso vezes incontáveis nas manifestações de alegria que encheram a Itália.

As autoridades policiais adoptaram esquemas de emergência nas 16 principais cidades, tentando evitar que os festejos tivessem um lado negro.

De acordo com as primeiras indicações, os recordes de audiência televisiva foram pulverizados em Itália com mais 31 dos 56 milhões de italianos agarrados ao pequeno écran.

Na cidade do Vaticano, o Papa João Paulo II seguiu o desafio pela televisão, acompanhado pelo primaz da Polónia, cardeal Josef Glemp, enquanto em Roma o Senado italiano interrompeu a sua sessão.

Os festejos em Itália só terminaram às primeiras horas de hoje.

DESPORTO



S... como sorte madrasta

Existe, desde sempre. Tem sabor amargo e é uma das eternas cabeças de cartaz do grande espectáculo humano. Tem um nome — sorte madastra. E ontem entrou em campo para afastar a França da final do Campeonato do Mundo de Futebol. Uma França toda virada para o ataque. Tal como o Brasil. Lembra-se?...

De um lado, a força da audácia, o engenho e a inteligência, a vivacidade e a poesia, aperaltadas de azul-branco-vermelho. Do outro, a força física, o rigor, a vontade férrea e pouco mais, trajados de preto-branco.

Gauleses contra teutónicos? Os primeiros não resistiram aos segundos. Serão despedaçados... — dizia-se antes do levantar do pano. Os primeiros minutos pareciam confirmar o prognóstico. A 100 à hora, os alemães lançavam-se com unhas e dentes contra o último reduto francês.

De repente, o cordeiro começa a bater o pé ao lobo. Perante os olhos maravilhados de milhões de telespectadores, assiste-se ao ressuscitar de um ausente: o Brasil de Sócrates, Falcão, Junior e Zico. A França aceitara a passagem do testemunho. O Brasil fora-se, mas, o futebol de ataque não morrera.

Os minutos passam e a sensação confirma-se: está-se perante um jogo memorável e a França desenha um carrossel que deixa a RFA com os olhos em bico.

Igualdade a uma bola ao fim do primeiro tempo.

Vem o segundo. Os passes luminosos de Platini, génio com olhar de louco, rasgam a defesa adversária, semeiam o pânico. Um «puto» de palmo e meio — o pequeno/grande Giresse —, faz gato sapato dos gigantes vindos do outro lado do Reno. Amoros, Genghini, Tigana, Six e C.ª. estão sós em campo. A RFA partiu para férias. Regressará a 10 minutos do fim do tempo regulamentar. E de que maneira: o



Rocheteau: um perigo constante

milagre ronda por duas vezes a baliza de Ettori. Eis que, atingem os ponteiros os 47 minutos de jogo, Amoros envia a bola à trave. O milagre muda de campo. Mas, desta feita, com laivos de... injustiça. A sorte madastra insinuava-se no campo francês.

Primeiro: prolongamento. Vão decorridos dois minutos e Tresor enche as arcas do tesouro: 2-1. Volvidos mais seis, Giresse assina o 3-1. A França está na final do Espanha/82.

A 24 minutos do paraíso, do feito histórico, os franceses vão fazer aquilo que o Brasil não fez contra a Itália, pensa-se. Está quieto! Aguenta o jogo! tem-se vontade de gritar.

Mas o franceses não ouvem. Atirados como por um íman para a baliza adversa, não vêm outra coisa, senão a barra e os postes confiados à guarda do guarda-redes alemão. Estão hipnotizados.

Rummenigge, que só entrara no prolongamento, atenua a diferença: 3-2. No terreno, são poucos os actores que ainda têm forças nas pernas. Os franceses ainda menos — já não podem com uma gata pelo rabo. Pudera! Fizeram todo o jogo, marcaram o ritmo, não pararam de correr como corcéis à solta.

Chegou a hora de criarem uma trincheira rente à sua baliza?

Há muito que sim, mas não para eles. Continuam o carrossel. Fisher, num último estertor planta o punhal da inclemência, põe a Alemanha em delírio: 3-3. Dramático. A força alemã impusera-se ao «panache» francês. Uma vez mais, a imagem do Brasil que por amor ao ataque renegara os cuidados defensivos, desfilava na retina.

Mas ainda havia as grandes penalidades. Triste desfecho/solução para prélio tão empolgante. Quando Stielike falha, um «Ouf!» de alívio percorre essa legião de fiéis para quem o mais importante é o futebol com «f» grande e não fanatismo que por vezes se coloca na defesa das suas cores.

Os gajos merecem, haja justiça — pensa-se.

Ainda o «Ouf!» vai nos lábios e já Bossis estraga tudo. Para sempre. Hrubesch, o «monstro» alemão que entrara aos 80 minutos por ordem do treinador a quem há poucos dias chamara covarde, não perdoa. A RFA irá à final.

A sorte madastra existe. Vi-a ontem na TV. A França, bolas!, merecia vencer.

Manuel Anta



Schumacher: alguma vez terá sonhado com uma presença na final?

França-RFA

Sangue, suor e lágrimas

Empolgante. Para assombrar e jamais esquecer. De consumir todas as reservas de coramina, de atirar ao solo os gigantes mais resistentes, de esmigalhar em pó os corações mais empedernidos. Um França-Alemanha Federal que, mercê do maravilhoso toque de classe de Rummenigge (talvez encimado pela fama e pelo rótulo de Paolo Rossi) deu volta ao «placard» e, quando a noite tombava e o dia se preparava para nascer, colocou o seu país lado a lado com a Itália, cada símbolo procurando o terceiro título do «palmarés» do seu futebol.

Foi de fazer enternecer as pedras da calçada. Littbarski rasgando a virgindade do reduto de Ettori, quase logo aquela incontestável grande penalidade cometida sobre Platini que o maestro cobrou com duros juros. Anima-se o embate, chispa a cartolina oriental (Giresse, Genghini), Schumacher começa a experimentar a pontaria no ombro de Six, mas a pausa refresca e acalma.

Volta-se para entre as quatro linhas e novo «icterícia» beija B. Forster. Battiston entra para render Genghini, acontece uma soberba serpentina de Platini e, logo depois de mais recente comparsa no espectáculo provente que não vinha para fazer número, eis que um germânico entra a varrer e corre da frente com esse tal Battiston que, pela movimentação e perigo que criava, parecia saído da casca para dar tranquilidade absoluta ao técnico Michel Hidalgo.

Façamos a justiça ao juiz holandês Charles Corver: nem viu, nem os colegas de bandeira deram pela brutal e antiética entrada de Schumacher a Battiston: caso contrário teríamos (com toda a impossibilidade do mínimo protesto) a Alemanha Federal reduzida a dez figuras.

Battiston sai de maca, inconsciente, a cabeça longe dos cinco sentidos. Lopez entra. Derwall é obrigado, em desespero de causa, a fazer apelo a Hrubesch, o tal que o tratou de «cobarde» e nunca mais lhe deu a cara. Mas, negócio é assim mesmo, né?

Fischer e Littbarski perdem o desamparo. Janvion e Tresor enchem os olhos dos deuses de quem está colhendo delícias do espectáculo. Amoros arroja contra a trave. Briegel e Fischer perdem novo arrumar de questão. E vem o prolongamento, logo com aquele impetuoso golpe do homem de Guadalupe, na recolha em tesourada de um livvre: o disparo em corrida de Tresor ergue o «Sanchez Pizjuan» e provoca, aqui em Barcelona na sala de imprensa, uma pequena loucura. Até porque, quase de imediato, vem um pulo

ainda mais alto: os tricolores com 3-1. Platini para Giresse e bola aninhada e dominada na rede.

Jupp Derwall lança mão da derradeira esperança. Mas, seria que apenas podendo dar uns pontapés com a perna direita (a esquerda estava surda, sem movimentação para o esforço) esse louro Rummenigge poderia operar a maravilha de um milagre?

Brigel abandona e, como uma seta qual «tocado» qual carapuça, Rummenigge faz o malandro desvio e a redondinha entra no saco. Toda a Alemanha Federal deve ter ficado de cara esperançada. Lá por França talvez ainda uma pequena confiança, até porque os alunos de Hidalgo pareciam repousar, convencidos de que não mais Ettori iria ao fundo da loja.

O golpe de misericórdia surge no pontapé de bicicleta de Fischer, com guarda-redes e dois defesas sobre o traço fatal. O poder físico da RFA mais a arte inenarrável que Rummenigge colocou nesse pedaço de calendário em que fora socilitado como último santo no altar, iam colocar a decisão ao alcance de grandes penalidades.

Um silêncio de chumbo tomou sobre Sevilha. Era como se cada matador estivesse perfurado e, na «maestranza», touro e herói jogassem de poder a poder. Giresse cobra, Kaltz marca, Amoros consegue, Breitner empata, Rocheteau ganha vanguarda. Porém, eis que Stielike parte com insegurança e, também porque Ettori se mexe a destempe, a bola fica aos saltinhos, longe do alvo. É o choro desabalado do fabuloso quinze germânico, rosto encerrado entre as mãos, todo o corpo dobrado num arco sobre os joelhos. Os colegas confortam esse homenzarrão, mas as lágrimas são em cascata.

Six corre para a esfera: com uma serenidade impávida, cera e brilho em paradoxo, Schumacher voa e detém o gol. Era novo reavivar de emoção, tudo novamente no princípio, as lágrimas e o desespero transferi-

das de corpo para corpo, Littbarski: 3-3. Platini: impecável. Rummenigge: é um «craque» e «craque» não perdoa. Quatro igual: é a altura de Bossis, o mais pequeno erro será a morte do artista.

Não há, pelos ares, mais que o traçado de uma mosca. Bossis toma balanço: a caprichosa recusa o convite, fica-se, nos domínios de germânicos. E, quando Hrubesch arranca, tudo está definitivamente esclarecido.

Perto, na cabina, Battiston ainda solta sangue. Na pista que poderia ser de dança, cavalos abatidos choram como crianças a quem tivessem escamoteado o brinquedo dos seus ideais. Encharcados, sem mais poderem fazer que abraçarem-se no silêncio mudo, os alemães espalham-se num charco de suor. E em mais lágrimas.

Foi o fim de um suplício digno de Tântalo, o erguer de um marco absolutamente inédito em qualquer «copa» do Mundo futebolístico. O único pedaço de desconhecido que faltava para que este campeonato, que entrou no ciclo de vida mal e porcamente, acabasse por ficar marcado a ouro.

Com sangue, suor e lágrimas.

Neves de Sousa

Danças e reviravoltas

Para além do que ocorre nos estádios, perante multidões quase sempre superexcitadas pelo calor de lutas em que estão envolvidos interesses multimilionários, este Mundial de futebol continua a ser mostra de objectos sujeitos a venda, vitrina ou escaparate em que se apresentam figuras sujeitas à lei da procura e da oferta, dispostas a tomarem imediatamente novos rumos nas suas carreiras, tudo dependendo das fortunas equacionadas perante o olhar.

Breitner, aquele «duro» da Alemanha Federal que vendeu as barbas a uma firma que publicita loções capilares, tão depressa afirma que dentro de um ano diz adeus ao futebol como logo se deixa arrebanhar pelo entusiasmo com que dois empresários pretendem que troque os marcos do Bayern de Munique pelos dólares estado-unienses.

O defesa-central da selecção argentina (José Van Tuyne) muda-se, com armas e bagagens: do Racing de Avellaneda para o Milionários, de Colômbia, onde

terá como técnico o compatriota José Omar Pastoriza.

O nosso conhecido Ronnie Allen, que estava na corrida, foi batido: o novo seleccionador britânico é Bobby Robson, que junta esse cargo às funções de treinador do Ipswich, onde tem como adjunto Bobby Fergusson, que também o vai auxiliar na preparação do «team» representativo de Inglaterra. Vencimento mensal de Robson, ao serviço federativo: três mil libras.

Os novos recrutas do Barcelona embolsaram belas maquiãs: Miguel Angel Alonso veio do Real Sociedad por 60 milhões de pesetas enquanto o outro Alonso (Angel) custou aos condalenses coisa como 44 mil contos. Uns tostões que o presidente Nuñez adiantou por uns meses...

O germânico Matthaus está tentado pelo assédio do Atlético

de Madrid. Santillana, pai pela segunda vez (uma menina, a juntar a Ruben, de quatro anos) quer ir para o México. Blokhin, seduzido pelo futebol italiano (e pelas catadupas de liras) procura que a Federação Soviética o autorize a mudar de terra: a equipa mais jovem que desfilou pelo Mundial, a turma desse Dasaev que ninguém contesta como o melhor guarda-redes do futebol actual, irá perder o seu sapiente e veloz extremo-esquerdo?

Este é o universo que contorna as grandes «estrelas», aqui sujeitas a tremendo ataque por tudo o que é clubes de alto gabarito, grande prestígio e ambição ousada. Símbolos que não adormecem à sombra de louros adquiridos e que, para renovarem o interesse dos apaniguados, para mais incentivarem as plateias, pesquisam (neste monumental mercado dos «futebol stars») novos e mais apetitosos ingredientes para condimentarem o espectáculo de fim-de-semana.

EXCURSÕES 82

MADRID	 5 dias	7 140\$
ANDORRA	 5 dias	8 700\$
TANGER	 5 dias	10 200\$
LOURDES	 5 dias	9 540\$
MAIORCA	 6 dias	11 940\$
BARCELONA	 6 dias	9 420\$
PARIS	 6 dias	11 400\$
SUÍÇA	 7 dias	13 800\$
ITALIA	 7 dias	16 740\$
HOLANDA	 7 dias	15 000\$
ALEMANHA	 7 dias	14 880\$

HÓTEIS 1.ª SUPERPULLMAN
PARTIDAS MENSAIS

OUTRAS OPÇÕES

ESCAMARÃO TUR

Rua Conselheiro Arantes Pedrosa, 65
LISBOA Telefone 57 95 16

DESPORTO

ponta esquerda

Gomes: vinte milhões a pagar

O futebolista internacional Gomes, que tem alinhado no Gijon, da 1.ª Divisão espanhola, regressará em breve ao FC Porto, numa transferência que rondará trinta milhões de pesetas (cerca de 20 milhões de escudos).

O presidente do Sporting de Gijon, Vega Arango, efectuou uma breve visita ao Porto, para ultrapassar as últimas dificuldades do acordo, ligadas ao montante da transferência.

Na mesma altura foi discutida a participação do FC Porto no Torneio da Costa Verde, que constará das cláusulas de transferência.

O FC Porto manifestou-se interessado em participar no tradicional torneio, podendo vir a adiar o seu primeiro jogo de campeonato, que coincide com o «Costa Verde», na segunda quinzena de Agosto.

Lito e Marinho: mais um ano

Os futebolistas Lito e Marinho continuam na próxima época, no Sporting.

O acordo entre o clube e os jogadores foi definitivamente estabelecido, tendo a validade de um ano.

Nacional tirado à sorte a 12

O sorteio do Nacional da 1.ª Divisão realiza-se já no próximo dia 12, como habitualmente, na Sala de Escrutínio do Totobola. Hora marcada: 21 horas e 30.



Sporting cuida da saúde

Depois das inspecções médicas de início de época (na foto, o novo reforço Uchôa) o Sporting rumo hoje à Bulgária onde permanecerá três semanas em estágio.

«Tour»

Australiano continua a «voar»

O holandês Jan Raas venceu isolado a sexta etapa da Volta à França em bicicleta, mas o australiano Phil Anderson manteve o comando da geral.

Raas cobriu os 221,5 quilómetros da tirada Lille-Lille em cinco horas, 55 minutos e 42 segundos.

Dez segundos depois cortaram a meta o belga Jos Jacobs e o francês Pierre Le Bigault, que terminaram na segunda e terceira posições respectivamente.

Raas, vencedor da última edição da clássica Paris-Roubaix, comandou um grupo de seis ciclistas que a dez quilómetros da meta escapou-se ao pelotão.

Na ponta final, Raas forçou o andamento e adiantou-se aos seus companheiros de fuga, terminando isolado e conquistando a sua primeira vitória na presente edição do «Tour».

Phil Anderson manteve a camisola amarela, conquistada na segunda etapa, enquanto o irlandês Sean Kelly e o francês Bernard Hinault continuam no segundo e terceiro posto da classificação geral.

Os dez primeiros da sexta etapa do «Tour» foram os seguintes: 1.º Jan Raas, Holanda, 5.55.42; 2.º Jos Jacobs, Bélgica, a 10 segundos; 3.º Pierre Le Bigault, França, mt; 4.º René Martens, Bélgica, mt; 5.º Adrie Van Houwelingen, Holanda, mt; 6.º Kim Andersen, Dinamarca, mt; 7.º Dominique Anaud, França, mt; 8.º Sean Kelly, Irlanda, mt; 9.º Pierre Raymond Villemiane, França, mt; 10.º William Tackaert, Bélgica, mt.

Classificação geral

1.º Phil Anderson, Austrália, 27.01.16; 2.º Sean Kelly, Irlanda, a 28 s; 3.º Bernard Hinault, França, a 1.02 m; 4.º Daniel Willems, Bélgica, a 1.39; 5.º Gerrie Kneteman, Holanda, mt; 6.º Bernard Vallet, França, a 1.42; 7.º Ludo Peeters, Bélgica, a 1.48; 8.º Henk Lubberding, Holanda, a 2.01; 9.º Jacques Michaud, França, mt; 10.º Gregor Braun, RFA, a 2.11.

Do nosso enviado especial Manuel Neto - No ciclismo, como de resto noutras actividades, quem porfia é que mata caça. Provou-se isso, mais uma vez, ontem à tarde, na chegada a Cabeceiras de Basto, final da 1.ª etapa do «VI Grande Prémio do Minho». Luis Vargues (Bombarralense) que ao longo dos 135 km do percurso se bateu denodadamente para consolidar a fuga de um grupo de cinco unidades do qual também fazia parte, acabou por ter o justo prémio para o esforço despendido, ao arrebatar o símbolo mais cobiçado do tronco do lousanense Alexandre Ruas.

Disputada sob o signo da velocidade (a média do vencedor foi de 38,383 km/h) a etapa mais longa deste grande prémio ficou marcada, também, por dois factos: o primeiro diz respeito ao comportamento da equipa da Vigaminho que, surpreendentemente, saiu do anonimato e chamou a si o triunfo individual e colectivo na tirada, o segundo prende-se com a aparente apatia de que o «esquadrão» portista deu mostras até às portas de Cabeceiras de Basto, o que de algum modo também surpreendeu.

Foi, como dissemos, uma etapa extraordinariamente movimentada aquela que estabeleceu a ligação entre Pevidém e Cabeceiras de Basto. Logo no dealbar da corrida, à passagem por Caniços (km 13), um grupo de 7 ciclistas resolveu abrir as hostilidades. Foram eles: Luis Vargues (Bombarralense), Diamantino Vaz (Vigaminho), Adelino Teixeira (Bombarralense), Benjamim Carvalho (Lousa)

Bernardo de Sousa (Vigaminho) Norberto Medeiros (Coelima) e Abel Coelho (Lousa).

Impondo uma pedalada rija, os homens do Bombarralense depressa consolidaram a fuga, mas em contrapartida perderam a companhia de Norberto Medeiros e Abel Coelho que não aguentaram o andamento e ficaram para trás, na subida para o Monte da Assunção, onde estava instalada uma contagem de 2.ª categoria para o Prémio da Montanha. Entretanto, atrás dos fugitivos seguiram José Henrique (Lousa), Belmiro Ribeiro (Vigaminho), Jacinto Paulinho (Tavira) e Raul Fachadas (Coimbrões) que, a breve trecho, constituíram por assim dizer um segundo grupo de fugitivos, no qual se integraram os «atrasados» Norberto Medeiros e Abel Coelho.

No alto do Monte de Assunção, Bernardo de Sousa foi primeiro logo seguido do seu companheiro de equipa Diamantino Vaz e de Luis Vargues com cerca de minuto e meio sobre o segundo grupo e 2 m 25 s de avanço sobre o pelotão, comandado pelos homens da Coelima.

Revelando um sentido de entreatada digno de realce, o quinteto da frente foi ampliando o seu avanço, o qual, à passagem por Paços de Ferreira, cifrava-se em 2 m 30 s e 4 m 55 s, respectivamente sobre o grupo perseguidor e o pelotão, diferença esta que se manteve até Paredes, onde, entretanto, surgiu um pequeno precalço: a passagem de nível fechou antes de chegarem o grupo perseguidor e o pelotão e, consequentemente, houve necessidade de parar a corrida.



Salvaguardadas as diferenças então existentes, pode dizer-se que as únicas notas merecedoras de destaque a partir de então foram a queda do portista Manuel Zeferino, logo a seguir à passagem de nível e que o forçou à desistência, e a quebra de ritmo no grupo perseguidor que por isso mesmo não tardou a ser absorvido pelo grosso da coluna.

Refira-se ainda que nos cinco quilómetros finais e mercê do despertar dos homens do F.C. Porto, o avanço do quinteto fugitivo foi substancialmente reduzido, mas não tanto quanto o técnico «azul e branco» desejaria. Acrescente-se que ao longo da tirada desistiram apenas dois ciclistas mas não fora a decisão do júri em repescar 17 que chegaram com o controlo encerrado e teríamos o pelotão com a primeira selecção feita.

À hora de encerrarmos esta edição, disputa-se a segunda etapa, entre Cabeceiras de Basto e Celeiros, na distância de

120 km. De tarde, a partir das 16.00 realiza-se o contra-relógio individual Braga/Barcelos, que terá 19 km de extensão e vai, por certo, proporcionar grandes mexidas na classificação.

Classificações: Na etapa: 1 - Bernardo de Sousa (Vigaminho) 3 h 31 m 02 s; 2 - Benjamim Carvalho (Lousa), 3.31.05; 3 - Adelino Teixeira (Bombarralense), m.t.; 4 - Luis Vargues (Bombarralense), m.t.; 5 - Diamantino Vaz (Vigaminho), 3.31.07; 6 - António Pinto (Coelima), 3.33.26; 7 - Tito Timoteo (Ovarense), m.t.; 8 - Paulo Ferreira (Bombarralense) m.t.; 9 - Fernando Carvalho (Ovarense), m.t.; 10 - José Martins (Vigaminho), m.t... 68 - António Castro (Coimbrões), 4.12.47.

Por equipas: 1 - Vigaminho, 10.35.35; 2 - Bombarralense, 10.35.36; 3 - Lousa, 10.37.57; 4 - Ovarense, 10.40.18; 5 - FC Porto, m.t.

Montanha: 1 - Bernardo de Sousa, 3 pontos; 2 - Diamantino Vaz, 2; 3 - Luis Vargues, 1.

Geral individual: 1 - Luis Vargues (Bombarralense), 3.35.19; 2 - Adelino Teixeira (Bombarralense), 3.35.22; 3 - Diamantino Vaz (Vigaminho), 3.35.25; 4 - Benjamim Carvalho (Lousa), 3.35.30; 5 - Bernardo de Sousa (Vigaminho), 3.35.31; 6 - Alexandre Ruas (Lousa), 3.37.32; 7 - Luis Teixeira (Coelima), 3.37.34; 8 - Venceslau Fernandes (Rodovil), 3.37.35; 9 - Belmiro Silva (FC Porto), 3.37.36; 10 - Tito Timoteo (Ovarense), m.t.

Por equipas: 1 - Bombarralense, 10.48.19; 2 - Vigaminho, 10.48.40; 3 - Lousa, 10.50.23; 4 - FC Porto, 10.53.09; 5 - Tavira, 10.53.14.

Hoje em Paris

Recordistas à solta

O português Fernando Mamede, o norte-americano Alberto Salazar e o queniano Henry Rono são três dos principais candidatos a estabelecerem hoje o recorde do mundo dos 10 000 metros, em Paris.

O queniano Henry Rono, que perdeu quarta-feira o recorde mundial dos 5000 metros para o inglês David Moorcroft, alinhará à partida para defender o seu próprio recorde mundial de 27.22.4 minutos estabelecido em 1978.

Mas o norte-americano Alberto Salazar que bateu terça-feira o recorde do seu país nos 5000 metros em Estocolmo, com 13.11.93, apresenta-se com muitas hipóteses de superar o recorde de Rono, assim como o português Fernando Mamede, antigo recordista europeu.

Salazar, 23 anos, fez dia 26 de Junho em Oslo a terceira melhor

marca de sempre nos dez mil metros com 27.25.61 minutos, perdendo a prova para o português Carlos Lopes, que bateu o recorde da Europa com 27.24.39 minutos.

Mamede, 30 anos, que a 30 de Maio de 1981 bateu o recorde da Europa com 27.27.7 minutos, em Lisboa, fez já este ano o tempo de 27.33.37 minutos em Paris, a 29 de Maio, e afirmou que tentará recuperar o recorde da Europa e apoderar-se do máximo mundial.

A corrida dos 10 000 metros conta ainda com a presença do suíço Markus Ryffel.

A oportunidade para melhorar o recorde mundial dos 1500 metros muda-se da Noruega para França quando o inglês Steve Ovett, recordista mundial com 3.31.15 minutos, defrontar hoje os melhores corredores mundiais na distância.

Ovett, que ainda está a recuperar de uma operação a que foi submetido em 1981 a uma perna, ganhou quarta-feira em Oslo a prova dos 2000 metros com 4.57.71 minutos.

Mas o norte-americano Steve Scott que, em Oslo, fez o segundo melhor tempo de sempre na milha com 3.47.69 minutos está entre os candidatos ao recorde do mundo, assim como o seu compatriota Sydney Maree creditado com 3.32.89 minutos nos 1500 metros, disputados terça-feira em Estocolmo.

Entre os participantes conta-se também o neozelandês John Walker, antigo recordista mundial da milha e campeão olímpico em Montreal o queniano Mike Boit, e o suíço Pierre Deleze.

Uma equipa francesa tentará estabelecer o recorde europeu dos 4 x 200 metros que está em 1.20.50 minutos.

Vela em Cascais

RDA de novo

A equipa da República Democrática Alemã, Borowski / Swensson venceu a terceira regata do Campeonato Mundial de Vela, classe 470 a decorrer na baía de Cascais.

Em segundo lugar classificou-se Peponnet / Champaloux, da França e em terceiro a equipa da Finlândia, PV Koskull / JV Koskull.

Ao fim da terceira regata a classificação geral é comandada pela equipa norte-americana Schadden / Bill Kenney, com 23

pontos, seguida pela dupla Borowski / Swensson, da RDA, com 27.

O antigo campeão do mundo (1977, 1978 e 1980) Ullmann dos Estados Unidos classificou-se pela primeira vez na terceira regata entre os dez primeiros (quinto lugar).

Entre os portugueses a equipa Magalhães / Marques foi a melhor na regata de ontem, terminando em sexagésimo nono lugar.

Os resultados são provisórios

pois estão pendentes quatro protestos.

Resultados da terceira regata: 1.º, Borowski / Swensson (RDA); 2.º, Peponnet / Champaloux (França), Koskull / JV Koskull (Finlândia); 4.º, D. Jarret / Ian Jarret (Inglaterra); 5.º, Ulman / Lindskey (Estados Unidos); 6.º, Stavenuiter / J. Stavenuiter (Holanda); 7.º, Irigoyen / Navarro (Argentina); 8.º, Shadden / Bill Kenney (Estados Unidos); 9.º, Van Gent / Van Bladel (Holanda); 10.º, Dan Loven / M. Bengtsson (Suécia).

Aníbal Costa na presidência da SEMD

O médico Aníbal Costa foi eleito vice-presidente da Sociedade Europeia de Medicina Desportiva (SEMD) durante o congresso deste organismo internacional realizado em Viena.

Aníbal Costa, 52 anos, é o actual presidente da Sociedade de Medicina Desportiva Portuguesa, contando com mais de 20 anos de profissão.

O médico português deslocou-se em Setembro a Bergamo (Itália) para participar num congresso local sobre medicina desportiva e posteriormente estará na Tunísia e na Costa do Marfim para proferir colóquios.

Médicos

contra o boxe

A Associação Britânica dos Médicos decidiu lançar uma campanha pela abolição do boxe, alegando o grave risco de vida que correm os que praticam este desporto.

A decisão foi aprovada pela assembleia geral da Associação, onde foi revelado que, desde a Segunda Guerra Mundial, já morreram 337 pessoas na Grã-Bretanha devido à prática do boxe.

Além do risco de vida, os médicos britânicos sublinham que a modalidade pode ainda provocar lesões no cérebro e nos olhos.

Ao anunciar a campanha, o médico Robert Button afirmou que «a morte das 337 pessoas foi resultado directo de ferimentos sofridos no ringue e muitas outras sofreram graves lesões oculares».

crítica de teatro

Carlos Porto

O humor subversivo de Peter Barnes

«A Classe Dominante», de Peter Barnes. Tradução e Encenação Luzia Maria Martins. Cenografia: Fernando Filipe. Figurinos: Val West. Adereços: Carlos Ivo. Interpretação: Manuel Luís, João Guedes, Victor Hugo, Ruy Furtado, Helena Félix, Carlos Mourato, Carlos Ivo, Jorge Sequerra, Augusto Leal, Ana Otero, Fernanda Cardoso. Teatro Estúdio de Lisboa. Teatro Vasco Santana. Estreia: 26-6-1982.

Direi, em poucas palavras, que «A Classe Dominante» é um dos melhores textos dramáticos apresentados em Portugal depois do 25 de Abril (antes não teria sido possível); trata-se de um espectáculo que o leitor, se puder, não deve deixar de ver. Uma das grandes surpresas da temporada, ainda mais resumidamente.

Se penso no texto, de que conheço uma versão francesa apresentada por Claude Rich com cenário e a encenação originais, o que nesse texto me entusiasma é o que parece consistir uma mescla de humor britânico e daquilo a que poderei chamar, no melhor sentido da expressão, o humor revisteiro. Refiro-me ao texto português com uma tradução de Luzia Maria Martins que me parece excepcional.

Darei dois exemplos. A certa altura, diz o protagonista, que imagina ser Cristo, «A última vez que fui beijado num jardim, aconteceu uma coisa muito desagradável», e respondem-lhe, «Mas Judas era um homem». Exemplo do segundo caso. Grace, actriz, exclama: «Em teatro fiz de tudo, desde «streep-tease» a Stanislavski...»

Servindo-se, pois, dessa

dupla vertente humorística, Peter Barnes escreveu uma peça que constitui um libelo tremendo, e tremendamente teatral, contra o chamado «establishment», que é como quem diz, o conjunto de poderes, incluindo a aristocracia e a igreja, que constituem o Poder britânico.

Comédia barroca, chamou-lhe o autor, e um crítico sublinhou o facto de a tradição inglesa do barroco ser, não a arquitectura, a tragédia do século isabelino. O que é importante no texto é a originalidade e a energia vital que a peça exprime, a crítica demolidora que veicula, o divertimento sem paralelo que propõe. Imagine-se. O 13.º Duque de Gurney é juiz com tendências sadomasoquistas. O seu maior prazer consiste em imaginar o que sentem os desgraçados que ele manda para a forca. Para isso, inventou um dispositivo que lhe permite simular a morte por enforcamento, proporcionando-lhe visões celestiais de carácter obviamente erótico. Um dia o dispositivo falha e o Duque enforca-se mesmo, embora a família dê a sua morte como resultado de «surmenagem».

Escândalo. A enorme fortuna, cobijada pela família, vai para um filho do Duque, Eduardo, que está internado numa casa de saúde, dado por incapaz. O 14.º Duque de Gurney tem uma mania inocente: imagina que é Jesus Cristo. Diz o médico: «O duque é um esquisofrénico-paranóico; é um Gurney esquisofrénico e paranóico que acredita ser Deus». A loucura do duque não só é inocente como faz dele um homem bom que é obrigado a viver num mundo terrível. Por isso, manda instalar em casa

uma cruz onde se refugia quando as coisas se agravam, e acaba por casar com Grace que ele imagina como Marguerite Gautier (a «Dama das Camélias», precisamente), única mulher que pode amar. «Escolheu-a, diz o médico, porque é uma mártir do amor, como ele». E ela surge no espectáculo sob a forma verdiana de Traviata, outro genial achado de Barnes.

Louco, talvez o duque o seja, mas não é tolo, como se entende por esta fala: «A Inglaterra é uma ilha imaginária submetida ao regime dominante dos ventos do Oeste. Uma caganita de mosca no mar do Norte: uma nação sem importância cósmica. Acabou-se! Já nem sequer podemos pontapear os cus dos nativos dos bairros pobres de Calcutá».

A esta personagem insólita, dá réplica uma outra personagem também ela um espanto: Daniel Conforto, o velho mordomo, a quem o 13.º duque deixara uma boa maquia, para raiva dos presumíveis herdeiros. Marxista, anarquista, comunista, apreciador de uísque, de mulheres, da Côte d'Azur e de talheres de prata, Tucker parece ser a voz subversiva, feroz e terrivelmente cómica do autor. Fala de Tucker: «Quer dizer, chanfrado? Claro, completamente. Mas não é pior do que esses sacos de piolhos titulares. Esses aristogatos e esse buracos de cu privilegiados que podem dar-se ao luxo de ser chalados. Vivem num mundo de sonho não é verdade? (...) Não precisam de trabalhar para viver, por isso só fazem o que lhes apetece. Se andássemos todos o dia sem fazer nada, também nós seríamos espertos? Um dia vem em que a loucura do duque

acaba, ou transforma-se. Ele assume-se finalmente como senhor poderoso que é, e assume ao mesmo tempo as ideias e as posições mais reacionárias dos poderosos, defendendo a pena de morte que, como Cristo, abominava. Então a peça sofre um outro golpe de génio: Barnes transforma o Duque, ex-JC, no próprio Jack, o estripador, que a lenda diz ter sido um proeminente membro da aristocracia inglesa.

A peça termina na Câmara dos Lordes onde o duque se prepara para discursar, depois de ter cometido dois assassinios, no meio dos cadáveres, que se desfazem em pó, dos seus pares (isto na versão original alterada, cenograficamente, no espectáculo português).

O trunfo com que Luzia Maria Martins jogou, para além do magnífico texto de Barnes, foi o de ter utilizado João Guedes que dá à personagem de Tucker a dimensão surrealizante que a define. João Guedes volta ao seu melhor tempo, e consegue um trabalho marcado por uma graça, uma intencionalidade, uma criatividade (gestos, voz, silêncio, movimentos) raras no nosso teatro. Daniel Conforto é a grande personagem desta encenação de «A Classe Dominante», e um grande trabalho de actor. Claro que este facto provoca algum desequilíbrio no xadrez da representação, embora o jovem Jorge Sacadura consiga aguentar uma personagem tão difícil como é a do duque. Aguentar sem a esgotar, claro. Onde acaba a lucidez e começa a loucura da personagem — é nesta zona de ambiguidade que o intérprete se deve situar, como o fazia de forma extraordinária Claude Rich, zona que o actor português não consegue atingir. Outros actores ajudam, no entanto, a manter um nível de interpretação como o TEL já há muito não atingia. Ruy Furtado (Carlos Gurney), Helena Félix (Clara Gurney), Victor Hugo (Bispo), Manuel Luís, em especial no travesti, Augusto Leal (dr. Paulo Herder), estes actores, pelo menos, formam um colectivo suficientemente interessante para transformar o espectáculo num sucesso que, a meu ver, é. Resta acrescentar que Fernanda Cardoso, Grace, arranja algumas cenas muito boas.

Sem poder realizar um cenário capaz de dar o ambiente dos grandes senhores ingleses, Fernando Filipe criou um dispositivo funcional que permite as várias mutações, com o apoio correcto da projecção de diapositivos. O final com a utilização de bonecos a figurarem os pares do reino não é novo e está muito longe da força do cenário original, em que

Continua na pág. 20



Retrato de Murillo Mendes por Flávio de Carvalho, uma das obras patentes na exposição

Importante exposição na Gulbenkian

“Brasil-60 anos de arte moderna – colecção Gilberto Chateaubriand”

Organizada pela Fundação Cultural Brasil-Portugal e pela Fundação Gulbenkian, inaugura-se no próximo dia 12 do corrente, às 18 horas, na Galeria das Exposições Temporárias daquela Fundação, a importante e significativa exposição «Brasil-60 anos de Arte Moderna-Colecção Gilberto Chateaubriand», ficando patente ao público só a partir do dia 13 e mantendo-se aberta até 26 de Setembro próximo.

Trata-se de um grande acontecimento cultural luso-brasileiro, devendo deslocar-se a Lisboa, propositadamente para estar presente na inauguração da Exposição, o dr. Gilberto Chateaubriand, proprietário da importante colecção, que pela primeira vez sai do Brasil, constituída por 177 obras (pintura, escultura, desenho, gravura e objectos de arte) avaliadas em 3 milhões de dólares.

A Exposição abrange o período a partir desse extraordinário acontecimento inovador no plano da arte, que foi a «Semana da Arte Moderna», em São Paulo, em Fevereiro de 1922, em que tiveram intervenção destacada grandes figuras das Letras e das Artes do Brasil, como Mário de Andrade, Di Cavalcanti, Rodrigo de Melo Franco, Osvaldo de Andrade, Menotti del Picchia outros. A mostra será uma panorâmica de grande expressão nas artes plásticas brasileiras, desde a década de 20 até à de 70.

As obras são constituídas por pinturas a óleo, guaches, desenhos, gravuras, especialmente de Oswaldo Goeldi, considerado o maior gravador brasileiro, objectos de arte de vanguarda, etc., permitindo ao visitante acompanhar a par e passo o que foi a evolução das artes plásticas no Brasil.



Manuel Luís em «A Classe Dominante»

CAFE-TEATRO da
TEL 76 26 24
COMUNA

NAO FUI EU ***
FORAM ELES!
QUINTA-FEIRA AS 22 H
SEXTA E SABADO AS 23 H

3 ultimos dias

PALÁCIO DA JUSTIÇA
TRIBUNAL CÍVEL DA
COMARCA DE LISBOA

13.º Juízo — 5.º Piso
Processo n.º 7926 — 2.ª Secção

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz-se saber que, por est. tribunal, 2.ª secção, nos autos de execução sumária que Carlos Alberto da Silva instaurou contra Francisco António Pereira que teve a morada conhecida na Rua Rosa Damasceno, 3-1.º em Lisboa, fica este executado citado, para no prazo de dez dias que começa a contar de finda a diligência de trinta dias contados da 2.ª e última publicação do anúncio, deduzir, querendo oposição à execução, ou pagar ao exequente a quantia de 138 950\$00, acrescida de custas e outras despesas legais, ou no mesmo prazo nomear bens à penhora, sob pena de não o fazer tal direito ser devolvido ao exequente.

Lisboa, 30 de Junho de 1982

O JUIZ DE DIREITO,

a) António Máximo da Silva Guimarães

A ESCRITURARIA,

a) Clarisse Araújo de Sousa Gomes



JACK NICHOLSON um filme de MONTE HELLMAN

DUELO NO DESERTO

THE SHOOTING

HOJE ESTREIA

é o fim de uma longa viagem

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

CUMpra
os sinais das bandeiras

crítica de teatro

Carlos Porto

Depois de
O IMPÉRIO DOS SENTIDOS
O IMPÉRIO DA PAIXÃO
agora

O IMPÉRIO DO DESEJO

com
EIKO MATSUDA



um filme de **ATSUO SEKIMOTO**

ESTE FILME CONTÉM CENAS EVENTUALMENTE CHOCANTES.

quarteto INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS
2.ª SEMANA

Continua na pág. 19

essas figuras surgiam cobertas de teias de aranha e pó.

Não contando com actores que pudessem exprimir as dimensões de personagens tão significativas como estas (com excepção de João Guedes). Não dispondo de meios para poder erguer um cenário à altura das exigências da peça, Luzia Maria Martins, conseguiu criar um espectáculo que traduz, em espe-

cial, os aspectos fortemente sarcásticos de um texto tão rico como este. Parece haver aqui uma lição em que vale a pena reflectir embora pareça óbvia. Um texto teatralmente rico, dotado de um grande poder de comunicação, como é o caso deste, facilita, dinamiza a sua própria criação cénica, tanto no que se refere à encenação como à interpretação. Parece ter sido o caso deste espectáculo.

Para o conhecido crítico inglês

Martin Esslin, o tema principal desta «comédia grotesca, com os seus elementos rudes e cruéis, é um debate entre o deus do antigo e do novo testamento, o deus da vingança e do amor». O crítico chama ainda atenção para o facto de Barnes ter utilizado o esquema do boulevard inglês: o palácio, com o mordomo e o parque, o aparecimento do inspector da polícia, encarregado de descobrir o assassino e que chega fatalmente

à conclusão de que o culpado é o mordomo.

São estes aspectos aparentemente dispares mas muito bem trabalhados, além da carga crítica que a peça contém, que fazem deste texto uma obra fascinante. O espectáculo do Teatro Estúdio de Lisboa consegue traduzir, parcialmente mas com suficiente força, a espantosa lição que o texto de Peter Barnes faz explodir na cara do espectador.

MORTE NO NILO
DEATH ON THE NILE
A MAIS CÉLEBRE HISTÓRIA DE AMOR E MISTÉRIO DE AGATHA CHRISTIE

com
PETER USTINOV · JANE BIRKIN · LOIS CHILES · BETTE DAVIS
MIA FARROW · OLIVIA HUSSEY · I.S. JOHAR · JON FINCH
GEORGE KENNEDY · ANGELA LANSBURY · DAVID NIVEN
SIMON MACK · CORINNDALE · MAGGIE SMITH · JACK MARDEN

Música de HENRI ROTA - Argumento de ANTHONY SHAFER
Produção de JOHN BRADSHAW e RICHARD GOODWIN - Realização de JOHN GUILLENHIN

2.ª SEMANA
ESTÚDIO 222

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

PARQUE DE PALMELA
CASCAIS



JAZZ NUM DIA DE VERÃO

Sábado, 10 JULHO, 22.00 Horas

- QUARTETO AL HAIG · ART THEMEN
- QUINTETO CHICO FREEMAN
- C/ BOBBY MCFERRIN

Domingo, 11 JULHO, 22.00 Horas

- TRIO RED NORVO · TAL FARLOW · CARMEN MCRAE C/ TRIO

bilhetes preço unico

esc. 500\$00

assinaturas para os dois concertos

esc. 800\$00

valida até 5 de JULHO

locais de venda: Agências - ABEP ARCO IRIS, FRISA

VALENTIM DE CARVALHO

CASINO ESTORIL - Bilheteira do cinema

Cascais - LIVRARIA GALILEU

informações SOJAZZ 804243

ROMY SCHNEIDER
A MULHER A ACTRIZ O MITO



DUELO NA ILHA
COM JEAN-LOUIS TRINTIGNANT
Realização ALAIN CAVALIER

A CALIFA
COM UGO TOGNAZZI
Realização ALBERTO BEVILACQUA

CÉSAR et ROSALIE
COM YVES MONTAND
Realização CLAUDE SAUTET

A MULHER À JANELA
COM PHILIPPE NOIRET
Realização GRANIER DEFERRE

UMA HISTÓRIA SIMPLES
COM CLAUDE BRASSEUR
Realização CLAUDE SAUTET

A BANQUEIRA
COM CLAUDE BRASSEUR
Realização FRANCIS GIROD

LUIS DA BAVIERA
COM HELMUT BERGER
Realização LUCHINO VISCONTI

3.ª SEMANA

quarteto

Cinco anos de Sam em exposição

O Guarda Ricardo um "Zé Povinho" actualizado?

Cinco anos de vida de um «cartoon» desceram a Avenida da Liberdade, subiram o Chiado e instalaram-se na galeria do «Diário de Notícias».

O que é?

Nada mais, nada menos do que uma exposição de algumas centenas de tiras de «O Guarda Ricardo», uma criação de Sam.

Cinco anos de «cartoon» é obra: assim o terão entendido todos os que, em bora hora, tornaram possível esta exposição-efeméride.

Que Sam o merecia, está fora de dúvida. E é José Augusto França quem, por assim dizer, o

vem declarar, quando afirma que «a ideia de Sam é, assim, tão importante quanto a de Rafael Bordalo — tendo a mais o humor que o velho boémio do Chiado não tinha, na sua bonomia e nas suas cóleras de 'Português tal e qual' que Sam não é».

«Para que ele subsista é fundamental que tenha sempre muitos superiores, que continue a ser extremamente rebelde e que, de certo modo, possua uma agressividade por vezes animal», afirmou o autor recentemente, em entrevista a um vespertino, falando do seu personagem.

Personagem que evoluiu ao longo do tempo, naturalmente. Do ponto de vista gráfico, adequando às circunstâncias políticas do tempo que corria, nos diferentes espaços a que recorreu.

Nasceu em 1971 no «Jornal da Amadora», em tempo de mordada e de controlo das consciências.

Em 1973, publicado pela Editorial Estampa, saía o primeiro álbum do Guarda Ricardo.

Dois anos depois, em Maio, corria já um tempo de difícil aprendizagem da liberdade colectiva, instala-se no «Jornal

Novo», de onde sairá dois anos mais tarde.

No dia 27 de Junho de 1977, o Guarda Ricardo instalava-se na terceira página do velho matutino da Avenida da Liberdade, o «Diário de Notícias». E ficou.

José Gama, deputado do CDS vê assim o Guarda Ricardo: «Desperta o sentido crítico dos leitores sobre os principais acontecimentos da vida portuguesa».

Para Vital Moreira (PCP), representa uma «salutar brecha na (quase) soturnidade...».

Magalhães Mota (ASDI) vê no personagem «um convite à reflexão do leitor».

Por fim, César Oliveira (UEDS), aponta a «espontaneidade e o 'espanto activo' perante o absurdo de um quotidiano cada vez mais difícil e confuso».

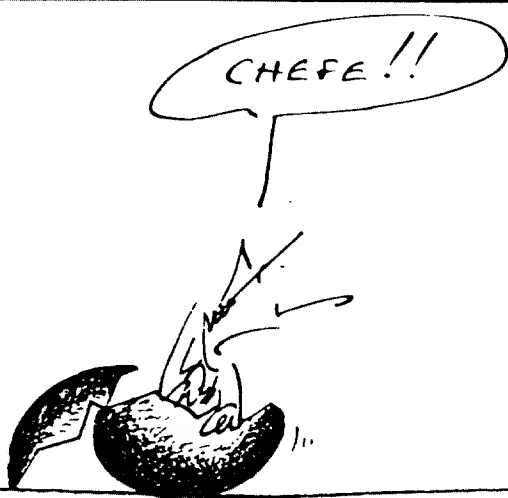
Todos parecem apreciar o Guarda Ricardo. Surpresa?

Poder-se-ia dizer que de ambiguidade se faz e alimenta o trabalho criativo de Sam.

O Poder e o cidadão, a Ordem e a insubmissão, o diálogo e a intolerância, atravessam inteligentemente a série.

«Sam criou assim uma imagem actualizada do Zé de outrora, o guarda Zé também, Ricardo de registo civil», salienta José Augusto França. «Do Povinho ficou-lhe esta humildade canina, desconfiada e timorata de quem nunca entenderá o andamento da cidade, nem o sítio melhor para levantar a perna, a voz ou o 'casse-lête'...»

Carlos Pessoa



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE AZAMBUJA
TELEFONE 42104

MOÇÃO

— Considerando que a luta que tem vindo a ser travada pelos presos do PRP, 4 dos quais se encontram já em greve de fome e numa situação crítica, é uma luta essencialmente pela liberdade e pela justiça;

— Considerando que após o 25 de Abril é inadmissível que os pides e fascistas andem à solta e actuem impunemente, enquanto os antifascistas se encontram na prisão;

— Considerando ainda que a AD que tem impedido a libertação dos presos do PRP;

— Considerando que esta luta se integra perfeitamente na luta dos trabalhadores portugueses contra a AD, contra o seu Governo e a sua política destruidora totalmente contrária aos interesses populares, não podendo nenhum democrata ou antifascista e nenhuma instituição democrática ficar indiferente a esta luta;

A UDP PROPÕE QUE A ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE AZAMBUJA REUNIDA EM SESSÃO EXTRAORDINÁRIA NO DIA 25/6/82, APROVE:

— Prestar a sua firme solidariedade e apoio incondicional aos presos do PRP, exigindo a sua imediata libertação;

— Repudiar a política fascizante da AD, responsável pela situação dos presos e pelo que possa vir a acontecer;

— Exigir do Presidente da República, Assembleia da República, Conselho da Revolução e Governo posições claras e medidas inequívocas com vista à libertação dos presos;

— Dar conhecimento desta Moção ao Presidente da República, Assembleia da República, Conselho da Revolução, Governo e Câmara Municipal, Assembleias de Freguesia e Juntas de Freguesia do Concelho, Comissão de Solidariedade com os Presos Antifascistas e Órgãos da Comunicação Social;

Azambuja, 25 de Junho de 1982

APROVADA POR MAIORIA EM SESSÃO ORDINÁRIA DESTA ASSEMBLEIA DE 25 DE JUNHO 1982.

Servindo de Presidente da Assembleia
O Cidadão da Lista mais votada
Joaquim Pinto da Silva Paula



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE AZAMBUJA
TELEFONE 42104

MOÇÃO

— Considerando que a ser aceite e cumprida a orientação ministerial dada à CERCÍ — Flor da Vida, no sentido deste Centro indicar o nome de dois professores do Ensino Primário para serem afastados do seu trabalho neste Centro (ficando apenas com metade dos existentes neste momento — 4 professores), a CERCÍ, ficaria incapacitada de cumprir a missão a que se propôs de Ensino e Recuperação das Crianças Inadaptadas deste Concelho;

A ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE AZAMBUJA, reunida em Manique do Intendente ao dia 25 de Junho de 1982, delibera:

- 1.º — Repudiar a orientação ministerial que vem retirar às «CERCIS» técnicos que são imprescindíveis ao seu funcionamento;
- 2.º — Exigir que seja reexaminada rapidamente esta orientação governamental, de modo a não pôr em causa o funcionamento, em particular o da CERCÍ — Flor da Vida e de modo mais geral todos os Centros com idênticas funções.

APROVADA POR UNANIMIDADE, EM SESSÃO ORDINÁRIA DESTA ASSEMBLEIA DE 25 DE JUNHO DE 1982.

Servindo de Presidente da Assembleia Municipal,
O Cidadão da Lista mais Votada,

Joaquim Pinto da Silva Paula



Manuel Rafael, Lda.

TUDO EM MATERIAL ELECTRICO
TV DO FORNO 7-A IAC ROSSIO T 371001 2



Na RTP-1 apresentação de superestrelas com Goldie Hawn e Liza Minnelli

- 18.30 Abertura
18.32 Tempo dos Mais Novos
19.00 País, País
19.30 Desenhos Animados
20.00 Aprender Saúde — ar que respiramos.
20.25 O Tempo
20.30 Telemat — as notícias do País e do estrangeiro.
21.05 Telenovela — «Vila Faia».
21.35 Superestrelas
22.30 «A Balada de Hill Street»
23.25 Último Jornal — Um resumo noticioso.



Na RTP-2 inicia-se hoje a série intitulada «A Ilha dos Trinta Caixões»



- 17.00 Atletismo RDA/USA
19.30 Estúdio Aberto
20.00 «Sítio do Picapau Amarelo»
20.30 Caminhos do Eterno
21.25 «A Ilha dos Trinta Caixões»
22.30 Programa Musical

Amanhã



12.00: Tempos dos Mais Novos;
12.50: Futebol em Acção; 13.30: Novos Horizontes; 13.50: 100 Grandes Quadros; 14.00: Sumário; 14.05: Lúculos e Bróculos; 14.30: «Sport Billy»; 15.00: Eurovisão Atletismo — transmissão directa do RDA — USA; 17.30: Arraial da TV Guia; 18.00: Tur/82; 19.00: Campeonato do Mundo de Futebol; 21.00: Aqui e Agora; 22.30: «Dallas»; 23.30: «A Casa do Terror»

19.00: Folclore; 19.30: Magia das Plantas; 20.00: Espírito da Ásia — 4.º programa; 21.00: Sábado Especial — com o filme «A Estrada»; 22.30: Curtas Metragens.

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!



Superestrelas
(21.35)

«A Ilha dos Trinta Caixões»
(21.25)



Alem de um programa a escolha oferece-lhe



21.25 — A ILHA DOS TRINTA CAIXÕES

Intérpretes: Claude Jade, Yves Beneyton e Georges Marchal.
Realizador: Marcel Cravenne

ASSISTENCIA TÉCNICA GRUNDIG

NACIONAL RADIO — Rua B. Jesus — Praça 17 Cruz Quebrada — Tel. 2112871

roteiro cultural

Música

Zeca Afonso, Júlio Pereira e Trovante actuam hoje, às 21.30, no Pavilhão do Cevedeiro, em Vila Franca de Xira. O espectáculo é uma iniciativa do Mártir Santo António Clube e integra-se nos festejos dos 50 anos do Colete Encarnado, festa tradicional da pitoresca vila ribatejana.

O 2.º Encontro de Corais Alentejanos realiza-se sábado e domingo em Mourão, no Jardim Público, com espectáculos a partir das 15 horas. Actuarão os grupos corais de Ourique, Pastores da Torre dos Coelhoos, Ganhões de Castro Verde, Coral de Monte Trigo, Populares do Cacém (Lisboa), Mineiros de Aljustrel, Casa do Povo da Amareleja, Alfundão, Casa do Povo de Alvíto, Coral da Sociedade Artística de Mourão, Sobral da Adiga, Bairro dos Canaviais, Vendinha, Reguengos de Monsaraz, Alcaçovas, Coral do Guadiana (Mértola), Viana do Alentejo, Barrancos, Moura e Liga de Sacavém (representante da Casa do Alentejo).

Teatro

O 7.º Festival de Teatro de Setúbal prossegue hoje com os seguintes espectáculos: às 18.30, pelo TAS, no seu Teatro de Bolso, «Lady Strass», de Eduardo Manet; às 21.30, nos claustros, o CITAC de Coimbra apresenta «D. Duardos», de Gil Vicente.

A companhia de teatro «Selva Trupe» vai «servir» hoje aos portuenses e aos turistas que nesta altura visitam o Porto um espectáculo novo, ou seja uma autêntica revista à portuguesa de Café-Teatro. «Um cálice de Porto» será apresentado no Teatro de Campo Alegre que recebeu várias beneficiações. Revista do Porto, este «cálice» tem textos de B. Veludo e Manuel Dias e a colaboração de César Príncipe, Álvaro Costa e António Miranda (cartoonista do JN). A encenação é de Norberto Barroca. Os apontamentos cenográficos e caricaturas são da concepção de Artur Ferreira e a música de Paulino Garcia, que tocará ao vivo as suas composições. No espectáculo colaboram mais de três dezenas de elementos. Paralelamente estará patente ao público uma exposição promovida pelo grupo Série, subordinada



A exposição «Nova Escultura em Pedra - Uma Experiência» está patente ao público no Mosteiro da Batalha

ao tema «O Porto visto pelos Artistas», com trabalhos de Armando Passos, Dário Alves, Emílio Rocha, Júlio Resende, Manuela Bronze, Ângelo de Sousa, B. Lisboa, Emerencio, Fernando Osório, Pedro Rocha, Armando Alves, Dalila Rodrigues, Luís Demée, Nuno Barreto e Rui Pimentel.

Exposições

Integrada na exposição de gravuras de Picasso, vai realizar-se a apresentação de uma série de filmes sobre o grande artista, sendo o seguinte o programa das exhibições: dias 10, 13, 16 e 18 do corrente, na sala de conferências do Museu Gulbenkian, às 15 horas, «Pablo Picasso Peintre», de Frédéric Rossif; dias 11, 14 e 17 de Julho, «Guernica», de Alain Resnais e Robert Hessens, e «Regard Picasso», também às 15 horas; hoje e nos dias 11, 15 e 17, ainda às 15 horas, os filmes «Picasso Peintre du Siècle», de Lauro Ventura e «Brassai Photographie de Picasso»; finalmente, no dia 13, às 18 horas, a dr.ª Rosa Subirana, directora do Museu Picasso de Barcelona, proferirá no Auditório do Museu Gul-

benkian, uma conferência sobre o Museu que dirige.

Por ocasião do encerramento da Exposição/Apresentação - A Arte de Construir no Iémen - Um Livro, do arquitecto Fernando Vaz, realiza-se hoje no AR.CO, às 19 horas, uma sessão onde será projectado o diaporama «Iémen», realizado pelo mesmo autor.

A exposição «Nova Escultura em Pedra - Uma Experiência» é amanhã inaugurada no Mosteiro da Batalha. Organizada pelo AR.CO e Utilpedra, esta exposição itinerante já mostrada no Algarve e em Lisboa, reúne obras de 18 jovens escultores portugueses sobre um material comum - a pedra. Recebida agora pelo Museu do Mosteiro da Batalha, onde ficará patente até 7 de Setembro, a exposição integra-se no programa de acção do Museu, preocupado com o conhecimento e compreensão do trabalho de pedra. Na presente ocasião já o Museu tem patente ao público uma Oficina de Cantaria e outra exposição temporária, Esculturas do Século XV, anunciando para breve um «atelier» de escultura e pedra com 7 escultores em 15 dias de trabalho intensivo.

BODAS DE OURO



José Nunes Cabaço

e

Luísa da Conceição Cabaço

Pela passagem do 50.º aniversário, seus filhos, netos, noras e genros, desejam-lhes as maiores felicidades.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)

COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	66880	71880
ALEMANHA FED (marco)	33855	34865
AUSTRIA (xelim)	4865	4885
BELGICA (franco)	18582	18792
BRASIL (cruzeiro)	5286	5536
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	65610	67610
(notas de 5 a 1000)	65660	67660
DINAMARCA (coroa)	9670	10610
ESPAÑA (peseta)	8710	8810
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	84600	86600
(notas de 5 a 1000)	84550	86550
FINLÂNDIA (marka)	17360	18320
FRANÇA (franco)	12605	12675
HOLANDA (florim)	30840	31840
INGLATERRA (libra)	148660	148660
IRLÂNDIA (libra)	115895	115895
ITALIA (lira)	8054	8064
JAPÃO (iene)	297	332
NORUEGA (coroa)	13815	13865
SUECIA (coroa)	13810	13860
SUIÇA (franco)	39830	40840
VENEZUELA (bolivar)	17340	18340

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

ANTENA UM

17.00: Ovo de Colombo; 17.20: Informativo de trânsito; 17.30: Entreposto das ideias; 17.50: Informativo de trânsito; 18.15: Jogo de Antena; 18.20: Informativo de trânsito; 18.30: Informação e música; 20.00: Programa da Noite; 20.15: Folhetim «Febo Moniz» de Oliveira Martins; 21.00: Toda a gente é pessoa (Deus em todos os quadrantes); 23.00: Travessia. Títulos do Último jornal. 23.30 Último jornal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00 21.00 e 22.00 horas

Programa 2

15.50: Música sinfónica; 16.50: Momento de poesia; 17.00: As Palavras dos Músicos; 17.30: Carnaval op. 9 de Schumann; 18.05: As cores e as formas; 18.35: Concerto Brandeburguês n.º 5, em ré maior de Bach; 19.00: Música portuguesa; 20.10: Música sinfónica; 21.00: Aspectos da história do teatro; 21.30: Transmissão directa das ruínas do Carmo, em Lisboa, de um concerto pela orquestra sinfónica de RDP. No intervalo música No final: quinteto n.º 2, de Brahms; 23.30: Música do século XX; 01.00: Notícias de hora a hora.

Rádio Comercial (283, 290 e 397 m)

15.45: Teatro trágico; 16.03: Ora hora; 20.03: Tempo de espectáculos; 20.30: Quando o telefone toca (1.ª edição); 21.30: Quando o telefone toca (2.ª edição); 22.00: Portugal e CEE; 22.15: Religiões; 23.00: Tempo de desporto; 23.08: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.03: Rock em stock; 16.03: Circuito em FM; 19.03: Em órbita; 2.30: Espaço 3P 21.03: Abandajazz; 22.03: Café concerto; Notícias de hora a hora.

Rádio Renascença FM e OM de Lisboa

16.00: Aqui e Agora; 17.00: Jornal da Manhã; 18.15: Igreja em Notícia; 18.20: Palavra do Dia; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: Títulos de Informação; 19.03: Programa da LAR; 19.30: Jornal da Noite (com Nota de Abertura); 20.00: Dê no Vinte; 21.00: Quando o Telefone Toca; 21.30: Discos LAR; 22.00: Diálogo e Vida; 22.30: Programa especial Mundial-82; 23.30: Jornal das 23.30 (com Nota de Abertura); 23.44: Meditando.

Noticiários Intercalares: 16.00; 17.00; 21.00; e 22.00.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13 472

HORIZONTAIS:

- Hemolinfia. Preposição.
- Anel. Freguesia do concelho de Torres Vedras. Verso.
- Matagal. Espíritos.
- Nesse lugar. Nome de homem.
- Descarnado. Rio da Espanha.
- Falha. Argamassa composta de cal hidráulica ou cimento, areia e pedra miúda.
- Medida itinerária do Japão. Magos. Batráquio.
- Pronome demonstrativo. Ouro (s.q.). Acrescente.
- Rezasse. Cidade da antiga Caldeia.
- Cingir. Nesse lugar. Rádio (s.q.).
- Transpiras. Cidade do Alto Egipto, nas margens do Nilo.

VERTICAIS:

- Bilha para maluco na Lunda. Dobrada.
- Encostais. Estrépite de desmoroamento.
- Bébedo (bras.). Clima. Penúria.
- Aqueles que sabem jogar.
- Boi selvagem. Clima.
- Pronome pessoal. Judeu da tribo de Neftali, célebre pela sua piedade e pela caridade para com os correligionários durante o cativeiro de Ninive.
- Recusa. Tempo do verbo ser. Empregas.
- Natural da Dalmácia. aqui está.
- Simplex.
- Vossa Alteza. Banha.
- Impressão. Espécie de andorinha.

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9332

HORIZONTAIS:

- Tristeza; Tombas.
- Prender com elos; Terra arreada de novo.
- Comentários; Taramelas.
- Albergaremos por esmola.
- Remunerado; Cálcio (s.q.).
- Torna ditoso; Queimas.
- Transiges; Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
- Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria; Reprensão (fig.).
- Rola; Preposição.
- Ficaremos.
- Bário (s.q.); Poisara no mar (o avião).

VERTICAIS:

- Vila e sede de concelho (Castelo Branco).
- Gavinhas; Atrazo.
- Dia ou época de nascimento.
- Terra nova e artoada de fresco; Possuís.
- Tampas ou testos de vasilhas; Sufixo que designa pequenez.
- Cálcio (s.q.); Batráquio; Amónio (s.q.).
- Mostrara (os dentes).
- Tempo do verbo ir; Érbio (s.q.).
- Chão; Abreviatura de Santíssimo; Ave penalis.
- Casa de pasto ordinária (pl); Maior.
- Em as; Queimo; Freguesia do concelho de Ponte de Lima.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 471

HORIZONTAIS:

- Pu. MOLHAR. A.
- Assoma. Roda.
- Léu Os. Roer.
- Asma. Tré.
- Ocai Papo.
- Ri. Moela.
- Asaria. Ni.
- Ardor Doba.
- Cna III Al.
- Im Ou Roa.
- Pais Alor.

VERTICAIS:

- PALAVRA COM
- Uses. Isara.
- SUMO. Ari.
- Mo. Acordara.
- Omo. lo. Lé.
- Lastimanas.
- Arrendida.
- Roo. Lo.
- DE PA BACO
- Aarao. Cair.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9331

HORIZONTAIS:

- Andaluzia.
- Toiro. Ca.
- Ma. Traços.
- Atacaremos.
- Nena. Alais.
- Anhos.
- Arruaça. Or.
- Irã. Teor.
- Má. Vaia.
- Im Ou Broas.
- Es. Sois.

VERTICAIS:

- Atlanta. Mil.
- No. Te. Ruam.
- Dimanar.
- Araça. Uivos.
- Lo. Aarau.
- Trancar.
- Zareha. Ibo.
- Amio. Tari.
- Coas. Eros.
- Cois. Co.
- Cas. Sorriso.

PROVÉRBO: Molhar a palavra com sumo de Baco.

cartaz de cinemas e teatros

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A
Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24
n. acons. men. 13 anos
ARTUR O ALEGRE CONQUISTADOR

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
- N. ac. men. 13 a.
UM HOMEM, UMA MULHER

ALVALADE 897480

Av. de Roma
Às 21.30 - Int. men. 13 a.
O IMPÉRIO DAS FORMIGAS
Às 14, 16.30 e 19 - Últimas
A FORÇA DA RAZÃO

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30
JERRY, ENFERMEIRO SEM DIPLOMA
Um filme de Frank Tashlin
Não acons. men. 13 anos

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45
Às 15.30 e 21.30 - N. ac. men. 13 a.
A TURMA DOS REPETENTES

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N. ac. a. men. 13 anos
UM LOBISOMEM AMERICANO EM LONDRES
8.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
- Para Todos
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
SE O MEU CARRO FALASSE
2.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho
Às 15.30, 18.30 e 21.30
N. acons. men. 13 anos
POR FAVOR NÃO MEXAM NAS VELHINHAS
Uma comédia de «morrer... a ri!» de Mel Brooks
4.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 15.15, 18 e 21.30
- Int. men. 13 a.
MORTE NO NILO
c/ Peter Ustinov, Jane Birkin,
Às 24.00
HOOPER O MAIOR

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
SEXO AO PEQUENO ALMOÇO
Pornográfico - Hardcore
Às 24
NÓS NÃO SOMOS ANJOS... ELAS TAMBÉM NÃO

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
BLOW-UP
Às 24
VIVA O ROCK 'N' ROLL

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A HERANÇA DO SANGUE

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
- N. ac. men. 18 a.
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
AVENTURA EM MARRAKECH

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
Às 21.30 - Int. men. 13 a.
PERSEGUIDAS NA ESCURIDÃO
Às 14, 16.30 e 19
OS DOIS MAGOS DA BOLA

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35
Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
OS MALDITOS
7.ª Semana
Um filme de Luchino Visconti

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B
- N. ac. men. 18 a.
Às 15.30, 18.30, 21.30 e 24
ASSALTO À 13.ª ESQUADRA

IMPÉRIO 555134 5

Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O maior western de todos os tempos
DUELO AO SOL
c/ Jennifer Jones e Gregory Peck
O filme de King Vidor
Filme após início do espectáculo

LONDRES 901313

Av. de Roma 7 A
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A CASA DO LAGO

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38
Encerrado para férias em 1-6-82

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A FORÇA DA RAZÃO
c/ Shashi Kapoor, Hema Malini,
Pau. Amjad Khan
e Ashok Kumar

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
Às 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
FUGA PARA A VITÓRIA

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
Não ac. men. 13 anos
14.00 16.30 19.00 21.30
MOMENTOS DE GLÓRIA

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20
Às 15.15 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
OS BANDIDOS DO TEXAS
c/ Jack Palance e Sylvia Syms

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Para todos
SISSI



Ciclo Romy Schneider. Uma cena de um dos sete filmes em exibição em 2 salas do quarteto

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16
SALA 1
Às 15, 17, 19, 21.30
- Int. men. 18 a.
O IMPÉRIO DO DESEJO
Às 23.30
O COMBOIO APITO 3 VEZES
SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15
- N. ac. men. 13 a.
ALL THAT JAZZ
Às 23.30
A FÓRMULA
SALA 3
Às 15, 17 e 19 - N. ac. men. 18 a
DUELO NA ILHA, LUIZ DA BAVIERA
Às 23.30 - N. ac. men. 18 a.
AMOR PASSAGEIRO
de Jean C. Bnaly
SALA 4
Às 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a
CÉSAR E ROSÁLIA
DUELO NA ILHA
Às 23.30 - N. ac. men. 18 a
VIVA ZAPATA

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N
Encerrado para férias até 15-7

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 14 a.
WEST SIDE STORY
(AMOR SEM BARREIRAS)

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175
S. JORGE SALA 1
Às 13.45, 17.30 e 21.15
- N. ac. men. 13 a.
Vencedor de 3 «Oscars»
REDS
c/ Warren Beatty e Diane Keaton
12.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
- N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
26.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Não acons. men. 13 anos
Às 14, 16.15, 18.45 e 21.30
O regresso duma obra-prima
O SENHOR DOS ANJOS

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.30
Int. men. 13 anos
NOSTRADAMUS O HOMEM QUE PREVIU O AMANHÃ
8.ª semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos
Junto ao n.º 68
007 em festival - c/ Sean Connery
DR. NO - AGENTE SECRETO 007
Domingo, às 11.15 horas - Para todos
PANTERA E SEUS AMIGOS
Às 24
ENCONTRO COM O PERIGO

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 14.30, 18.00 e 21.30
N. Ac. a M. 13 anos
Um filme de Claude Lelouch
UNS E... OS OUTROS
37.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
N. acons. men. 13 anos
KRAMER CONTRA KRAMER

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
CÉLEBRES E RICAS
Int. men. 13 anos
8.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreras, Lote 879
Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 14 a
O personagem mais misterioso da Segunda Guerra Mundial
O MAIOR ESPÍRITO DA HISTÓRIA
c/ Romy Schneider, Yul Brynner
e Christopher Plummer

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9
Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
N. Ac. M. 13 anos
O GENDARME E OS EXTRA-TERRESTRES
Às 23.45
GRADES DO INFERNO

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «O Herdeiro», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 - «O Crepúsculo dos Heróis», às 21.30 (18 anos)
CAPITÓLIO - «As Enfermeiras do Sexo», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLÍMPIA - «Mister Porno», (18 anos) - Sessões permanentes
CITY CINE - «La Luna», às 21.30 (18 anos)
POLITEAMA - «Revak, o Rebelde», às 21.30 (13 anos)
2000 - «A Aluna e o Professor», 21.30 (13 anos)
RETELO - «A Rapariga e o Detetive», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - «O Regresso de Robin Hood», às 21.30 (6 anos)
PÁTRIA - «Chantagem com Uma Mulher Casada», às 21.30 (18 anos)
ROYAL - «O Duelo dos Grandes Lutadores», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL - «Flash Gordon», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - «Encontro com os extraterrestres» 21.30 (13 anos)
PAREDE - Royal-Cine - «A Grande competição» 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Casino - «Mercenários por conta própria» às 17 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Palácio - «O Amante de Lady Chatterley» 21.15 (13 anos)
CASCAIS - Impala - «Os cavaleiros da lenda» 21.30 (13 anos)
CASCAIS - Oxford - «Arthur, o Alegre Conquistador», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

COSTA DE CAPARICA - Silcine - «Amor Sem Barreiras», às 21.30 (18 anos)
ALMADA - Cine Almada - «Barracas na Praia», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - Invernal - «Chegou a hora da vingança» 21.15 (13 anos)
ALMADA - Academia - «O Buraco da agulha» 21.15 (18 anos)
TRAFARIA - Pavilhão Jardim - «A Mulher dragão» 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - Lido - «Hotel Paraíso» 21.30 (18 anos)
AMADORA - Cinestúdio - «007 Operação Relâmpago» 21.30 (13 anos)
SINTRA - Carlos Manuel - «Tom Horn o cowboy» 21.30 (13 anos)
MAFRA - Cine-Teatro - «O Grande atirador» 21.30 (13 anos)
Porto
JULIO DINIS - «O Solteiro Amansado», às 21.30 (18 anos)
FOCO - «Festival Tom e Jerry», às 21.30 (6 anos)
BATALHA - «Os Gansos Selvagens», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO - «Encontro com o Destino», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO - «Chove em Santiago» às 21.30 (18 anos)
BEBE - «Coleções Privadas», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT - «Momentos de Glória», às 21.30 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA - «Sexo por Medida», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA - «Delícias no Liceu», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO - «O Justiciero da Noite», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA - «O Terror dos Bárbaros», às 21.30 (13 anos)
COLISEU - «Os Dez Mandamentos», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM - «Uns e Outros», 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A - «Mas que Vizinhos», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L - «Beco sem Saída», às 21.45 (13 anos)
TRINDADE - «A Rosa», às 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL - «Reds», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI - «Amor e Balas», às 21.30 (13 anos)
ÁGUA - «Aqui Começa a Aventura», às 21.30 (13 anos)
RAIONE - «O Dia Em Que o Mundo Acabou», às 21.30 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE

AJUDA - Mendes Gomes - Cq. da Ajuda, 222 (T. 638256); AV. ALM. GAGO COUTINHO - Estúdios Unidos - Av. Est. Unidos América, 16-B (T. 885859); AVENIDAS NOVAS - Figueiras - Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 44995); BENFICA-CEMITÉRIO - S. João - Cq. Total, 102-A (T. 799649); CHILE-ALTO SÃO JOÃO - Veral - Rua Morais Soares, 109-111 (T. 821732); ENCARNACÃO - Zira - Pq. Casas Novas, L. 66 (T. 311216); PENHA DE FRANÇA - Dinar - Rua Conde Monsaraz, 17-B (T. 842533); PICHELEIRA - Markiz - Cq. da Picheleira, 140-B/C - Rua Prof. Mira Fernandes-MAF (T. 880703); RATO - Cunha - Rua Escola Politécnica, 18 (T. 325455); ROCHA - Pinheiro - Rua Presidente Amaga, 16

teatros

ADÓQUE - «Tá Entregue à Bicharada», às 20.30 e 23.00 (13 anos)
ACADEMIA ALMADENSE - Teatro de Campolide - «Tempos Difíceis», às 21.45 (13 anos)
SEIVA TRUPE - «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)
MARIA MATOS - «O Meu Rapaz é Rapariga», às 21.45 (13 anos)
S. CARLOS - «A Flauta Mágica», às 21.00 (13 anos)
COMUNA - Café-Teatro - «Não Fui Eu... Foram Eles», às 22.00 (13 anos)
FORUM DA GRAÇA - «A Gaviota», às 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO - «Oicam como eu Respiro», às 21.30 (18 anos)
VARIADADES - «O Zé Arreganha a Taxa», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
ABC - «Chá e Porradinhas», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
VASCO SANTANA - «A Classe Dominante», às 21.30 (13 anos)

(T. 686640); ALGÉS - Branco - Av. Comb. Grande Guerra, 29 (T. 2112081); OVELHAS - Gonçalves - Rua Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 915662); PONTINHA - Pimental - Az. dos Bezouros, 11-R-8

REFORÇO

ALTO SANTO AMARO - Telas - Rua João de Barros, 2-Frente (T. 638176); ALVALADE - Zil - Av. da Igreja, 9-D (T. 891780); BAIXA - Azavedo, Filhos - Rossio, 31 (T. 327478); CAMÕES - SANTA CATARINA - Do Comburo - Cq. do Comburo, 82 (T. 326059); CAMPO OURIQUE - PRAZERES - Ourique - Rua Freitas Gazuil, 32-B (T. 671667); ESTEFÂNIA - Estrelas - Rua Pascoel de Melo, 90 (T. 44938); LUMIAR - Central do Lumiar - Alm. Linhas de Torres, 254-B (T. 798063); PARQUE EDUARDO VII - Latina - Av. Ant.º Augusto Aguiar, 17-A (T. 42312); SÃO DOMINGOS BENFICA - Vizes - Est. Benfica, 373-B (T. 780548); SAPADOR - Zema - Rua Gen. Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); BRANDEIA - Correla - Est. Principal, Lote 172 (T. 943148); BURACA - Vaz Martins - Rua António Ferro, 6-A (T. 970680); OLIVAL BASTO - Nova - Rua Aguiar, 11-A (T. 910305); PRINOR VELHO - Matos - Tv. Priors (T. 2519938).

* Regime de disponibilidade 19 horas

Linha de Cascais

TIRES - Guimarães - L. Duarte, Lote A-r/c (Telef. 2441818) Até às 22 horas; ALCANDECHE - Carvalho - B. João P. Corr., 40-B (Telef. 2690363) Até às 22 horas; PORTO-SALVO - Ferreira - Lote 2421015) Até às 22 horas; CARCAYE - L2S - Central - R. 5 de Outubro, 25 (Telef. 2470037) Permanente; S. DOMINGOS DE RAMA - Godinho da Silva - Av. Saboia, 29-B (Telef. 280085) Até às 22 horas; MALVEIRA DA SERRA - Luz - Até às 22 horas; PAÇO

farmácias

DE ARCOS - Trindade Brás - R. Costa Pinto, 184 (Telef. 2432034) Permanente; OBRAS - Godinho - R. Cândido dos Reis, 98 (Telef. 2430090) Até às 22 horas; PAREDE - Brandão - Av. da República, 77-C (Telef. 2471054) Permanente; MURTAL - Primavera - R. das Parreiras, 2 (Telef. 2472278) Até às 22 horas; SASSOIEIROS - Amarel Sembiano - Quinta das Encostas - Até às 22 horas; MADORNA - Madeira - Até às 22 horas; AMOREIRA - Abrantes - Viv. Maria Carlos Anj. (Telef. 2682313) Até às 22 horas; MONTE ESTORIL - OSTENDE - R. de Espinho, 1 (Telef. 260391) Até às 22 horas; CASCAIS - Cordeiro - Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telef. 280170) Até às 22 horas; A. Costa - R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214) Permanente

Linha de Sintra

AMADORA - Central - Av. Cardoso Lopes, 25 (Telef. 932210) Permanente; - Melo - P. D. João I, 9-B (Telef. 932756) até às 22 horas; DAMAIA - D. João V - Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 970461) Até às 22 horas; QUELUZ - Serra Pinto - Av. D. António C. Sá, 50-GE (Telef. 957619) Até às 22 horas; CACÉM - Araújo e Sá - Est. de Paço de Arcos, Lote 1-B (Telef. 2940781) Permanente; ALQUEIRÃO - Rodrigues Rato - R. dos Morais, 1 (Telef. 2912038) Permanente; MERCES - Claro Russo - R. Abade Faria, 2-A (Telef. 2915275) Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; RIO DE MOURO - Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (Telef. 2960194) Das 9 às 23 horas; SINTRA - Misericórdia - Vila (Telef. 2930391) Permanente; COLARES - Abreja (Telef. 299088);

Outra Banda

ALMADA - Galeno - R. Capitão Leitão 85-B (Tel. 2780565). Até às 22 horas; COVA DA PIEDADE - Atlântico - Av. Rainha D. Leonor, 48 (Tel. 2764466). Permanente; LARANJEIRO - Feljó - R. Borges Rego, 7 (Tel. 2490911). Até às

22 horas; COSTA DE CAPARICA - Chal - Av. General Humberto Delgado Até às 19 horas; BARBEIRO - Higienica - R. D. Manuel I, 176 (Tel. 2703217). Permanente; SESIMBRA - Lodo - Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471); AMORA - Nova Amorense - Est. Marginal, 10 bloco A-loja-A-Paivas (Tel. 2216824); SEIXAL - Soromenho - R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560) Até às 22 horas; MONTEJO - Moderna - R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 2310156); MOITA - União Moitense - Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025); ALHOS VEDROS - Guarnão - R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020); ALCOCHETE - Nunes - L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).

LOURES - Serraval - Av. da República, 86 (Tel. 2530027). Permanente; MOSCAVIDE - Santa Bárbara - R. Francisco M. Beato, 75 (Tel. 2518918). Permanente; SACAVÉM - Soares (Tel. 2518025) Até às 22 horas; CAMARATE - Batalha - (Tel. 2518669) Até às 19 horas.

Porto

De dia e só até às 22 horas

Liga Associações Socorros Mútuos - Rua do Bonjardim, 286; Antiga Porta do Olival - Campo Mártires da Pátria, 122; Borralho - Avenida Fernão de Magalhães, 692; Correla - Praça Mouzinho de Albuquerque, 78; Ramos - Praça do Exército Libertador, 91.

De dia e toda a noite

Lidador - Rua do Lidador, 265; Quelja Ferreira - Largo de S. Pedro, 64, Campanhã; Silva Pereira - Rua Costa Cabral, 293; Boavista - Rua da Boavista, 601 - (à Carvalho); Sousa Soares - Rua de Santa Catarina, 141.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)
Silcar - R. Ferreira Borges, 88-94. Tel. 22923; S. Sebastião - R. António Jardim, Tel. 72802.

DL

PORTO PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Agentes, Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho, 185-1.º - 1000 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229
Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto:
Rua da Armada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

O TEMPO
MARES DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
06.01 3,5 m	11.21 1,1 m
18.13 3,7 m	23.49 1,1 m

Dia 10

6.35 3,5 m	11.59 1,2 m
18.47 3,7 m	24.28 1,1 m

TEMPERATURA DO AR AS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	19°
BRAGANÇA	18°
VILA REAL	18°
PORTO	20°
P. DOURADAS	15°
COIMBRA	18°
C. CARVOEIRO	19°
PORTALEGRE	20°
LISBOA	21°
ÉVORA	19°
BEJA	20°
SAGRES	19°
FARO	23°
P. DELGADA	20°
FUNCHAL	21°



últimas

BANCÁRIO A MONTE, desde o dia 25 de Junho quando desapareceu da agência de Setúbal da União de Bancos Portugueses onde era caixa. António Domingos Moura Peres, de 38 anos, natural de Évora, residente em Lagoinha, Palmela, é suspeito de autoria de um abuso de confiança no montante de 8 mil contos cuja falta se verificou.

CONCURSO INTERNACIONAL DE PIANO que teve lugar em Moscovo em homenagem a Tchaikowski, decidiu este ano não atribuir o primeiro prémio. Patilham o segundo lugar, o britânico Peter Donohoe, e o soviético Vladimir Ovtchinnikov, enquanto o terceiro lugar foi atribuído a Michia Koyama do Japão.

HENRY FONDA o conhecido actor de cinema americano deu entrada no hospital pela quarta vez em dois anos. No entanto segundo o porta-voz hospitalar trata-se de um male menor a ser tratado em poucos dias. Com 77 anos, tem um «pacemaker» implantado desde 1974 e é famoso por personagens típicas dos EU numa actividade que se prolongou por mais de 50 anos mas apenas em Abril do corrente ano lhe foi atribuído um «Óscar».

IMPOSTO DE GASÓLEO dos veículos ligeiros de passageiros e mistos com menos de 2500 quilos passou a custar 42 contos por decisão de um Decreto-Lei hoje publicado no «Diário da República», mas cujo teor já fora por nós tornado público. O anterior imposto era de 30 contos. Pelo mesmo diploma os veículos anteriormente isentos passam a pagar um imposto de 12 mil escudos.

Os Rolling Stones em Madrid

“Insuperáveis e divinos”

Uma tempestade medonha anunciou anteontem à noite a entrada dos Stones no palco do estádio Vicente Calderon, em Madrid, junto à ribeira de Manzanares, como se as forças da natureza quisessem saudar algo que lhes pertence. Eram nove horas em ponto. Um calor abafante e viscoso envolvia os corpos, muitos deles seminus, amontoados na relva e nas bancadas. Indiferentes à actuação aceitável dos J. Geils Band, o apetitivo para o grande festim, 65 mil pessoas esperavam ansiosamente a aparição do supergrupo de rock, os históricos Rolling Stones.

Ei-los: insuperáveis e divinos. Em passo de corrida, coberto por um impermeável cor de berinjela Mick Jagger, esse feiticeiro belíssimo, cumprimenta o público. Os outros seguem-no como sempre: Keith Richards com aquele rosto de traços duros («de estivador» — como dizia um jornalista espanhol), Ron Wood, toalha ao pescoço e expressão brincalhona, Bill Wyman, impossível (como é hábito) e Charlie Watts, tristonho e ar ausente.

De repente o líder dos Stones arranca a capa e expõe-se à chuva. Aí começa o delírio a loucura colectiva, desgarrada, aos primeiros acordes de «Under my Thumb». De calças florentinas, às riscas brancas e vermelhas, «cache-saex» e blusão roxo, Mick Jagger inicia o seu ritual em que corpo, gestos, voz e expressão se conjugam num resultado espantoso de comunicação. Faz o que quer do público: domina-o, encanta-o, seduz-o. Ele possui o segredo do poder e da magia.

Duas horas e dez minutos

durou o concerto, sem intervalo nem quebra e quando por fim, depois das cortinas corridas, o grupo ainda nos oferece «Satisfaction», urros de alegria soltam-se no estádio.

Ainda meio zozzo, a pairar nas nuvens, o público percebeu que essa música era a última. A «trip» com os Stones tinha acabado.

Foguetes de lágrimas, sincronizadas com os gestos de agradecimento de Jagger, à maneira dos arlequins, estalaram uns atrás dos outros. Ficaram na retina e na pele os momentos proporcionados por «Let Spend right Together» com Mick Jagger, à boca de cena e na passarela (de quinze metros) a desafiar o público numa descarada sugestão sexual. Ora atirando montanhas de charme, língua de fora, região pélvica em movimento circular, ora fazendo caretas trocistas. Mãos, milhares de mãos tentam agarrá-lo mas ele, lestro, esquiva-se qual figura fugida que aparece nos sonhos e se desvanece em nada. Isto

vezes seguida, transtorna as pessoas, condu-las ao paroxismo.

Subitamente esse demónio tentador transforma-se em anjo: casaco vermelho, boina à página, figura saída do Renascimento. A doçura máxima inebria-nos com «Angie». E de novo o rock trepidante, batido com violência por Charlie Watts que parecia zangado, tendo como reforço as guitarras de Richard e Wyman. Mick já está de tronco nu, sem qualquer adorno.

Nem precisa. Seus olhos cor de pervaquia espiam o público, atentos às suas reacções. «Morritos» como lhe chamam os espanhóis é um cavalo selvagem que salta obstáculos sem consentir montada, à desfilada numa praia ou num bosque. «Jumping Jack flash» provoca gritos histéricos no estádio repleto de três gerações que comungam na paixão pelos Stones. Predomina, todavia, a segunda, a dos vinte anos.

Na bancada das «personalidades» viam-se muitas figuras da política nomeadamente Filipe Gonzalez, secretário-geral do PSOE, Enrique Curiel, deputado comunista (de calções), Alberto Aza, homem forte do Governo de Adolfo Suarez, Soledad Becerril, a ministra da Cultura, a mulher de Calvo Sotelo e muitas outras. Nem sequer faltou o sr. Raimundo Saporta, organizador do Mundial-82 que teve uma polémica com Mick Jagger a propósito do concerto que os Stones tinham programado para Barcelona e depois foi cancelado. Por ter contrariado o «idolo» Saporta foi brindado à entrada do estádio com milhares de gestos significativos de um «par de comos».

Lourdes Féria

Milton Nascimento

Em consequência de um provável lapso técnico, parte do serviço por nós publicado, referente ao primeiro concerto de Milton Nascimento, no Coliseu dos Recreios, não constou do texto presente na edição de ontem do «DL». Por essa razão transcrevemos hoje o referido apontamento:

«Outra «surpresa estava guardada para o fim: os padrões do disco não «perdoam». Qualquer oportunidade é aproveitada para mais um golpe comercial e aí estavam os homens da «Ariola», empresa para a qual Milton grava, para em pleno espectáculo entregarem, ao conhecido cantor, um disco de platina pela venda de

mais de 250 mil exemplares do seu LP «Caçador de mim». A justificação foi assim dada: Lisboa foi escolhida para palco de entrega dessa distinção pelo «carinho que o público português tinha demonstrado a Milton quando da sua primeira passagem por cá... Só que o público não esteve, na altura, para «carinhos» e uma enorme vaia marcou o acto. Para nós ficou a surpresa, não por os empresários da «Ariola» tentarem esse golpe, mas sim por Milton, que sempre recusou a publicidade fácil, ter alinhado nele. Cada coisa no seu lugar e as cerimónias do género têm outros locais onde ficam melhor enquadradas».

Imagens de Gibraltar

A reportagem sobre Gibraltar que ontem publicámos não incluía as legendas que foram feitas para cinco das fotografias que a ilustravam. Pelo lapso técnico pedimos desculpa aos nossos leitores.

A imagem que se encontra na página 10, ao alto e à esquerda, mostra os portões da fronteira inglesa abertos, e, logo a seguir, os espanhóis, fechados. No mesmo bloco de fotos, à direita, vêem-se as bandeiras inglesas que manifestam a solidariedade dos gibraltinos com a posição inglesa na

guerra das Malvinas. Em baixo, à esquerda e em primeiro plano, o aeroporto inglês que vai de ponta a ponta do istmo que separa a Espanha de Gibraltar. Depois, a linha fronteiriça e, ao fundo, a cidade espanhola de La Línea. O homem que se vê na outra imagem é William Miel, mestre de rebocador e nosso guia em Gibraltar. Na pag. 11, a imagem não legendada mostra a praia de La Caleta, com uma parte da montanha coberta com pavimento cimentado para recolha de água da chuva.

Linha da Frente

Conferência de Lisboa debaterá crescimento militar de Pretória

O crescimento da máquina de guerra sul-africana é um dos temas propostos para a Comissão Política-Militar da Conferência Internacional de Solidariedade com os Estados da Linha da Frente, a realizar-se em Janeiro de 1983.

A ameaça do regime sul-africano à paz e à segurança mundiais, as violações do embargo de armas a Pretória e as agressões da África do Sul aos Estados da Linha da Frente, são outros temas anunciados para a mesma comissão, uma das três em que se divide a conferência de Lisboa.

A brutalização dos povos da África do Sul e da Namíbia, as lutas dos Estados da Linha da Frente, do ANC e da SWAPO e a ocupação militar da Namíbia, completam os temas previstos para a primeira comissão.

Na segunda, deverão ser examinados os crimes do «apartheid», ao abrigo do Direito Internacional, incluindo os crimes de agressão a países como Angola. Tratar-se-á aí, em termos legais, da ocupação da Namíbia, das violações dos Direitos do Homem na África do Sul e na Namíbia, do estatuto dos prisioneiros de guerra que se pretende para os combatentes dos movimentos de libertação e da alegada cumplicidade de países ocidentais nos crimes do «apartheid».

Na terceira comissão serão estudados os meios de fortalecer a solidariedade internacional com os Estados da Linha da Frente e com a ANC e a SWAPO.

Os presidentes de Porgal, Angola, Moçambique e Botswana e os primeiros-ministros do Zimbábue e do Lesotho aceitaram — recorde-se — um convite dos organizadores para o patrocínio da conferência, que, no entanto, foi contestada pelas direcções do PS e do CDS e pela Embaixada da África do Sul em Lisboa.

O tenente-coronel Vítor Alves, porta-voz do Conselho da Revolução, foi eleito recentemente presidente da Comissão Internacional Preparatória da Conferência, que tem como vice-presidentes o socialista grego Vassos Lyssardes e o português Sillas Cerqueira, secretário executivo do Comité Internacional Contra o «Apartheid».

A Comissão Internacional Preparatória esteve reunida em Abril e Maio, em Lisboa, apoiada localmente por uma comissão nacional de centenas de elementos, incluindo os catedráticos Henrique de Barros, Miller Guerra, Jacinto Prado Coelho, Barahona Fernandes e Laginha Serafim, os advogados José Manuel Galvão Teles e Artur Cunha Leal, os jornalistas Norberto Lopes, Augusto de Carvalho e José Carlos Vasconcelos e os militares Francisco da Costa Gomes, Otelo Saraiva de Carvalho, Pezarat Correia e Sanches Osório.

SUIÇA E ÁUSTRIA

VOOS DIURNOS 100% AR PORTUGAL

3 MAGNÍFICAS EXCURSÕES EM AVIAÇÃO + AUTOPULLMAN

PARTIDAS: JUL. 15, 22 E 29
AGO. 05, 12, 19 E 26
SET. 02 E 09

Preço por pessoa ... 39.800\$00

SUIÇA ÁUSTRIA E JUGOSLÁVIA

SUIÇA ITÁLIA E ÁUSTRIA

CIRCUITO DOS TRÊS ALPES

14 DIAS DE VIAGEM EM AVIAÇÃO + AUTOPULLMAN

PARTIDA 16 de Setembro

Preço por pessoa ... 42.500\$00

INFORMAÇÕES E RESERVAS

DEBREU

LISBOA - Avenida da Liberdade, 180 - Tel. 371341
LISBOA - Avenida de Roma, 88 - Tel. 603809
PORTO - Avenida dos Aliados, 207 - Tel. 317921
PORTO - R. Eug. Castro, 256 (Foco) - Tel. 681688
COIMBRA - Rua de São, 2 - Tel. 27011/8
FARO - Avenida da República, 124 - Tel. 25356/6
FUNCHAL - Rua do Gurgulho, 1 - Tel. 31077/8

PASSAGENS

AUTOPULLMAN
AVIÃO, BARCO
ou COMBOIO

RESERVAS A PREÇOS OFICIAIS

Informações e reservas:

EUROPEIA
AGÊNCIA TURÍSTICA

LISBOA - Av. da Liberdade, 233 - Tel. 53 61 21
LISBOA - Av. de Roma, 35-A - Tel. 76 08 15
PORTIMÃO - Av. Tomaz Cabreira, s/nº
Praia do Rocha - Tel. 2 33 77

membro WATA em Portugal - OPERADOR Alvorá n.º 23

Sinal de trânsito não é objecto decorativo. Respeite-o!

10 CRUZEIROS
ao Mediterrâneo Oriental
1982

K'LINES • Hellenic Cruises
a bordo do navio CONSTELLATION

Com embarque e desembarque em Barcelona

Visitando: BARCELONA • PALERMO • HERAKLION • PORT SAID
ASHDOD • KUSADASI • PIREU • CAPRI e GÊNOVA

PARTIDAS: 20 Junho* - 4 e 18 Julho - 1, 15 e 29 Agosto
12 e 26 Setembro - 10 e 24 Outubro

* VIAGEM INAUGURAL

Reduções especiais para a viagem inaugural e para a partida de 4 de Julho

PEÇA-NOS PROGRAMA ESPECIAL

Informações e reservas:

EUROPEIA
AGÊNCIA TURÍSTICA

LISBOA - Av. da Liberdade, 233 - Tel. 53 61 21
LISBOA - Av. de Roma, 35-A - Tel. 76 08 15
PORTIMÃO - Av. Tomaz Cabreira, s/nº
Praia do Rocha - Tel. 2 33 77

membro WATA em Portugal - OPERADOR Alvorá n.º 23

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SEXTA-FEIRA, 9 DE JULHO DE 1982



Antonino Solmer e Eduarda Dionísio: o que é preciso perguntar é porque é que uma política cultural não existe e não faz falta a ninguém

Um esforço para manter as forças no activo

Contraregra: novo núcleo cultural

Vontade, entrega, afirmação, arejamento. Nem ufanismos nem gratuidade. Talvez um sonho e o seu teclado ou as mãos tocando mais de perto o que é real.

Diante de nós, dentre as cervejas, EDUARDA DIONÍSIO (ex-participante do Grupo de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, anos 67/68 com L. M. Cintra e J. S. Melo e do Grupo do Ateneu Cooperativo de Lisboa) e ANTONINO SOLMER (Curso Superior de Teatro do Conservatório Nacional, estagiário na República Popular da Polónia, sob a direcção de Josef Szana e Jerzy Grotowsky.)

Palavras breves e somadas num quadro que é fechado — o da cultura.

CONTRA-REGRA, explicam-nos, é uma palavra que no masculino, serve para designar um instrumento e uma função teatral: o profissional que avisa os actores e o público do início do espectáculo; no feminino, significa um roteiro onde estão assinalados todos os materiais que os actores deverão utilizar para entrarem em cena. Pensamos que pode ter outras acepções ou leituras uma vez que no trabalho de teatro ou em qualquer imagem visual ou qualquer texto ou inflexão é útil que haja sempre uma metáfora. O nome foi encontrado por cerca de vinte pessoas, potenciais animadoras de um centro cultural, algumas não propriamente profissionais de teatro mas que estão empenhadas no nosso projecto. O teatro é uma das possibilidades de expressão cultural e artística. Queremos reunir jornalistas, professores, escritores, cineastas, artistas plásticos, etc..

Conhecer o peso dos cenários

A propósito da construção teatral alguém terá dito que para

encenar bem era preciso primeiro ter-se pegado nos cenários para se lhes conhecer o peso. Um ofício diferente que obriga a ter em conta, ao mesmo tempo, a psicologia das personagens, o lugar dum projector ou dum vaso de geraneos, a textura dum tecido, o peso dum caixote que tem que subir para a teia: Camus, o autor.

Eduarda Dionísio e Antonino Solmer sabem disto:

«Realizámos o espectáculo 'Memória com Objectos', a partir do romance 'Retrato dum amigo enquanto jovem', da Eduarda, (prémio do Pen-Club, ex aequo com 'O silêncio' de Teolinda Gersão), encenação de Antonino, no grupo de teatro Os cômicos. A seguir o 'Doux-lo vivo, doux-lo morto', escritos de vários autores sobretudo do século dezasseis, dezanove e contemporâneos, dramaturgia e estabelecimento do texto de Eduarda e encenação de Antonino, na companhia do Teatro da Cornucópia, e ainda uma Exposição: doze modelos à procura dum pintor, seis quadros para cada modelo, de Eduarda Dionísio, textos de Margarida Sérulo Correia, no Teatro do Bairro Alto. Estas experiências ou montagens ou produções não

eram da nossa inteira responsabilidade. Sentimos restrições à maneira de criar, o peso da orgânica do grupo que já existia e onde nos sentíamos elementos estranhos. As companhias de teatro independentes, tal como existem neste momento, têm uma imagem e funcionam de um modo muito próprio, e ainda bem. Só com muita dificuldade conseguiríamos integrar-nos nas suas actividades tanto mais que um projecto teatral não se afirma por um espectáculo, nem dois, e nós pretendemos individualizar-nos no âmbito da administração, da produção, da criação».

Free-lancers em albergues

«Foi-nos permitido trabalhar como free-lancers porque há companhias que por vezes servem de albergues simpáticos para realizações soltas, casos da Comuna e da Cornucópia, oferecendo os seus espaços mas onde é quase impossível realizar um trabalho colectivo tendente a uma nova linguagem e a um novo público».

Outra linguagem, outro público e rentabilidade

«Se não pretendemos confinar-nos a espectáculos de teatro porque não tentar uma outra rentabilidade congregando a dispersão? Deste primeiro ponto concluímos a continuação de um trabalho já desenvolvido e que julgamos inovador. Entendemos por nova linguagem outros caminhos (nós queremos explorar vários), pegar nos textos doutra maneira. Um novo público será aquele que surja com curiosidade, espírito crítico e o prazer que não encontra noutros lados e a quem podemos sugerir respostas para questões do seu quotidiano.

Por outro lado houve a necessidade de congregarmos esforços de pessoas que andam desgarradas, dispersas, sem condições ou meios para trabalhar porque não querem

ser instituições, ou não se sentem bem dentro destas e que têm em comum uma maneira de fazer teatro. Tornar-se-á uma forma de apoio recíproco, não apenas no âmbito económico.

É necessário dar possibilidades a pessoas que estão bloqueadas seja por falta de capacidade organizativa, ou de apoios ou outros interesses. Nós também estamos bloqueados e se este projecto fizer saltar cá para fora a produção de pessoas que estão submergidas ficaremos felizes, tanto mais que contamos com o contributo de elementos não ligados directamente a esta área».

Antonino Solmer visa a consolidação do grupo:

«Fica-se demasiado empenhado ao encenar e eu pretendo ligar um todo, acompanhá-lo de perto mas de maneira neutra. Daí não pretendo dirigir nenhum dos nossos primeiros espectáculos. É que, numa fase de arranque, planeámos realizar três espectáculos simultâneos. Opção baseada na análise que fizemos da situação do teatro independente em Portugal. Temos a ideia de que, por razões que não são da sua culpa, estas companhias tornaram-se pouco rentáveis, incluindo ao nível da formação do público.

Em geral, por ano, as pessoas só vêem um espectáculo de cada companhia. Uma peça por temporada. Ora se nós permitíssemos que essas mesmas pessoas pudessem vir mais do que uma vez à mesma sala, frequentar um mesmo espaço, acompanhar um projecto mais de perto, criar hábitos de intervenção e saber das maneiras de fazer cultura, seria uma ruptura».

Uma utopia ou corda bamba?

«Claro que pode dizer-se um projecto grandioso mas se não apontarmos para uma meta alta nada faremos. Não pretendemos transformar-nos em mais um grupo. Queremos algo com outro sentido.»

Processo de «roulement»

Tal como Jovet Eduarda e Antonino acreditam que o teatro é

Doze lições de filosofia

O Sete Ponto Sete começa hoje a publicar, ao abrigo do seu exclusivo de «Le Monde Dimanche», uma série de doze lições de filosofia onde são abordadas as principais temáticas contemporâneas da «árvore do saber». Hoje, Ferdinand Alquié e Vincent Descombes escrevem, respectivamente, sobre «o saber afectivo» e «o desejo».

Págs. 4 e 5

Ópera de Pequim, um espectáculo total

Pág. 6

Mick Jagger fala de mulheres e dos Stones

Pág. 6

Entrevista com Herzog

Pág. 7

uma arte viva e extemporânea que se prepara, ordena e executa do mesmo modo que uma experiência de química ou uma batalha.

«Um dos problemas que geralmente se põe é o económico relacionado com as montagens.

Haveria possibilidade dum trabalho mais rentável com um maior investimento de dinheiro por parte do Estado. Ter-se-ia mais lucros.

Os mesmos actores poderiam estar a trabalhar em duas ou três peças ao mesmo tempo. Claro que isto exige condições e grande esforço para se poder fazer, como seja, uma equipa de encenadores, técnicos, administrativa. Não queremos um elenco grande e fixo.

O nosso ponto de vista é o da formação dum corrente de público para um mesmo local, onde muitas actividades culturais se sucederiam, num processo de roulement, um espectáculo diferente cada dia ou cada semana, (pormenores a discutir e verificar na prática).»

Perguntamos porquê. Porque não

Temos três projectos para os quais vamos pedir subsídios específicos, indicados pelos seus encenadores. O primeiro: Teatro Garré — uma colagem de textos do século dezanove. Encenação de Osório Mateus. O segundo: Kartotekal / Le départ du crève à la faim — dois textos que podem resultar o mesmo espectáculo mas que também podem ser distintos. Textos de Rozewicz, autor de que, entre nós, foi visto O Casamento Branco, numa encenação de Fernanda Lapa. O terceiro: Um mês no campo — de Turgueniev, encenação de Rogério de Carvalho. São projectos assentes mas não realizáveis enquanto a Secretaria de Estado da Cultura não se pronunciar. No penúltimo pedido fomos os únicos, que se saiba, a não ser subsidiados

dentre trinta e cinco grupos, companhias, centros, nomes individuais, etc. (decisão de Brás Teixeira). O nosso último pedido, chamado SUMÁRIO, significava para nós o projecto zero da organização e requeríamos tão só a quantia de uma montagem. Ainda hoje não obtivemos resposta conquanto tenha havido um despacho de dois de Abril último em que foram contemplados todos os outros pedidos apresentados excepto o nosso, que ainda para cúmulo se incluía na alínea dos casos especiais. Todas as companhias subsidiadas então não o tinham sido pelas razões mais disparres (decisão de Lucas Pires).

Claro que perguntámos à SEC porquê? porque não nos dava, respondeu.

A cultura não faz eleitorado

«teatro: abrir a oficina e aceitar o mundo para reparação, aos bocados, como vai chegando...»

«Para além do que possamos ter conhecimento, de um modo geral é assim: o capital não está interessado na inexistência de uma política cultural e muito menos numa política cultural consequente e que se perceba qual é. O que é preciso perguntar é porque é que ela (essa política cultural) não existe e não faz falta a ninguém. Quanto a nós é uma questão ligada do sistema: não se trata de assunto prioritário para quem tem que governar, ou se impor ou ganhar eleições. Logo, tudo o que lhe refere é tratado com os pés. Claro que falamos em termos genéricos mas isto vai-se reflectir em casos como o nosso. Para lá de que aquilo que possamos produzir não possa interessar a um governo como o nosso. Não queremos afirmar que o governo vá subsidiar mais grupos de direita mas não tem qualquer interesse em que surja mais um que é de esquerda. Percebemos que os subsídios são dados para «contentar», «compensar» e

Cinema

● Blow Up
de Michelangelo Antonioni
(GB - 1967)

Quando se descobre que o cinema pode fabricar a vida. Quando se descobre a inquietação dos instantes gravados, ir-repetíveis. Quando se tem de escolher entre fazer e olhar.

Cinema Cinebloco
(14.30, 16.45, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

● A amante do tenente francês
de Karel Reisz
(GB - 1981)

Duas histórias de amor e de amor para uma actriz enfim reconhecida: Meryl Streep.

Cinema S. Jorge 2
(14.15, 16.45, 19.15, 21.45 h)
(não acons. men. 13 anos)

● Célebres e ricos
de George Cukor
(USA - 1981)

A provar que o cinema não são histórias mas a forma de as contar. Cukor aos 82 anos: histórias de mulheres, actrizes, amor e ironia.

Cinema Tivoli
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

● Duelo ao sol
de King Vidor
(USA - 1946)

Qualquer que seja o trajeto para percorrer o western, passa-se sempre por **Duelo ao sol**. Fabuloso.

Cinema Império
(15.15, 18.30 e 21.30 h)



Helmut Berger em «Os Malditos» de Luchino Visconti

(não acons. men. 13 anos)

● Reds
de Warren Beatty
(USA - 1981)

John Reed e Louise Bryant, o amor e também a Revolução. Grandes meios e nem sempre eficácia que basta. E uma actriz de génio: Diane Keaton.

17.30, 21.15 h
(não acons. men. 13 anos)

● Os salteadores da arca perdida
de Steven Spielberg
(USA - 1981)

Todas as adolescências se revêem neste filme. Essa a sua maior sabedoria.

Cinema Alfa 2

AS ESTRELAS

Blow Up	★★★★
A amante do tenente francês	★★★★
Célebres e ricos	★★★★
Duelo ao sol	★★★★
Reds	★★★★
Os salteadores da arca perdida	★★★
Um lobisomem americano em Londres	★★★
Os malditos	★★★
Jerry, enfermeiro sem diploma	★★★
All that Jazz	★★
Assalto à 13.ª esquadra	★★
Morte no Nilo	★★
O agente secreto 007	★
O senhor dos anéis	★
Arthur, o alegre conquistador	★

A «CHAVE»

- ★★★★ — Excepcional
- ★★★ — Bom
- ★★ — Interessante
- ★ — Desinteressante
- — A evitar

(13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h)

(não acons. men. 13 anos)

● Um lobisomem americano em Londres
de John Landis
(USA - 1981)

Dantes dizia-se dos filmes, «é uma comédia», ou «é um drama», ou «é uma fita de

cow-boys», ou «é um filme de terror». Depois os géneros morreram.

Um lobisomem americano em Londres pega nos códigos de dois deles (a comédia e o filme de terror) e cruza-os. O resultado é surpreendente.

Cinema Borna
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)

(não acons. men 18 anos)

● Os malditos
de Luchino Visconti
(Itália - RFA - 1969)

Visconti num dos seus filmes menos amados. Por mim creio que injustamente. Vale a pena ver para confirmar uma ou outra dessas opiniões.

Cinema Estúdio
(15.30, 18.30 e 21.30 h; aos sábados e domingos: 15, 17, 19, 21.30 h)
(interdito a men. 18 anos)

● All that Jazz
de Bob Fosse
(USA - 1979)

Um filho híbrido do musical americano e do visionarismo felliniano europeu. Tudo quanto vem do musical é excelente. Tudo quanto encosta ao europeu é provinciano.

Um filme a meia haste por onde passa, porém, a vertigem do espectáculo.

Cinema Quarteto — sala 2
(14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h)
(interdito a men. 13 anos)

● Jerry, enfermeiro sem diploma
de Frank Tashlin
(USA - 1964)

Jerry Lewis sempre afirmou dever a Tashlin muito do que aprendeu de cinema. Este filme é um exemplo da fusão desses dois nomes do burlesco americano.

Cinema Apolo 70
(13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30 h)
(não acons. men 13 anos).

Teatro

Sociedade

Contraregra:
novo núcleo cultural

Continuação da pág. 1

ainda bem que Comunas e Cornucópias são pesos de difícil remoção.

Subsídios: uma política de interesses

«Nós não somos protegidos por ninguém. Por nós ninguém se moverá, nenhum partido ou facção deste, nenhum grupo social, minoritário, assim-assim ou mais ou menos, não se protestará publicamente. E depois as pessoas como nós não têm voz. Não podem manifestar-se na imprensa, ninguém sabe de nada, o público vive na ignorância. Não há qualquer desprestígio respeitante ao facto de não se permitir o funcionamento de um grupo cujas provas são desconhecidas da maioria. Os subsídios não são atribuídos pelo conteúdo do que é apresentado, nem pelas garantias que as pessoas possam dar para a sua realização mas pelas responsabilidades que alguns nomes têm e pelo apoio que convém à SEC. Isto excluiu o direito por trabalho realizado, como já referimos. Se houvesse uma política cultural consequente, um projecto como o nosso que reúne encenadores que deram provas seria razão suficiente para uma atribuição de subsídio. Queremos integrar outros nomes e sabemo-lo possível. É extremamente difícil juntar pessoas a funcionar em conjunto, nomeadamente pessoas de qualidade reconhecida. Isto, só por si, deveria ser respei-

tado enquanto esforço profissional».

O subsídio é uma questão, outras se põem a António Solmer

«Eu defendo a teoria de que o teatro português tem duas frentes: é usual falar-se dos subsídios mas poderia existir outro tipo de apoio: espaços e equipamentos. Não sei qual deles é o mais importante. Para agrupamentos que nascem como o nosso o espaço é difícil de obter e o Estado consegue-os facilmente, tal como pode facilmente conseguir todo o apetrechamento técnico de que um núcleo cultural precisa.

Igualmente batemos na tecla da dignificação, a vários títulos, da carreira e da função do teatro. Quando, por exemplo, a Escola Superior de Teatro for homologada oficialmente, isso permitirá a garantia de contratos normais aos professores (o curso também não está homologado) e a Escola será dotada dos meios indispensáveis à boa prossecução dos cursos. Quando o sindicato for um sindicato operante conseguirá negociar os contratos com empresas como a RDP e RTP. Quando, no ensino secundário, o ensino do teatro estiver numa continuação lógica que o ligue ao curso do conservatório... O que acontece é que a cadeia de teatro foi pensada para existir no nono e décimo ano. Ora a sequência lógica é que viesse a ser dada igualmente no décimo primeiro para que houvesse uma ligação possível ao Curso do Conserva-

tório. A administração Cardia assim não o entendeu, e portanto o ensino de teatro é a modos que um panfleto turístico».

Eduarda Dionísio segue o fio: o mass-media e a crítica

«Quando o tratamento da actividade teatral dos mass-media for uma informação empenhada, esclarecedora e esclarecida... Quando os críticos se puderem profissionalizar, isto é, saber de teatro, com os documentos à altura das suas necessidades (e remunerações respectivas) para que possam ter apetrechamento para a avaliação dum trabalho realizado, acompanhado ou não, podendo então reconhecer como é que se trabalha, do que se trata e em que condições. Actualmente assistimos a crónicas ou artigos de opinião. Não há analistas ou historiadores do teatro, críticas, tanto mais que, no sector teatral se chega a crítico pelas maneiras mais esquisitas.

Compreendemos que as artes individuais, como o são a literatura e a pintura são mais fáceis de perceber e comparar do que o teatro que é composto de muitos elementos e artes, em conjunto. Os críticos de pintura, por exemplo, frequentaram na sua quase totalidade, escolas do país ou do estrangeiro, que envolviam os temas em questão. No teatro quase só existem autodidatas. As pessoas que dizem «mal» ou «bem» não vêm das escolas, formaram-se como ca-lhou, até porque não havia ensino ou

ele era muito mau. Assim não ajudam à progressão de um grupo ou à complementarização do teatro (actores e espectadores).»

Ser marginal serve o sistema

E aqui foi indispensável rever tudo, fazer das tripas coração, destruir qualquer certeza para descobrir uma «contraditória coerência». Assim trabalhamos para perceber o que não sabíamos (disse Luís Miguel Cintra, um dos actores do segundo espectáculo de Antonino Solmer e Eduarda Dionísio).

«Este é um esforço de lutar por dentro do sistema e isto nós sentimo-lo verdadeiramente. E sabemos que resultará.

Recusar subsídios conduz a vias que não consideramos correctas nem para as quais nos sentimos talhados. A intervenção por fora é sempre por dentro.

Ser marginal é algo que não nos satisfaz, mesmo que isso seja idolatrado, como, por exemplo, a boémia artística de há anos passados.

O nosso projecto não é revolucionário mas aquele que nos parece possível para manter as forças no activo e não fazer toda a gente deserta — nós e os outros».

Maria Emília Correia

Fellini

Sob a chancela da Livraria Bertrand acaba de sair a público «Fellini conta Fellini» uma colectânea de textos dispersos publicados por aquele realizador italiano.

Constatação primeira: o livro é tão apaixonante de seguir quanto os seus filmes. Explicam-nos? Não. Explicam o realizador? Ainda menos. Antes: a escrita de Fellini atravessa o universo dos seus filmes. Em ambos ele mente, divaga, excede.

Aqui ele recorda («Rimini, cidade onde nasci» que se lê de um fôlego, como **Amarcord** se via em suspensão), ali ironiza («Com 8 e 1/2 em Moscovo»), acolá polemiza («Carta a um crítico marxista») ou chora («Palhaços porque?» ou demarca-se («Notas sobre a censura»). O livro é diverso, mas sempre agudo, sempre de uma inteligência cúmplice. São textos nitidamente dirigidos ao espectador do seu cinema e que, deste modo, qualquer cinéfilo vai saborear (saborear é a palavra certa: mas é preciso saber que o acre e o doce, o quente e o frio são matizes indispensáveis).

Com uma tradução que sabe escrever-se bem em português (o que não é tão comum como isso) da responsabilidade de Maria Dulce e Salvato Teles de Meneses, esta edição tem, porém, um insanável defeito: a impressão das gravuras está abaixo do mínimo exigível. Bola preta para esse factor sem o que «Fellini conta Fellini» seria um livro capital.

J.L.R.



Federico Fellini: Textos escritos tão apaixonantes quanto os textos fílmicos

SEXTA-FEIRA, 9 DE JULHO DE 1982

Sete Ponto Sete **Cinema**

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

JORGE LEITÃO RAMOS

BOTELHO, JOÃO

— Realizador

João Botelho nasceu em Lamego, a 11 de Maio de 1949. Tem actividade cineclubista em Coimbra e Porto. Aluno do 5.º ano de Engenharia Mecânica, abandona o curso em 1974 para se inscrever na Escola de Cinema do Conservatório Nacional.

Escreve, em alguns jornais, textos de crítica cinematográfica e é um dos fundadores da revista «M» (de que saíram quatro números, entre 1975 e 1977). Trabalha em artes gráficas e inicia-se como realizador em 1976.

FILMOGRAFIA: Um projecto de Educação Popular MM, co-realização de Jorge Alves da Silva (1976); **O Alto do Cobre** MM, co-realização de J. Alves da Silva (1976); **Alexandre e Rosa** CM, co-realização de J. Alves da Silva (1977/78); **Conversa acabada** (1980/81).

João Botelho é, para já, o mais proeminente dos jovens cineastas gerados pela Escola de Cinema do Conservatório Nacional. Isto apesar de uma filmografia ainda curta e de nela se incluir apenas uma longa-metragem.

Dos seus três primeiros trabalhos (dois documentários e a curta metragem de ficção **Alexandre e Rosa** é precário tecer considerações. Assinados conjuntamente com Jorge Alves da Silva, não é lícito estabelecer limites sobre cada um dos realizadores. Mas, diga-se, **Alexandre e Rosa** só continha maus presságios.

Conversa acabada, ao invés, apesar de ser um filme assaz falhado, já fornece indícios que bastem para se afirmar que João Botelho é um cineasta com que contar, inteiramente. De resto, **Conversa acabada** foi recebido de forma polémica, conseguindo alguma repercussão internacional e projectando o nome de João Botelho.

Tudo em aberto, a seguir, portanto.

**ERRATA/ADENDA**

Os erros e as omissões são parte das inevitabilidades de um trabalho com a natureza e a dimensão deste DICIONÁRIO. Daí a necessidade de erratas e adendas que minimizem as falhas. Uma ADENDA foi já publicada a 13/3/82.

O leitor deverá eliminar e acrescentar os dados que a seguir se indicam.

ALEXANDRE E ROSA: acrescentar, como intérpretes, João Perry e António Montez.

ARMAS E O POVO (AS): eliminar, como colaborador, João César Monteiro.

E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO?: eliminar, na produção, Unifilme; acrescentar: **director de produção:** Henrique Espírito Santo.

ESCUDEIRO, ANTONIO: acrescentar à filmografia como director de fotografia: **Ma femme chamada bicho** de José Álvaro Morais (1976).

GODINHO, SÉRGIO: eliminar da filmografia **L'odisseia de Monsanto**, cujo título definitivo acabou por ser **La guerrillera**.

GUEDES, JOAO: acrescentar a filmografia: **Le cercle des passions** de Claude d'Anna (1982).

JOÃO, ADELAIDE: acrescentar à filmografia: **O último comboio da noite** MM de Herlander Peyroteo (1964); **O bobo** de José Álvaro Morais (1979/81); **A vela da Páscoa** de Radou Cabrea (1980); **A procura da verdade** MM de José Marujo (1981); **Le cercle des passions** de Claude d'Anna (1982); **Sem sombra de pecado** de José Fonseca e Costa (1982); **Impossível evasão** MM de Eduardo Geda (1982).

LELLO, LUÍS: acrescentar à filmografia:

Por tudo e por nada MM de José Ribeiro Mendes (1981).

MENDES, RUI: eliminar da filmografia **L'odisseia de Monsanto** cujo título definitivo acabou por ser **La guerrillera**.

MONTEZ, ANTONIO: acrescentar à filmografia: **Alexandre e Rosa** CM de João Botelho e Jorge Alves da Silva (1977/78).

RENATO, PAULO: acrescentar à filmografia: **O conde Monte Cristo** série TV de Denys de la Patellière (1979).

ROQUE, ELSON: eliminar na filmografia: **A pérola do Atlântico** CM de J. Fonseca e Costa; acrescentar: **Garrafas** CM de Alfredo Tropa (1967) e **Topázio** CM de Alfredo Tropa (1967).

SILVA, MANUEL COSTA E: acrescentar à filmografia como director de fotografia: **Emigr/Antes... E depois?** de António Pedro Vasconcelos (1976) e **Eduardo e Fernando** CM de Ariel de Bigault (1981).

SILVESTRE: acrescentar: **Estreia:** 6 de Maio de 1982 («Cinebloco», Lisboa e «Lumière», Porto).

TROPA, ALFREDO: acrescentar à filmografia: **O povo e o futuro** CM (1975); **Made in — I** CM (1978); **Made in — II** CM (1978); **A getway to Europe** MM (1979); **Ao pensar em electrónica** CM (1980).

Nota: Alguns dos erros e omissões agora referenciados foram detectadas por mim, outros por amigos que nos têm indicado. Desde já se agradece qualquer colaboração nesse sentido que os leitores possam dar.

Porque algumas dúvidas se têm levantado, cumpre informar que as datas constantes das filmografias são, salvo referência expressa em contrário, as datas de **rodagem** dos filmes.

J.L.R.

ÍNDICE

Em aditamento ao índice publicado em 21/11/81, indicam-se, a seguir, as datas das fichas entretanto editadas. Se o leitor quiser receber os jornais respectivos basta, para tanto, enviar a respectiva quantia em selos de correio para «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 44 — 1200 Lisboa que os exemplares pedidos serão-lhe remetidos na volta do correio.

Cumprir informar, ainda, que uma ADENDA às fichas foi publicada a 13/3/82.

Adeus, até ao meu regresso	8/1/82
Amor das Três Romãs (o)	28/5/82
Areia Mar — Mar Areia	20/3/82
Arte e Ofício de Ourives (a)	24/4/82
Belarmino	2/7/82
Bom Povo Português	8/1/82
Breyner, Nicolau	26/2/82
Brito, Leonel	5/2/82
Caçada do Malhadeiro (a)	4/6/82
Cama (a)	21/11/81
Carpinteiro, Margarida	28/5/82
Carta a Mestre Dórdio Gomes	24/4/82
Castro, José de	7/5/82
Chico Fininho (o)	21/5/82
Cidade como a Nossa (uma)	27/11/81
Cintra, Luís Miguel	19/2/82
Conversa Acabada	28/5/82
Couto, Luís	2/1/82
Cruzeiro do Sul	20/3/82
Destino Marca a Hora (o)	2/4/82
Dina e Django	18/12/81
Dois Soldados (os)	4/6/82
Duarte, Arthur	26/12/81
E não se pode exterminá-lo?	19/2/82
Era Uma Vez... Amanhã	20/3/82
Esplendor Selvagem	13/3/82

Fernando Namora	7/5/82
Francisca	26/12/81
Freitas, Manuela de	12/6/82
Funeral do Patrão (o)	26/12/81
Gada, Eduardo	15/1/82
Gente do Norte	26/2/82
Grande Roda (a)	7/5/82
Igreja Profanada (a)	25/6/82
Isabel, Helena	18/6/82
João, Adelaide	6/3/82
Leproso (o)	2/4/82
Lisboa, o Direto à Cidade	21/5/82
Luta do Povo (a)	18/12/81
Madrugada	4/12/81
Malteses, Burgueses e às Vezes...	8/1/82
Máscaras	4/12/81
Medeiros, Maria de	21/5/82
Meneses, Teresa	19/2/82
Monteiro, João César	15/5/82
Mota, João	2/7/82
Nordlund, Solveig	27/11/81
Oliveira, Manoel de	11/12/81
Passagem (a)	24/4/82
Passagem ou a Meio-Caminho	21/11/81
Paulo, Carlos	25/6/82
Paulo, Rogério	30/4/82
Peixinho Vermelho (o)	18/12/81
Piano (o)	24/4/82
Príncipe com Orelhas de Burro (o)	27/11/81
Prisioneiro (o)	18/12/81
Que Farei eu com Esta Espada?	2/1/82
Quem Espera por Sapatos de Defunto	
Morre Descalço	4/12/81
Ramos, Artur	26/3/82
Recompensa (a)	2/1/82
Rei das Berlengas (o)	25/6/82
Renato, Paulo	13/3/82
Retalhos da Vida de Um Médico	18/6/82
Romance do Luachimo (o)	30/4/82
Roque, Elso	16/4/82
Santo Antero	8/1/82
Semedo, Artur	29/1/82
7 Balas Para Selma	4/6/82
Silva, Vicente Jorge	5/2/82

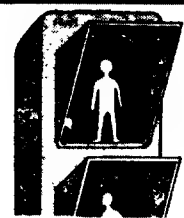
Silvestre	26/2/82
Sophia de Mello Breyner Andresen	20/3/82
Tapeçaria — Tradição que Revive	7/5/82
Temas Festa	4/12/81
Tiago	13/3/82
Vendedor (o)	4/6/82
Verdes Anos (os)	2/1/82
Vicente Fotógrafo	21/5/82
Vida é Bela! (a)	6/3/82
Vida e Obra de Ferreira de Castro	2/4/82
27 Minutos com Fernando Lopes	
Graça	2/4/82

Agradecimentos

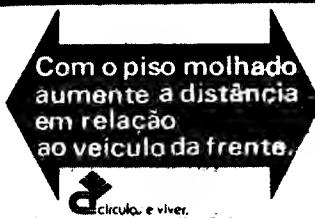
É da mais estrita justiça enumerar aqui mais algumas das pessoas que me têm permitido

aceder ao conjunto de informações de que este Dicionário se constitui repositório crítico. Para além de todos aqueles que já referi em anteriores ocasiões, cumpre-me agradecer a colaboração do Instituto Português de Cinema, da Cinematoteca Portuguesa, do Instituto de Tecnologia Educativa e, ainda, de João Mota, Henrique Espírito Santo, Carlos Paulo, Helena Isabel, Manuela de Freitas, Fernando Fernandes, João César Monteiro, Manuel Costa e Silva, Margarida Carpinteiro, Maria Armada Passos, Vicente Jorge Silva, Rogério Paulo, Elso Roque, Artur Ramos e José de Matos-Cruz.

J. L. R.

**NAS PASSADEIRAS**

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

**2 RODAS**

2 vezes mais atenção!



O saber afectivo

A ciência não é a única via de acesso à verdade. O amor, a poesia, a forma, o sonho... são também formas do saber

Segundo a mais corrente das opiniões, não existe saber afectivo. É certo que se admite que muitas das nossas certezas dependem da afectividade. Mas essas certezas são tidas por puramente subjectivas, portanto como ilusórias: o amor é cego, a poesia é ficção, o sonho é mentira, a loucura é erro e a própria fé religiosa é suspeita desde que, re-

UMA tal concepção é, no entanto, tão contrária às exigências profundas da nossa consciência que, paralelamente a esse racionalismo científico, vemos desenvolver-se hoje as mais estranhas superstições, as adesões às seitas, e, de um modo geral, a tendência para opor ao mundo objectivo outros mundos, mais prontos a satisfazerem a nossa sensibilidade. E há teorizadores para a justificação dessa fuga para fora da objectividade, mesmo nas suas formas mais insustentáveis: certos professores fazem o elogio da droga, e alguns psiquiatras, tomados antipsiquiatras, justificam a loucura.

Prazeres e angústias não podem ser contestados

O filósofo não poderia adoptar nem uma nem outra destas

atitudes. Ele não esquece as lições de Kant, revelando-nos a relatividade do objecto científico e trazendo para a luz do dia tudo quanto, no conhecimento, vem da nossa sensibilidade e do nosso entendimento. Mas ao mesmo tempo ele reconhece que, segundo os critérios da objectividade, apenas o saber científico merece verdadeiramente o nome de conhecimento. Pensa o filósofo, por essa razão, que apenas a ciência pode atingir a verdade? De modo algum.

Ele constata, pelo contrário, que nenhum conhecimento objectivo esgota a nossa experiência, encerra a totalidade das nossas certezas. Será necessário, em nome da ciência, e porque elas não são cientificamente demonstráveis, rejeitar todas as afirmações morais, estéticas e religiosas? Admitir-se-á que é permitido supliciar um ser humano, pelo facto de não ser possível estabelecer «cientificamente» que o suplicio é condenável? Afimar-se-á que a

cusando ver nela um efeito da graça divina, a consideramos como saída dos nossos desejos, dos nossos sentimentos, da necessidade de sermos amados ou do medo da morte. Estima-se, assim, que não há saber senão científico, e que apenas pode ser verdadeiro o que está cientificamente estabelecido.

Ferdinand Alquié

música de Massenet vale a de Mozart, porque a ciência não pode fundamentar nenhuma hierarquia objectiva no domínio do gosto? E retomar-se-ão, contra a existência de Deus e a imortalidade da alma, os argumentos segundo os quais se deve negar tudo o que não aparece na ponta do escalpo ou no fundo de um proveta? Convém portanto não confundir conhecimento e saber. Distinguindo «conhecer» e «pensar», Kant declarava que se pode afirmar «a coisa em si» e portanto saber que ela existe, sem por isso chegar a conhecê-la. Fora do conhecimento científico, pode-se assim descobrir um outro saber, que é preciso designar por afectivo. Isto não quer dizer que devamos fiar-nos, sem exame, em todos os conteúdos deste saber. Nem o sonho nem a loucura dizem a verdade. Da própria revelação poética não poderíamos afirmar com evidência que ela nos dá acesso ao mundo dessa «verdadeira vida» de que fala Rimbaud. (1)

Mas existem domínios em que o saber afectivo ultrapassa em certeza o próprio conhecimento científico, permanecendo este conhecimento de uma realidade que o não é. Assim, como foi estabelecido por Descartes, eu posso duvidar da existência das coisas, mas não duvidar de que eu existo. Ora, é afectivamente, e não cientificamente, que me dou conta do meu ser, e que sei que eu sou eu. Pode mesmo dizer-se que a posição «eu existo como eu» («j'existe comme moi») não tem, cientificamente, qualquer sentido. A sua apreensão é inseparável de um acto de vontade, porque, para o sujeito, dar-se conta de si e querer ser ele próprio confundem-se. Eis no domínio do desejo. A afectividade não pensa o ser como objecto, ela vive-o.

E esse saber vivido, que inclui as nossas angústias e as nossas alegrias, é para nós a suprema evidência, sendo o nosso eu, não objectivável, a única realidade com a qual nós temos



René Descartes



Victor Hugo

um relação imediata. Por este facto, podemos ter como absolutamente certos, na medida em que são experimentados, os sentimentos e as sensações. Dores, prazeres, angústias, não poderiam ser contestados. E o saber que sobre eles temos não é redutível a qualquer outro. O conhecimento científico pode justapôr-se a este saber afectivo mas não pode penetrar a sua essência. O médico «conhece» as causas orgânicas da nossa dor. Mas estas causas não são dores, e apenas aquele que sofre «sabe» a sua dor.

É por isso que nenhum conhecimento objectivo esgota o nosso sentido do ser, nem penetra as certezas irracionais mas reveladoras da nossa afectividade. O neurólogo pode demonstrar ao sujeito sofrendor de agorafobia que ele é fisicamente capaz de atravessar uma praça deserta. O paciente sabe bem que nunca o conseguirá. A razão pode revelar ao apaixonado a banalidade daquela que ele ama. Mas a emoção do amor revela a

sua insubstituível singularidade.

Assim o saber afectivo, incapaz de definir correctamente o objecto (o que, em compensação, a ciência consegue fazer), guarda e contém o sentido do ser, e do ser entendido no sentido substantivo (e não verbal) da palavra. O positivismo, bem como a filosofia de Léon Brunschvicg, persuadiram, durante muito tempo, de que a ciência podia constituir-se sem se preocupar com um tal ser.

Uma certa interpretação do kantismo, libertado da «coisa em si» e considerado como reduzindo as condições da afirmação da realidade à da objectividade, também contribuiu para impor esta concepção, e pensamos que o próprio Heidegger, apesar de tão atento à questão do ser, não escapou à sua influência. Porque Heidegger eleva-se até ao ser a partir do «há», e declara que o ser é sempre para o pensamento e para nada mais do que ele.

O desejo

A nossa época luta pela reabilitação do desejo. Seja. Mas com a condição de não o confundir com a sua sombra.

Segundo creio, filosofia é antes de mais analítica. Os filósofos não são muito propensos a fazer sermões ou a dar instruções. Sentem-se mais à vontade quando lhes perguntam: a linguagem que utilizamos tem um sentido? Se o desejo se presta ao inquérito

TOME os seus desejos por realidade era, por volta de 1968 a palavra de ordem da libertação do desejo. O desejo humano foi durante demasiado tempo, diziam-nos, caluniado, desfigurado. É tempo de o justificar e de o emancipar. Séculos de pensamentos idealista e de moral cristã fizeram-nos acreditar que o desejo era um estado negativo (desejar é não ter qualquer coisa), quando é um estado positivo e produtivo (desejar é transbordar de vida). Para mais, a moral repressiva considerou este negativo irremediável (o desejo é insaciável, são necessárias leis para o limitar, uma disciplina para o fixar). O caminho dos libertadores era diametralmente oposto aos desses pontos de vista tradicionais. O desejo, diziam, não é um buraco sem fundo capaz de engolir tudo; é, sim, uma fonte inesgotável de energia.

Tomada à letra, a mensagem libertadora não é clara. Será um convite ao sonho (é inútil fazer, basta desejar)? Talvez seja necessária ver a aplicação engenhosa de uma velha receita pe-

dagógica no caso de as pessoas serem atacadas pelo novo mal do século, a depressão (Já não sinto gosto por coisa nenhuma). A moral do desejo emancipado é a moral do educador contemporâneo, que, como se sabe, já não é um pião manejado o zero de conduite consigné dimanche (como na obra-prima de Jean Vigo).

Todos os pedagogos o dizem hoje: o seu problema não é tanto reprimir como «conceder», isto é, excitar nas crianças o desejo de fazer aquilo que ainda não sabem fazer, e, depois, o desejo de aprender. Assim compreendido, o desejo é uma força activa, produtiva de novas potencialidades.

Na junção da alma e do corpo

Convém em todo o caso precisar que se acorda o desejo activo de uma pessoa convidando-a a fazer as coisas tão bem como a outra. Porquê ele e não eu? É a pergunta que nos acompanha a todos, desde a escola primária à reforma (sendo a sociedade meritocrática uma escola alargada). O desejo é pro-

Seja. Mas com a condição de não o confundir

filosófico, é justamente porque faz falar muito de si, antes de mais porque toda a cultura nos fala dos nossos desejos, depois porque nós próprios procuramos dizer aquilo que desejamos.

Vincent Descombes

ductivo na pessoa, na medida em que é reprodutivo — «mimético» — dos êxitos da outra.

A opinião do pedagogo é respeitável mas não chega à dos peritos em desejos, tais como os proxenetas, os doceiros, os demagogos, os costureiros, as alcoviteiras, os perfumistas, os expositores de mercadorias..., sem esquecer os grandes escritores. Todos estes conhecedores mostram que os desejos humanos formam um mundo muitas vezes previsível, um mundo que se parece menos com um grande concurso Lépine da libido, do que a uma commedia dell'arte com os seus papéis estereotipados: a rapariga, o velho bonito, o vaidoso... Os desejos não são genialmente inventados mas sim reproduzidos.

Dizer isto não é negar que eles sejam muitas vezes fantasiosos. Os mesmos testemunhos das nossas concupiscências podem ser citados contra a filosofia do desejo que domina na cultura clássica e cuja doutrina não é ascética mas racionalista. Tudo tem a sua razão de ser. E o desejo também. Segundo as psicologias saídas do dualismo car-

tesiano entre a alma e o corpo, o desejo produz-se na junção de ambos. Experimentado e sentido ele é um «dedo da consciência». Ao mesmo tempo é acompanhado por sintomas físicos (a «mordidela do desejo, com salivação e erecção, segundo os casos...»). A razão de ser seria pois prevenir a alma daquilo que é útil ao corpo. O desejo coloca o corpo em estado de mobilização, pronto para perseguir o bom e para fugir do mau.

Enquanto assim é, a falta mais comum nunca é desejar-se de mais mas desejar-se de menos (Descartes). Claro está que a psicologia clássica não ignora aquilo a que se chama o desregramento do desejo. É preciso entender por isto: o funcionamento defeituoso de um mecanismo. Como o maquinismo do desejo é delicado, não nos devemos espantar com os casos de desejo inútil ou até perigoso para a segurança do corpo que deseja. Mas trata-se sempre de desejos excessivos, de aversões pueris, de vontades desastradas, de cobiças degradantes, nunca de desejos a falar



verdade inexplicáveis. Ora os desejos desproporcionados não são sem razão visto que eles procuram uma satisfação: acontece que essa satisfação custa demasiado cara. São pois explicados através do erro de julgamento ou da fraqueza do carácter.

O contra-senso do amor louco

Em contrapartida são francamente desrazoáveis os desejos condenados à desgraça, os desejos impossíveis de satisfa-

zer. Há duas espécies destes desejos: os contraditórios e os indefinidos. Um desejo contraditório é quase certo que fica insatisfeito. Talvez, de resto, ele não seja um desejo único mas a amálgama absurda de dois desejos opostos. Um desejo indefinido pode ser-lo abertamente se o seu objecto for insuficientemente definido, ou então se se tratar de uma infinidade de objectos.

Um exemplo do primeiro caso é o «amor louco» ou o amor de um homem pela mulher (por-



Arthur Rimbaud



André Breton

procura de um ser evidente e inacessível

Esta não é, de todo em todo, a nossa opinião. Pensamos que a convicção fundamental do homem é a certeza do ser no sentido substantivo da palavra, quer dizer, a crença de que existe um real anterior ao nosso espírito, independente dele, e que não pode, em rigor, ser qualificado, mas que é susceptível de ser encontrado, sem absurdo, hipoteticamente especificado como matéria ou como Deus.

É à procura de um tal ser que Bernard d'Espagnat liga o próprio esforço científico, embora admitindo que a ciência não pode atingir a sua total descoberta, e que o real permanece «velado» (2). Análise tanto mais instrutiva quanto, obra de d'Espagnat, ela emana de um sábio que reflecte sobre a ciência. É então na ciência que se descobre, lado a lado com a

«subjectividade transcendental» de que falava Kant, uma exigência semelhante à que podemos encontrar na própria raiz da consciência afectiva, fundada sobre a certeza do ser considerado exterior ao nosso pensamento, e anterior a tudo quanto acrescentamos para constituir o conhecimento dito positivo, conhecimento que não diz, na realidade, senão respeito às «representações» do nosso espírito e depende, consequentemente, daquilo que o nosso espírito propõe.

Esta procura do ser, considerada ao mesmo tempo como evidente e como inacessível, no seio de uma convicção afectiva a que teremos de chamar «fé», encontramos-la em Proust, quando ele constata que nenhum amor pode ser satisfeito e que não é possível, como o deseja a exigência amorosa, atingir e possuir um outro «ser»: apenas podemos tocar «o envelope fechado de um ser que, a partir de dentro, acede ao infinito» (3).

Também a encontramos em Breton, escrevendo que o segredo do surrealismo «reside no facto de estarmos persuadidos de que algo se esconde por detrás» dos objectos visíveis (4).

Descobrimos assim que o ser persegue toda e qualquer consciência, e que a própria consciência intelectual, embora diferindo totalmente da consciência afectiva por transformar em objecto o que a afectividade ignora ou recusa, recebe o seu sentido do ser, e portanto a sua possibilidade de crer na realidade do que ela afirma, de uma consciência primitiva mais profunda, de uma fé que nenhuma demonstração saberia fundar.

De modo que a ciência moderna, como o racionalismo de Descartes, acabam por encontrar as suas raízes num saber afectivo.

O que frequentemente mascarou esta verdade, desclassificando o saber afectivo, é o facto de que este saber degenerou muitas vezes num pseudocognhecimento intelectual, opondo ao mundo da ciência um outro mundo, portanto um mundo objectivo errado, como o das superstições e o da loucura. Longe de ser anterior a qualquer julgamento, como na sua apreensão ontológica primeira, o saber afectivo depende nesses casos de juízos, inexactos, por meio dos quais o ser se encontra, não descoberto, mas «apresentado».

Ora, nós não pretendemos justificar a credulidade ou as convicções delirantes, como também não pretendemos defender as proposições ditadas pelo amor quando empresta

«objectivamente» ao ser amado qualidades ilusórias. As revelações afectivas são de outra ordem e não poderiam ser confrontadas com as intelectuais. A fé não pode contestar a ciência. A ciência não pode refutar a fé.

Convém então desconfiar da expressão «ser-no-mundo», adoptada hoje por tantos filósofos para definir o homem. Nós preferiríamos dizer, com Rimbaud: «Não estamos no mundo» (5). Mais exactamente, estimamos que o homem, movendo-se no mundo da percepção e da ciência, também vive alhures. É por isso que, na sua essência, o amor é louco. É por isso que os cimos da dor e do prazer nos fazem perdermo-nos, é por isso que a poesia é a única capaz de dizer aquilo que, sem ela, nunca seria dito. Estudando a poesia, os críticos dissertaram sobre a rima, o ritmo, a imagem ou a metáfora. Mas negligenciaram a essência mesmo da convicção poética, o facto de que os mais belos versos são afirmação, e afirmação de um real não científico e não objectivo. Isto é, no entanto, tão visível na poesia clássica como na moderna. Quando Fedra diz, ao morrer:

«E a morte, a meus olhos roubando a claridade, dá ao dia, que eles sujavam, toda a sua pureza», anunciando assim o que se encontra afirmado na Capital da Dor:

«Como o dia depende da inocência/ o mundo inteiro depende de teus olhos puros»; quando se lê, na Tristeza de Olímpio:

«A minha casa olha-me e já não me reconhece», e, em Uma Estação no Inferno (Delírios II):

«Ela foi reencontrada. / O quê? A eternidade. / É o mar misturado com o sol», não podemos pretender que Racine, Eluard, Hugo e Rimbaud se limitam a falar, de modo poético, do nosso universo, o universo da percepção e da ciência. Porque, nesse universo, olhos não poderiam sujar o dia nem engendar o mundo, nenhuma casa me olha, e não se encontra em parte alguma uma eternidade feita de mar e de sol. Não o que a poesia afirma é uma outra realidade, subtraída a toda e qualquer lei física ou lógica. Ela emociona-nos ao revelar-no-la, e então mostra-se inseparável de uma impressão de verdade ou, se quisermos, da crença específica numa verdade inerente ao que é preciso chamar um saber afectivo.

Nada deixar perder do homem

O saber afectivo não poderia constituir uma filosofia. A filosofia é discurso racional e obedece às leis da inteligência. Mas nós acreditamos que a reflexão sobre a consciência afectiva é uma condição necessária à formação da metafísica. Como viu, bem, Jean-Luc Marion, nós reconhecemos a consciência afectiva uma «função crítica» (6). Sem ela, o nosso movimento para o ser encerrar-se-ia, inteiro, na nossa crença na objectividade.

Se somos capazes de descobrir que a nossa adesão ao mundo objectivo não esgota a nossa apreensão do ser, é porque, noite após noite, o sonho nos recorda que podemos ter por real um universo desconhecido das leis da ciência, recusando a

estrutura do espaço e do tempo, o que aponta para a contingência dessas leis e dessa estrutura. Descartes não teria posto em dúvida o mundo da ciência se não tivesse, primeiro, sonhado. Kant não teria situado o universo científico no plano apenas dos fenómenos se a certeza moral aí o não tivesse conduzido.

O objecto não é o ser. É esta a verdade que, sob formas diversas, toda a filosofia afirma. E não se pode pretender que, ao fazê-lo, a filosofia justifica positivamente a fé religiosa, no detalhe dos seus dogmas. Mas ela estabelece a possibilidade daquela. Ela consegue, assim, nada deixar perder-se do homem. Porque o homem, decepcionado mas fiel, sofrendo mas esperando, dispõe de outras cuaridades que não as da ciência, para chegar até à luz. O conhecimento objectivo não contém todo o seu saber. Perto dele habita um saber afectivo, onde transparece a intimidade com o ser, o único a poder dar sentido à nossa angústia, ao nosso amor, logo à nossa vida.

(1) La vraie vie est absente. Arthur Rimbaud, Une Saison en Enfer, Délires I.

(2) Bernard d'Espagnat, A la recherche du réel, Gauthier Villars 1980; Un atome de sagesse, Le Seuil 1982.

(3) Marcel Proust, La Prisonnière, A la recherche du temps perdu, La Pléiade, Gallimard, III, pág. 386.

(4) André Breton, Point du jour, Gallimard 1934, pág. 90.

(5) V. nota (1).

(6) Jean-Luc Marion, L'Être et l'Affectation, Archives de Philosophie Julho-Setembro 1980, pág. 437. Estudo consagrado à minha obra La Conscience affective, Vrin, 1979.



que, se se pode desejar encontrar uma mulher sem pensar precisamente numa determinada mulher, isso só é possível na condição de aceitar que a mulher que se encontra é forçosamente uma determinada mulher).

Um exemplo do segundo caso seria a desmesura de Cecil Rhodes desolado por não poder anexar as estrelas do céu para o Império britânico. Ora um desejo impossível não é, de modo algum, um desejo desregrado, é um pseudodesejo que só se mantém através de um sofisma. Não

é, de resto, nada surpreendente que a ordem libidinal seja um terreno propício às aberrações lógicas. Mais espantoso ainda é o facto de a sofística libidinal ter investido desde a época romântica espaços inteiros da nossa cultura, que daí recebeu uma colaboração indelével de irrealidade.

Um sofisma é um falso raciocínio, isto é, não um raciocínio que seria falso, mas uma aparência enganadora de raciocínio. Mas, claro está, aquele que raciocina de travé, pensa sinceramente que está a raciocinar. Do mesmo modo, um de-

sejo logicamente impossível não é um desejo que, por pouca sorte seria impossível de satisfazer, é uma aparência enganadora de desejo. Aqui, a vítima do desvario dará a impressão de desejar, e de desejar qualquer coisa, o que mostra que a consciência de desejar não basta para garantir a realidade do desejo.

De um modo geral a descrição do desejo é submetida à lógica da descrição (não poderá compreender-se a frase **Pedro deseja ser o senhor do mundo** enquanto não se compreender o que poderiam querer dizer **Pedro tornou-se agora o senhor do mundo** ou **agora Pedro tem o domínio do mundo**.) Ora acontece o seguinte: quando um cálculo se torna complexo, o seu autor recia perder-se nele, e, à falta de uma prova formal, pede o auxílio dos seus semelhantes para o verificar. É natural que eu aceite o meu próprio cálculo se ele for aceite por outrem.

As coisas escangalham-se quando se adopta a política seguinte: se eu encontro alguém para me acreditar, mesmo que seja uma só pessoa, o meu desejo, seja ele qual for, não é vão. Sabe-se o partido que Freud e os seus discípulos extrairam da escuta das crenças de cada um. Ao mesmo tempo que o psicanalista ouve, o desejo impossível adquire um semblante de existência, que se perderá depois, com o fim da análise.

Muitos pretenderam construir na base desta prática uma «ciência» ou «teoria» através de uma manobra que dir-se-ia tirada dos personagens de Coccothau. Já que estes mistérios nos ultrapassam vamos fingir expli-

cá-los através de conceitos ainda mais misteriosos («o inconsciente», «o fantasma», «o significante», «o objecto a», etc.).

Por exemplo, como posso reprimir o meu desejo, ou a expressão do meu desejo, se este desejo, de acordo com a teoria, pode ser considerado como meu desconhecido? É o mesmo que dizer a um censor que corte um texto que ele próprio não tem o direito de ler por inteiro. Escorrega-se assim de uma descrição das condutas aberrantes para a lamentável tentativa de explicar aquilo que não se compreendeu porque não se pode compreender.

Quatro sofismas da libido

Eis alguns dos principais sofismas da libido:

1) **Sofisma do princípio e do sintoma:** tomar aquilo que assinala o desejo pelo próprio desejo. Geralmente um desejo é atestado por um começo de acção, no sentido de ser permitido atribuir um desejo de gozar fêrias a Paulo que modifica o seu emprego de tempo de modo a libertar-se, e não a Pedro, que multiplica os seus encontros. Ora uma iniciativa prática reduz-se materialmente a alguns gestos. Se confundirmos o desejo e os sintomas, teremos de afirmar que o desejo é uma mensagem vinda do corpo (o que significa neutralizá-lo).

Desejar seria esquivar um gesto sob o golpe de uma emoção. Ao dar-me conta do gesto esquivado, eu tornaria conhecimento do meu desejo. Mas, na verdade, raros são os desejos que se podem exprimir numa

linguagem puramente física. Talvez se conceba que o corpo pede para jantar, já se compreende menos bem que ele exija precisamente pato e não se compreende de modo nenhum que ele peça o pato que é servido na Tour d'Argent.

2) **Sofisma do gesto e do motivo:** substituir a expressão directa do desejo (o que diz o objecto) por uma expressão psicológizante (mencionando as sensações esperadas desse objecto). Segundo isto o desejo não influiria nas coisas mas na experiência das coisas.

Se assim fosse, uma pessoa que deseja dormir não quereria repousar mas ter a impressão de ter repousado. Um excitante teria o mesmo papel que uma boa cama. Para mais, tantos desejos diferentes, tantas sensações agradáveis diferentes. Devia ser possível especificar as sensações que correspondem ao desejo de vingança, ao desejo de estar amanhã em Paris.

3) **Sofisma do nome e do verbo:** fazer como se o objecto do desejo pudesse ser nomeado, quando ele só pode ser descrito. Por exemplo, Harpagon não deseja a sua querida cassette, deseja sim, que a cassette lhe seja entregue. Este sofisma, que faz com que se confunda o desejo e a simples atracção, observa-se frequentemente entre os profissionais da interpretação aos quais ele permite encontrar «no texto» não importa que intenção inconsciente segundo as necessidades da tese defendida. Exemplos: «**Desejo ajudar este jovem**» dá «desejo este jovem», e «**quero passear o Medor**» dá «quero o Medor».

4) **Sofisma do futuro e do**

condicional: considerar um «eu queria» igual a um «eu quero». Este sofisma permite fazer passar um simples anseio por um desejo autêntico. Ele engendra toda a gama dos desejos românticos (ser este senhor que passa, ser de outro sexo, ter nascido há mais tempo...) Podemos ver na indistinção do desejo e do anseio um traço especificamente de acção não pode fazer a diferença entre um desejo e um anseio, entre o que se pode e o que não se pode fazer.

A filosofia romântica do desejo professa uma doutrina baseada nessa confusão conceitual e que utiliza «a prova através das aspirações humanas». Eis essa prova: observa-se que o ser humano quer (na realidade quer) que houvesse outra coisa para além daquilo que há. Ora desejar é tomar um caminho que, segundo se espera, conduza ao objectivo em vista. Portanto há um caminho que talvez leve aquilo que é diferente do que há. Talvez haja portanto outra coisa para além daquilo que há. As aspirações, visto que são do desejo, não são vãs. Se se pode provar que a humanidade aspira a dias de amanhã que cantem, então é permitido esperar que esses dias de amanhã não de canter, etc.

Mas, tal como um tal desejo é uma aparência de desejo que recebe de uma série de equívocos a sua aparência de existência, também a filosofia que se encarrega de autenticar estas imitações é uma aparência de filosofia. Ela não é, ao contrário daquilo que defende, outra maneira de filosofar, assim como um pagamento em moeda falsa não é outra maneira de pagar aquilo que se deve.

Ópera de Pequim: uma arte total

Dir-se-ia que na Ópera de Pequim é tão importante saber cair como dar o «dó de peito» (ou satisfazer as exigências que, dentro da sua técnica vocal específica, a este correspondam em virtuosismo e bravura). Estamos perante um conceito de ópera como arte total que coincide teoricamente com o de *Gesamtkunstwerk* pelo qual Wagner tanto se bateu. Aproximação com a Alemanha, portanto. Não com a Itália, onde a rotina da ópera italiana no decurso dos séculos XVII e XVIII conduziu uma prática baseada no primado vocal e no desprezo pelas restantes componentes teatrais. Teríamos de recuar no tempo ou, talvez melhor, pensar noutro género teatral que decaí por essa altura — a comenda dell'arte — para encontrar em Itália algo de paralelo à ópera de Pequim: esse virtuosismo total do actor, na voz, no gesto, na agilidade e expressão corporais, na representação de todos os elementos audiovisuais que definem uma personagem e uma situação, um virtuosismo de que grande parte do público de Lisboa ainda se recorda dos não menos fascinantes espectáculos do *Piccolo Teatro* de Milão há uns anos, no S. Luiz (com «Ariéuim, servidor de dois amos», de Goldoni).

Foi nesta perspectiva de «comparação» com a experiência da ópera ocidental (de decifração segundo os nossos códigos) que procurei acompanhar «A Serpente Branca», uma ópera em oito actos da série apresentada pela Companhia de Dalian na Fundação Gulbenkian.

Concentração no actor

Todos os elementos cénicos são pensados em função do papel central exercido pelo actor. Este não se limita a actuar dentro de um quadro pré-definido pelo «cenário». Ele é o próprio cenário, o próprio «adereço», que não estão lá mas a que a sua mimica dá vida. Exemplos: a viagem de barco, a chuva. Significa isto a exclusão da ideia de «ilusão» cénica baseada em cenografia

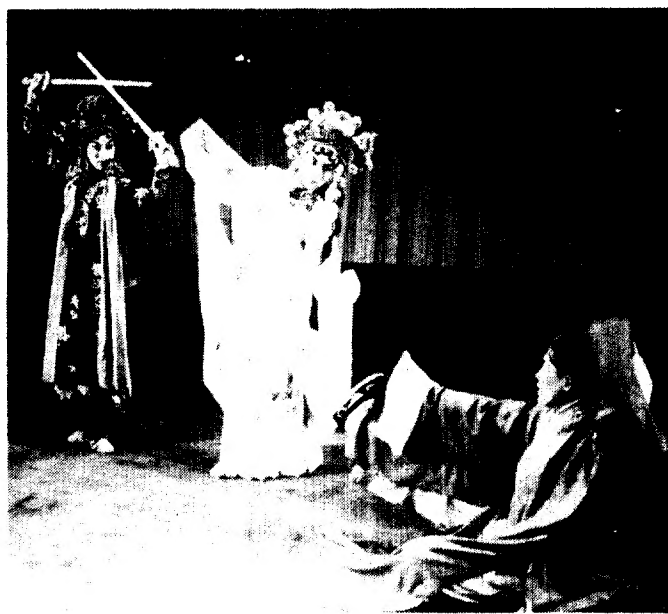


Imagem de «A Serpente Branca»

ou luzes. Em contrapartida: plasticidade do espaço, objectos cénicos, figurinos, tudo com a sua necessária e suficiente carga simbólica, tudo organizado numa linguagem coerente animada pelo actor.

Comparticipação de quem toca e quem vê

Se soubéssemos chinês, teríamos comentado (ao menos interiormente) algumas tiradas que nos eram de toda a evidência dirigidas. Reagimos instintivamente à aprovação ou reprovação que nos era pedida por tal ou tal personagem. Pressuposta a «correpresentação» do público. Não só do público: dos músicos, colocados em cena e que, se não se levantaram dos seus lugares para invadirem o espaço do actor (como acontece em recentes produções de óperas de Monteverdi encenadas para a TV por Pierre Ponelle), lá estavam a representar instrumentalmente com ele, quando não era o próprio actor a dar-lhes

o sinal de recomeçarem (outro momento de afastamento de um teatro de «ilusão», «naturalista»).

Motivos recorrentes

Música instrumental flexível, ditada pela fluência da representação. Actores e músicos ouvem-se uns aos outros e reagem com uma certa margem de improvisação (pareceu-me) dentro de regras e convenções pré-estabelecidas. Identifiquei alguns motivos recorrentes (não lhes chamaria leit motive, pois não se transformam), como por exemplo, aquele a que atribuí o significado de expectativa (aparece ao longo de toda a obra, em momentos de grande tensão dramática que antecedem um acontecimento decisivo para o curso da acção: quase sempre quando Xu Xian e o público esperam por uma reacção da Serpente Branca ou da Serpente Verde. Todo o discurso instrumental se diferencia, aliás, segundo a agógica, o ritmo, as altu-

ras e o timbre, em função da especificidade das situações. Estas diferentes variáveis caracterizam a feição de cada um dos motivos recorrentes.

Do canto à fala

Os actores utilizam todas as gradações da expressão vocal, desde o canto à fala, passando por formas próximas do recitativo, do arioso, do *Sprechgesang* (canto falado). A ideia de «melodia da fala», conscientemente estilizada (como em Janáček), pareceu-me também presente em vários momentos, se é que não dita toda a curva melódica dessas diferentes formas de expressão vocal. Os chineses que o digam.

A mulher e o erotismo

Nesta ópera as mulheres são as personagens com mais força, não apenas psicológica, interior, não apenas pela astúcia e a inteligência, mas também pela coragem moral e física, pela capacidade de lutarem e vencerem. São elas quem, afinal, acaba por dominar e conduzir o homem. China matriarcal, feminista? Destas mulheres de fibra, também as temos em Mozart: a Giunina de «Lucio Silla», a Constança de «O Rapto no Serralho», a Donn'Anna de «Don Giovanni». Mas na ópera de Pequim esse domínio exprime-se tanto através do virtuosismo vocal como do espantoso virtuosismo acrobático que elas revelam e lhes permitem vencer exércitos inteiros... de homens.

Depois, há permanentemente o desconhecimento do falso pudor que herdámos de séculos de cristianismo. Naquelas mãos, naqueles dedos, naqueles corpos, na subtilidade dos movimentos e das atitudes, nesse hino ao corpo e às suas possibilidades na arte, na guerra e no amor, está entranhada uma cultura erótica transmitida naturalmente de geração em geração.

Uma arte total para um homem total.

Mário Vieira
de Carvalho



Mick Jagger fala de mulheres e dos Stones

Somos a única coisa que resta do desastre

MADRID (IPS/COLPISA) — Foram muitas as mulheres que passaram pela vida de Mick Jagger, o líder dos Rolling Stones, mas muito poucas «deixaram marca», afirma o ídolo.

JC — Quantas mulheres na sua vida, Mick?

MJ — Muitas.

JC — E amores?

MJ — Um pouco menos.

Houve muitas mulheres na minha vida. Umas deixaram alguma marca. As restantes nenhuma, foram meros «flirts», meros passatempos ou romances de um dia.

JC — Não o envergonha confessá-lo?

MJ — Absolutamente nada e não é porque seja cínico. Quando começamos com isto decidimos praticamente dizer a verdade. As pessoas mudavam e o mundo estava a mudar e ninguém queria admiti-lo. Quanto a nós não negávamos que «pecávamos», não negamos a erva ou a droga dura. Não negamos amores e desvarios.

«As pessoas seguiram-nos, porque desejavam ser elas mesmas e não as deixavam e nós fomos um spro de vida. Apenas porque dizíamos a verdade.

JC — Qual foi das suas mulheres aquela a quem mais quis?

MJ — Não sei. Acho que não sei responder-lhe...

JC — Quantas vezes os Rolling Stones, sobretudo Mick Jagger, recusaram responder a um questionário similar?

MJ — ... (não responde).

Micke é o líder dos Rolling Stones e tem 38 anos. Mas recusa-se a dizer que amou Bianca Jagger, a mulher nicaraguense que procurava as capas das revistas sentimentais e que as encontrou com este jovem inglês, com quem esteve casada durante seis anos.

Sessenta mil pessoas foram assistir ao espectáculo que recentemente deram em Viena, quase meio milhão em Nova Iorque, e mais de 100 000 vê-lo-ão num espectáculo que vão dar em Madrid.

Gosto da solidão

«Somos — diz Jagger — a única coisa que resta do desastre, o que invoca a nostalgia nas pessoas de 40 anos e que agrada a aqueles que ainda não haviam nascido quando começámos, aí por volta de 1964».

Recentemente, Mike podia ser visto na discoteca «Studio

54» de Nova Iorque, com uma conhecida modelo inglesa, Margaret Ribbon. Há três anos, depois de dançar nessa mesma discoteca, passava as madrugadas com Margaret Trudeau. Foram várias as entrevistas em que disse:

«Nunca amei Maggie Trudeau. Éramos simplesmente bons amigos. Ela casou-se com um velho e quando se deu conta disso, cá estávamos nós para lhe dizer que era necessário viver, dançar, rir, chorar, amar, que a vida começa todos os dias, mas também porque termina diariamente».

A própria Margaret escreveu e ratificou isso no seu segundo volume de memórias: conheceu o amor com Jack Nicholson, com Warren Beatty, com Mike Jagger. Com este último — diz Maggie — divertiamos-nos como bons amigos, mas acabávamos no amor. Era lógico. Queríamos-nos demasiado e divertiamos-nos demasiado de forma a despedirmo-nos todas as noites como bons meninos e irmos cada um para sua casa.

Para Mike, aquilo não foi amor. Recentemente declarou a uma revista de Nova Iorque que «Maggie era como aquela princesa que queria viver, de modo que utilizava as pessoas e era, por sua vez, utilizada, pelos outros».

«Agora está melhor porque foi crescendo e a diversão a toda a hora esgota mais que o tédio. Ninguém acredita em mim, por exemplo. Ninguém acredita que goste da solidão, que durante nove meses do ano viva em minha casa e me preocupe com os trabalhos de Jade, o meu filho, com doze anos».

JC — Porque se divorciou de Bianca?

MJ — Não ligávamos. Fizemos um pacto de liberdade quando casámos. Cada um fazia a sua vida e não posso dizer que tenhamos sido muito fiéis, nem ela nem eu. Acabámos por não sentirmos nada um do outro. Todos diziam que acabaríamos por nos divorciar, até que um dia, quando já éramos dois estranhos, tivemos uma conversa e decidimos separar-nos. Era o melhor.

Contudo não foi fácil, e os conflitos surgiram. A nicaraguense da «jet society» pretendia 14 000 dólares mensais de pensão e metade dos proventos que Mike ganhara durante os seis anos em que estiveram casados. Essa metade, recorda-se, rondava os 12 milhões de dólares.

A Festa foi com Odetta

Uma mulher, corpo grande, sobe ao palco de um espectáculo morno numa noite fria. Odetta, vestida longo, viola na mão, fumo de incenso entre as cordas. Do exótico à admiração, vai o tempo para os que a não conheciam, do primeiro grito. Voz avassaladora, quente. O contágio é imediato. A adesão rápida. Quando a voz lhe falta, pede, em tom infantil, a presença de Josh White, amigo e companheiro de canções. Naquele momento, o palco principal da «Festa do Avante!» reconciliou-se com o seu passado, com o seu público.

Foi com Odetta, negra, norte-americana, cantora de «blues», «gospel» e «folk» que o auditório do palco I da edição 82 da Festa do semanário «Avante!» recordou, emoção viva, dádiva súbita, os inesquecíveis espectáculos de Chico Buarque, Yvan Lins e Somone.

Descontraída, chama para o palco num grito de ajuda e urgência Josh Wite. Numa corrida imediata, respondendo ao apelo, Josh entra pelo palco vindo do público. Procura a viola. Ao lado de Odetta não esconde um sorriso de ternura.

Cordas vocais potentes, cálicas, parecem interromper o público: «porque não cantam?» Vozes até então anónimas, dispersas nos gritos de uma euforia individual, vão-se chegando, formam um coro espontâneo.

Auditório rendido, o palco deixa de existir. Estende-se pela colina, torneia as colunas de



som, invade os bastidores. «Sentimos o calor do público, a sua energia, a sua resposta. Um artista não pode pedir mais», dizia, depois do espectáculo, por entre risos de dentes brancos, o negro Josh White.

Pouco tempo antes, os archotes, de papel velho ritual e símbolo da comunhão, iluminavam a

noite, feixe de luz tremendo e resistindo ao vento. Mãos dadas, erguidas bem alto, respondiam ao exemplo-apelo do palco. Entoava-se, num coro livre e determinado, «we shall overcome».

Odetta mostrava-se relutante em regressar ao camarim. Abraçada a amigos recentes, também

ela emocionada, respondia às perguntas com um riso estridente, quase infantil. «Não quero sair daqui. Não, não quero sentar-me. Os cubanos (grupo Moncada) disseram que iam tocar música para dançar. Eu quero dançar». Mais risos, beijos, e abraços enquanto que os oito membros do «Grupo Moncada» se preparavam para continuar a festa.

Depois, o espanto. Odetta dança ao som da música latino-americana. Acompanha com movimentos suaves uma homenagem a Che Guevara, avança pelo palco cantando e dançando o refrão de «Mama Mamaué». O auditório contagiado dança. Nos bastidores há festa. Os elementos que acompanham Danu Dibango, negros de outro continente, da África, não resistem. As duas bailarinas, «Sissi» e «Fofó», corpo balanceado, ensaiam pequenos passos, iniciam um «ballet», sorriso nos lábios. Adriano Correia de Oliveira ganha o palco, dançando por entre os elementos da organização.

Outros, mais tímidos, ficam por detrás da aparelhagem sonora. Risos, olhos brilhantes de felicidade, pés irrequietos, corpos contagiados.

«Isto é festa», comentava satisfeito o apresentador.

Era finalmente a festa, esperada e adiada desde o início da tarde de sábado.

Nuno Ribeiro

SEXTA-FEIRA, 9 DE JULHO DE 1982

Sete Ponto Sete **Sociedade**

Uma conversa com Werner Herzog

Fitzcarraldo ou os caminhos da utopia

Falta utopia ao nosso mundo, ao nosso cinema. Dir-se-ia que o novo filme de Werner Herzog, **Fitzcarraldo** nasceu de uma espécie de fantasma «som e imagem»: projectar a ópera italiana na floresta virgem, Caruso entre os caçadores de cabeças, uma mistura aberrante... Depressa o sonho da personagem parece sair do sonho do realizador. Fitzcarraldo (Klaus Kinski) conduz a sua história e o seu grupo em plena utopia, Herzog leva a sua equipa e depois o espectador por uma utopia análoga. Cada um tem o seu próprio barco, mesmo que ele só tenha dois milímetros, e o momento mais extraordinário da vida não será aquele em que se tem a loucura (como Fitzcarraldo) de o fazer subir uma montanha? Foram essas altura que seduziram Gabriel Garcia Marquez, jurado no Festival de Cannes.

Hervé Guibert e Hans-Georg Berger



«**F**ITZCARRALDO, diz Werner Herzog, é um filme sobre os sonhos, sobre os nossos fantasmas. Ele devia encorajar o público a seguir as próprias fantasias. Logo que o barco se põe a subir a montanha, toda a sala se agita, as pessoas tocam-se, fazem sinais, segredam entre si. Ninguém acredita que é a realidade, e, no entanto, o tempo que a imagem dura permite verificar que ela é verdadeira. Claro que só nos sonhos é que os barcos voam por cima das montanhas, e é também nos sonhos que temos a experiência da gravidade, que sentimos o seu peso, que sentimos como estamos presos à terra. O filme mostra o peso físico ao mesmo tempo que a sua ausência. Sempre desejei fazer um filme sobre o peso, e que pudesse dar ao público a sensação do seu próprio peso na cadeira em que está sentado. Eu queria que no fim do filme todos se sentissem libertos de uns trinta quilos. Quando a porta do cinema se abrisse, gostava que houvesse vento, por pouco que fosse, e que as pessoas se sentissem erguidas, arrastadas pelo seu sentimento.

— **Tal como o capitão e a equipagem conduzem o barco durante a viagem, você e a sua equipa levam o filme numa aventura semelhante...**

— Não gosto da palavra aventura, sou o último a procurar aventuras. Sou um trabalhador muito concentrado e considero as aventuras ambíguas e desagradáveis. Acontece que as necessidades podem ter um gosto de aventura mas é preciso que venham de um projecto.

— **Onde Fitzcarraldo mergulha a sua história na utopia, você conduz o cinema numa utopia análoga...**

— O sonho de Fitzcarraldo é também o seu verdadeiro trabalho, e o seu dever tornou-se o meu dever. A utopia é algo que sempre me ocupou muito. Quando tinha catorze anos quis fundar um Estado numa província da Guatemala, já era uma atitude mais utópica do que realista. Mas, se queremos fundar um Estado não podemos partir de uma utopia, temos de nos apoiar em vários direitos: o direito histórico, o direito nacional, e eu não tinha nenhuma

ideia disso, foi um fracasso. A única coisa que agora podia fundar não seria um Estado mas uma espécie de ordem religiosa. Não a entendo no sentido clássico dos franciscanos, por exemplo, mas uma grande parte do nosso trabalho tem uma afinidade com a maneira de viver e de produzir de uma «ordem». Há uma tendência artesanal, como entre os companheiros do fim da Idade Média.

— **É verdade que fazer com que uma montanha seja ultrapassada por um barco é um pouco um milagre moderno, mas um milagre artesanal, tal como um filme se torna um estaleiro e a utopia uma utopia — dinamite, lamacentas, mortífera, que vai em sentido oposto da ecologia...**

— É preciso recorrer às dimensões, senão dizem-se asneiras. No local onde filmámos vimos um espaço de quarenta metros de largura e um quilómetro de comprimento. Cortámos todas as árvores. A leste desse ponto há 3500 quilómetros de floresta e depois chegamos aos Andes. Sobrevoámos, durante horas, este oceano tranquilo sem fim. Para dar uma ideia de proporção basta imaginar uma enorme praia de 3 quilómetros de comprimento onde começamos a movimentar um grão de areia. Foi o que fizemos. A floresta volta a crescer muito depressa. Para construir a gare, no filme, tivemos de cortar muitas árvores. Três meses depois já ali havia plantas que nos chegavam aos ombros.

— **Que resposta dá àqueles que lhe censuram uma empresa racista ou colonialista?**

— Há racismo voluntários no filme. Os vendedores de borracha chamam «cus-nus» aos índios. Mas essa atitude é estranha a Fitzcarraldo. Não creio que o filme em si possa ser considerado racista. Pelo contrário, os índios têm nele uma dignidade que raramente se viu no cinema. Eles andavam de óculos escuros e com tee-shirts de John Travolta, e o filme ajudou-os a reencontrar e a compreender as suas raízes. As crianças de sete e oito anos perguntaram então aos pais: porque não nos cantam mais essas canções? Por que não no-las ensinam?

— **«Estive lá, é a prova»**

Quanto ao colonialismo, ele

toma sempre a identidade do outro. Neste caso, pelo contrário, a identidade renasce. Fomos objecto de campanhas incríveis, de acusações grotescas. Disseram que eu tinha violado os direitos do homem, que tinha mandado índios para a prisão, que lhes tinha violado as mulheres e devastado os campos, que os forçara a trabalhar como escravos sob a ameaça das espingardas. Houve pessoas que apareceram no local das filmagens com fotografias de campos de concentração, em que se via dois mil cadáveres em monte. Mostraram-nas aos índios e disseram-lhes que eu tinha participado nesses massacres e ia fazer o mesmo com eles.

Dois anos antes das filmagens tínhamos instalado o nosso primeiro campo na fronteira do Equador, a norte, numa região que acabava de ser ocupada pelos americanos: postos militares, poços de petróleo e bordéis improvisados. Um pipe-line atravessava brutalmente a terra dos índios. Estávamos num grande campo, mais vulneráveis do que os outros. Os índios não atacaram os militares mas incendiaram o nosso campo em sinal de protesto. A imprensa teve um papel falsificador. Por exemplo, o rio que se vê no filme é como uma auto-estrada com um tráfego, aviões que por ali pousam. Os índios usam calças compridas e fumam Lucky Strike. Os que vieram incendiar o nosso campo estavam munidos de walky-talkies e, na imprensa mostraram índios nus e com flechas...

Agora já estou calmo. Todas essas histórias, essas acusações foram verificadas e negadas pela Amnesty International, e a minha presença ajudou mesmo os índios. A maior parte destas histórias foram, de resto, fomentadas por jornalistas que nunca tinham ido à Amazônia. Não sou possuidor da verdade, mas vi com os meus próprios olhos, e, tal como Fitzcarraldo, posso responder aos cépticos com a história daquele francês que foi o primeiro a ver as cataratas do Niagara. No seu regresso, quando contava como elas eram grandiosas as pessoas que não o acreditavam, e lhe

perguntavam «Mas não tem prova nenhuma?», ele respondia: «Tenho. Vias.» É a minha posição. A minha prova é que estava lá e que participei.

— **Há semelhanças entre Apocalypse now e o seu filme: mesma desmesura do orçamento, mesmas filmagens misteriosas, mesmo rumor de megalomania. Que pensou do filme de Copola?**

— É um filme que não tem personagens mas figuras, e a que faltam detalhes, um filme que constantemente nos dá pauladas na cabeça. Com o orçamento de Apocalypse now eu podia filmar quatro vezes o Fitzcarraldo.

— **No filme diz que é preciso «crer». Num sentido mais geral ou mais particular que o religioso?**

— Claro que o filme tem algo a ver com a fé. Converti-me ao catolicismo aos catorze anos. Não digo que seja cristão. Creio que a fé cristã há séculos que só vive da sua própria substância. Não é uma religião adaptada à nossa civilização. A moda das seitas e da astrologia mostra como hoje as pessoas se sentem perdidas.

Para mim a religião tem uma relação com a imagem do homem, com as visões, com a moral. A literatura, a pintura não fazem mais do que definir o nosso estado interior e uma imagem humanista do homem. No sentido negativo podia muito bem definir a ética e perguntar como a Igreja católica: o que é o pecado? Tomaria um exemplo primitivo e responderia: o turismo é um pecado, a virtude está em ir a pé. Não num sentido atlético, ou, como o jogging. Para mim andar é outra maneira de viver e, neste caso, torna-se uma virtude. Mas é mais fácil organizar um catálogo dos pecados: chegará o dia em que os fiéis fanáticos irão com razão incendiar as agências de viagem, prevejo isso muito claramente.

— **«Conquistador do inútil», diz o barão da borracha, designando Fitzcarraldo. O cineasta não deve ser também um conquistador do inútil?**

— Sim, essa frase pode ser

utilizada como um tema, uma dedicatória, mas não é somente verdadeira para as pessoas que fazem cinema. Aqueles que constroem a catedral de Estraburgo também se abrem para a conquista do inútil... Se Luís II da Baviera tivesse tido uma máquina de filmar, teria podido fazer um filme como **Fitzcarraldo**, em vez do palácio de Neuschwanstein. Pertencem a uma tradição cultural que reúne Bach e muitos outros compositores e matemáticos. Aquilo que aqui fazemos, o «novo cinema alemão», é o resultado de uma cultura legítima, em contraponto com a barbárie do III Reich. Pessoas como Fassbinder, Achternbusch e eu fazemos parte de uma cultura popular; a verdadeira grande cultura alemã vem deste fundo austríaco e bávaro. Heinrich Böll, em comparação com autores como Thomas Bernhard, Handke ou Innerhofer, não merece o seu prémio Nobel. Alguém que tivesse nascido e crescido em Berlim ou em Hamburgo não teria podido conceber **Fitzcarraldo**. Do mesmo modo, o imperador Guilherme nunca teria podido construir Neuschwanstein. Pôde simplesmente organizar um grande exército.

— **Há na parte «reportagem» de Fitzcarraldo um aspecto «Conhecimento do mundo» (a água em fusão, o pôr do sol). Para si o cineasta também é um paisagista?**

— Para mim as paisagens são sempre estilizadas e postas em cena, assim como os animais e as personagens. E quando ponho em cena um animal, o frango hipnotizado de **Sinais de vida** ou o camelo de **Os anões também começaram pequenos**, dirijo-o. Recentemente fiz uma grande descoberta: a de um pintor holandês, contemporâneo de Rembrandt, Hércules Seghers. Nunca foi tomado a sério. Rembrandt comprou um dos seus quadros e modificou-o. Pintou paisagens de um modo que ninguém ousou pintar, mesmo no século XX, e é muito mais antigo e mais radical que Caspar David Friedrich. As suas paisagens são completamente irreais. Se as olharmos de perto verificamos que não existem, estão mais profundamente escondidas em nós do que os nossos próprios sonhos. Fez a litografia colorida de uma pequena paisagem e já não é a pintura da paisagem mas a pintura do medo.

— **De que maneira pode a música influenciá-lo?**

— As influências vêm mais da música do que da pintura (Schulz, Gesualdo, Carissimi) mas são difíceis de dizer as palavras. É a maneira de contar alguma coisa, o sentimento do ritmo. A maneira como um filme é recebido pelo público está muito perto da recepção da música, estamos ali e abrimos o coração e o peito para que isso aconteça. Num cinema temos sempre o peito aberto. O sentimento do espaço, num cinema, é semelhante ao que se tem da música. Não suportamos que nos perturbem. Podemos ler num comboio, com muito barulho, mas se estamos num cinema e que lá fora passa o carro eléctrico, sentimo-nos incomodados durante vários minutos, prejudicados na recepção do filme.

Contra Eisenstein por Pudovkine

— **Pensa ir a Hollywood?**

— Não. Se se vai a Hollywood tem que se trabalhar dentro da definição do cinema de Hollywood. É possível ter um pé no cinema americano e continuar a ser um cineasta bávaro, mas a definição é tão estreita que é na verdade necessário fazer um cinema que alimente os sonhos triviais de um público de massa americano. O filme deve ser compreendido no último drive in da província, ou então é colocado na categoria «foreign film», filme estrangeiro.

Veja o caso de **Wise Blood** realizado por John Houston, a partir de uma obra de Flannery O'Connor. Todos os seus componentes são americanos, e, no entanto, a indústria do cinema trata-o como um filme estrangeiro, porque o seu espírito é o da tragédia grega. O pregador fura os olhos no fim do filme, isso só existe entre os gregos, não passa na definição dos sonhos triviais. A história de um pregador que quer criar uma Igreja sem Cristo para cegos e paráliticos não pode ter êxito, portanto lança-se o filme no mercado periférico. Não, não tenho medo, nunca irei para Hollywood. Faria filmes como **Wise Blood**, que seriam, naturalmente, catástrofes. Mas acharia muito bem que Hollywood viesse até aqui, que Copola aprendesse algo de nós, que aprendesse a organizar momentos estilísticos.

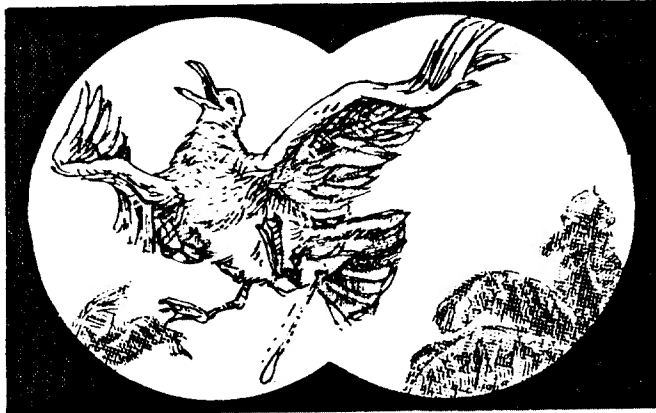
— **Porquê a referência nominativa à literatura anglo-americana em Fitzcarraldo? Fitzgerald e a Molly de Joyce foram para si alimentos especialmente ricos?**

— Não, claro que não. Pouco li de Joyce e creio que se tivéssemos sido contemporâneos, teria sido seu inimigo ou estaria, pelo menos, do lado contrário. Assim como me teria oposto a Abel Gance, e teria sido contra Eisenstein. Teria preferido Pudovkine. Quando vi o **Napoleão** de Gance fiquei, claro está, muito impressionado, mas as suas técnicas de montagem sugeriram-me um desvio grandioso. Para mim, a verdadeira vitalidade e substância da literatura e da poesia não estão onde está Joyce mas sim onde estão Hölderlin, Kleist, Büchner. É muito simplista isto que estou a dizer e precisava de dar exemplos. A verdadeira literatura faz-se a pé — Rimbaud e Villon foram a pé, Joyce não. Pudovkine está mais «a pé» que Eisenstein, e quando digo isto não se trata de concepções abstractas, mas sim da proximidade da terra. Lang é muito geométrico, prefiro Murnau. E Eisenstein — excepto em **Ivan o Terível**, que, para mim, é o seu melhor filme, uma obra do outro lado — lembra-me um cozinheiro que corta folhas de alface aos quadrados.

— **E agora, que está a preparar?**

— Parei com todos os meus planos. Todas as pessoas que trabalhavam comigo foram trabalhar para outro sítio. Vou caminhar a pé durante muito tempo e vou escrever enquanto caminho. Tenho um projecto muito concreto: um longo caminho...

Notícias da BD



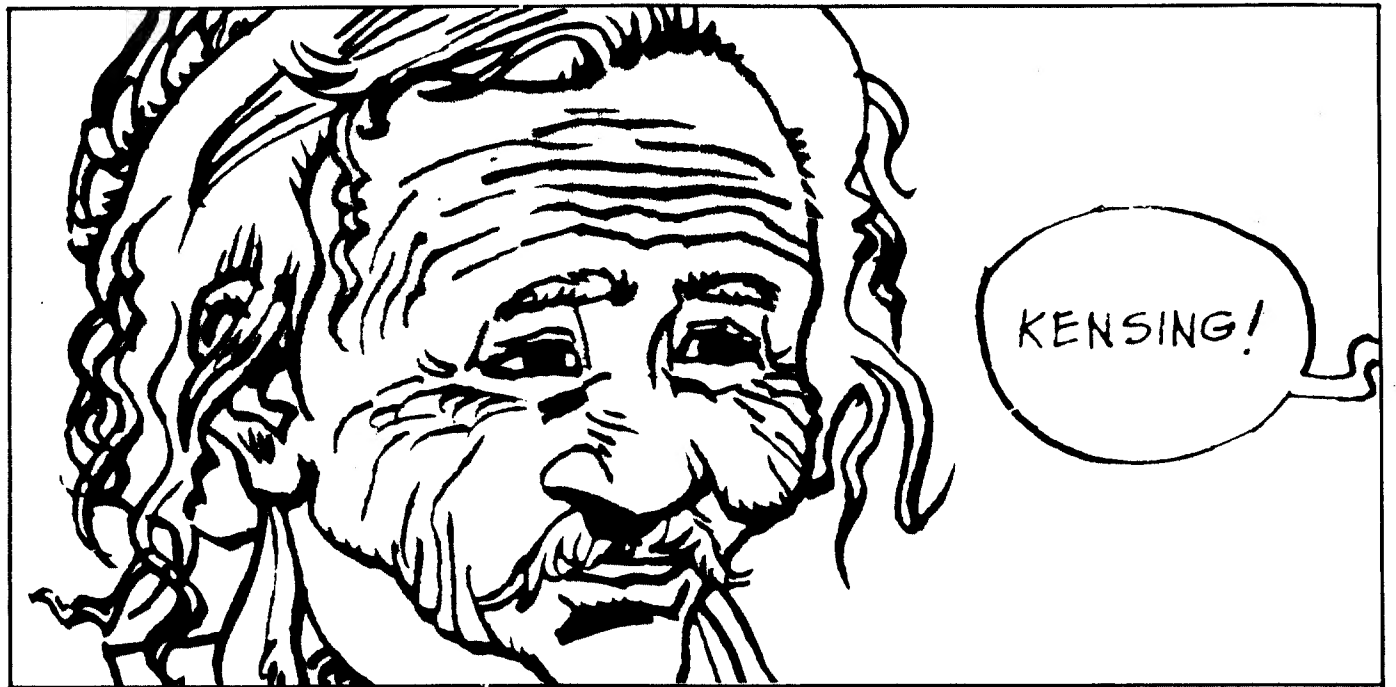
«(À Suivre)»

Já está à venda mais um número da revista francesa (À Suivre) editada pela Casterman, sob a responsabilidade de Louis Gérard. Neste número correspondente ao mês de Julho que temos?

Tardi e a guerra das trincheiras, para começar. Depois, Régis Franc e a «Soledad» de Tito (mais as paixões de uma Espanha que ainda não esqueceu a guerra civil, o Caudillo e as nacionalidades); o segundo capítulo das muralhas de Smaris (Shuiten-Peeters), Violeff e mais Alack Sinner (Muñoz e Sampayo).

Este mês, Corto Maltese está ausente, infelizmente; mas, como compensação, arranca «Les vacances des ridicules Poi-reaux», do notável Masse. («(À Suivre)», Julho-82, Edição Casterman).

Cosey, a reflexão interior e o Oriente



«Jonathan», de Cosey: a dimensão espiritual do homem

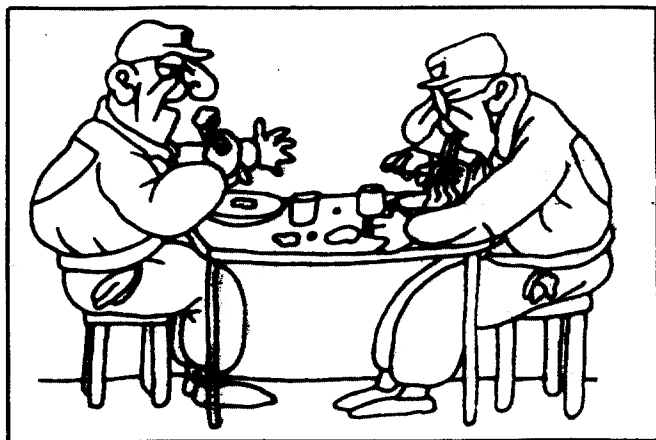


«O elixir do doutor Doxey»

Reúnem-se neste álbum da série das aventuras de Lucky Luke, duas histórias. A primeira, «Lucky Luke e o doutor Doxey», foi publicada no Spirou entre Dezembro de 1952 e Maio do ano seguinte. A segunda parte desta aventura, «Caça ao homem» viria depois a seguir naquela revista, publicando-se até Outubro de 1953.

A edição portuguesa surge quase 30 anos depois, pela mão da Meribérica. Tarde, mas não a más horas, entenda-se: Lucky Luke é Lucky Luke, o que significa venda e êxito garantido.

E depois, os tipos criados por Morris são qualquer coisa! Veja-se esta sátira ao médico-charlatão do velho Oeste... («O Elixir do doutor Doxey», de Morris, Edição Meribérica).



«Ada dans la jungle»

O autor do Ano do festival de Lucca - 76, Francesco Tullio-Atlan, depois de deambulações pelas Europas e pelas Américas, «entra» em Março de 78 na revista (À Suivre). Assim se satisfazia a curiosidade inicial dos leitores pela obra de um autor da «nova geração».

Tudo é político, parece querer dizer-nos este filho da aristocracia: nenhuma das suas bandas desenhadas, sustentam os seus admiradores, é completamente estranha à política.

A comprová-lo, as pequenas referências sarcásticas que se atravessam sob os desenhos de «Ada dans la Jungle», dando uma espécie de quarta dimensão humorística-ideológica à narrativa, incessantemente comentada e contestada pelo próprio autor.

Altan: um artista a seguir com atenção («Ada dans la jungle», de Altan, edição Casterman).

Um dia, a dimensão espiritual do homem chega aos quadrinhos. Exprime-se sob vários nomes. Um deles, é o de Cosey.

Há outros. Mas fiquemos, esta semana pela abordagem do caso exemplar de um suíço que chegou à banda desenhada, e lhe conferiu uma dimensão porventura nunca atingida.

«Jonathan», nome do herói que dá o título à série de Cosey, conhecida do público português através da revista Tintin, exprime uma ansiedade fundamental do nosso tempo:

A recusa do consumismo e do materialismo mais grosseiros, e a busca de uma outra realidade, contida potencialmente no espírito humano.

Dir-se-ia, como sublinha

Vasco Granja, que «Cosey mergulha-nos na meditação transcendental das origens do homem e do significado da sua presença no universo».

Pouco importa, aqui, considerar-se a opção de Cosey constitui a via mais adequada à nossa tradição cultural e espiritual, de ocidentais.

O certo é que as suas propostas constituem uma saída possível, que cada homem é livre de trilhar e explorar.

Com «Jonathan», estamos já longe da contestação pura e simples dos caminhos seguidos pela civilização industrial.

Mais distantes ainda, da pura afirmação exterior de uma diferença, mesmo que sem nexo ou conteúdo interiores.

De tudo isto, nos deu a BD norte-americano excelentes criadores, de Robert Crumb a Shelton e Jay Linch.

Era o tempo da distanciação face a uma sociedade marcada pelo consumo, pela impossibilidade de dar satisfação aos desejos e anseios da juventude, e pela morte da ilimitada confiança no desenvolvimento económico.

Mas a crise de valores na existência social e individual prolonga-se sem saída. E os anos vão passando, assistindo-se ao nascimento e morte de experiências, todas elas em busca do equilíbrio interior, e entre os homens, a natureza e a sociedade.

Cosey propõe, ao nível dos quadrinhos, uma resposta: os livros sagrados da Índia, a troca da cidade pelas montanhas do Tibete, a reflexão interior e o yoga.

O autor nasceu em 1950. Dezanove anos depois, estreia-se na BD com uma história de duas páginas no «Soir-Jeunesse».

jornal suíço de pouca tiragem.

O «vício» pegou. Trabalha durante algum tempo com Derib, outro suíço, autor de duas séries inseridas, de algum modo, nesta mesma corrente — «Yakari» e «Buddy Longway», com o qual aprofunda os seus conhecimentos da técnica narrativa dos quadrinhos.

Em 1975, afirma-se uma maturidade criativa, com o aparecimento de «Jonathan»: BD original e personalizada, revela um espírito adulto e uma concepção maturada do mundo.

Inquieto, questionador, exigente consigo mesmo, Cosey desenvolve ao longo de belas páginas uma narrativa apaixonante e muito bela.

Muito há ainda a esperar do suíço que um dia encontrou a BD.

Carlos Pessoa

Estórias de Portugal



O país está em festa!... A hora é de intenso júbilo. As alegrias que só o futebol pode dar na sua imensa comunicação já cá cantam quase todas graças ao Mundial. Difícilmente outro país do mundo terá na sua história desportiva tão completo somatório de êxitos, perfeitamente, escorreitos, qual bebé acabado de nascer em parto feliz, rosadinho nos seus quatro quilos e duzentos de chichinha. Só que os êxitos internacionais que este Mundial-82 nos proporcionou ultrapassam em muitas toneladas o peso do encantador rebento, rebentado tudo que de vitórias a antiga musa cantava colocando-nos no topo mais alto dos países que ao longo dos anos se foram consagrando na arte do chuto.

Ao princípio era a verba, o investimento grande, a maquia para os estágios, os prémios, as deslocações, os espíes, os hotéis, as reuniões, os congressos, e, vejam lá, até os jogos. E logo de início foi a eufórica aposta no retumbante êxito da nossa selecção até porque na nossa série predominavam as «peras doces», os «michurucos», os «mija na escada». Logo aí ganhámos, moralmente, com uma larguíssima vantagem. Houve crónicas, relatos, entrevistas, declarações, reconciliações, almoços, explicações, e, calculem, até se fizeram uns jogos que não correram lá grande coisa.

Não houve novidade de maior porque, felizmente e graças ao Havelange, o Mundial este ano era aqui ao lado o que constituía uma nova vitória para nós.

A Espanha está na Península Ibérica, nós estamos na Penín-

sula Ibérica, temos uma data de rios que nascem nas centrais nucleares em Espanha e vêm desaguar os peixes poluídos ao Atlântico português. Um campeonato em Espanha ou em Portugal é praticamente a mesma coisa. E, ainda por cima, a Espanha como organizadora tinha praticamente assegurada a ida à Final o que já é mais uma grande e saborosa vitória para nós. Portanto, com as provas de qualificação, a organização do mundial e a presença de nuestros hermanos na final já cá cantam três vitórias!... É excelente, principalmente se considerarmos que ao nosso dispor ainda tínhamos a mais importante de todas elas, a da consagração maior, o triunfo final, total: o campeão do mundo, estava assente seria o Brasil. Ora o Brasil é nosso irmão, fala a nossa língua, dança o nosso samba, bebe a nossa água-pé. A vitória do Brasil seria a nossa vitória mais estrondosa, a vitória da diáspora, dos acordos luso-brasileiros, do Camões e do Fernando Pessoa, da epopeia das Descobertas e das sagas gloriosas. Era a nossa quarta vitória retumbante no mesmo campeonato do mundo. Um tremendo barato!...

É claro que dizem para aí que para além da nossa qualificação não ter dado nem para ir comprar rebuçados a Badajoz, a organização do mundial está a ser pior que «Valha-me Deus», a Espanha não tinha equipa nem para ir comprar sucedâneos a Elvas e o Brasil tinha tanto que se lhe dissesse que o melhor é nem dizer nada.

Que tem isso? O Mundial ainda não acabou e para além destas quatro vitórias ainda temos, pelo menos, mais duas que não nos escaparão.

Os semifinalistas são europeus. Nós somos europeus. Uma vitória da Europa é nossa também. Já ganhámos. Parabéns. Mas ainda há mais.

Nas meias-finais há duas equipas latinas. Qualquer delas pode vir a ser campeã do mundo. Mesmo que nenhuma delas o consiga então não é uma loucura termos duas equipas latinas classificadas como a França e a Itália?!

Venha de lá um abraço. Apertem bem estes ossos.

Temos um futebol único. Vai de vitória moral em vitória moral até à desmoralização final.

Francisco Nicholson